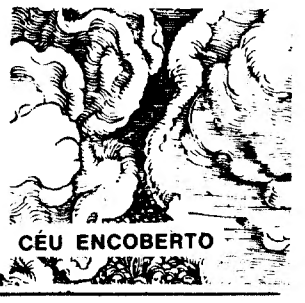
Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 1974 N.º 18418 — ANO 53.º — PREÇO 2$50



TORNADOS NOS E.U.A.: MAIS DE 200 MORTOS

O que resta de uma escola de Kennard, no Estado de Indiana após um tornado que a reduziu a um monte de escombros. A noite passada, uma série de tornados assolou uma vasta área dos Estados Unidos e do Sul do Canadá. Há pelo menos 235 mortos, várias centenas de feridos e milhares de pessoas sem lar, enquanto os estragos atingem mais de 540 mil contos. Algumas cidades norte-americanas, como Xenia foram parcialmente arrasadas. Os tornados coincidiram com um tremor de terra com a intensidade de 5 na escala Richter e epicentro a 200 quilómetros de Chicago. Entretanto, aquela cidade está a ser fustigada por ventos à velocidade de 104 quilómetros horários. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

Divergências

Bodas de prata sem brilho da Aliança Atlântica

BRUXELAS, 4 — (R.) — O estrondo dos aviões a jacto sobrevoando hoje o Quartel-General da NATO contrasta vivamente com o tom apagado da cerimónia que, no interior do edifício, se realiza para comemorar as bodas de prata desta aliança militar de 15 países.

Os vistosos festejos que se preparavam para o 25.º aniversário da Aliança Atlântica foram cancelados em face das divergências que reinam entre os Estados Unidos e os países europeus, que não conseguiram ainda chegar a acordo sobre uma nova declaração de princípios que actualize o tratado assinado há 25 anos.

Até há pouco, esperavam-se que às comemorações assistissem os ministros dos Negócios Estrangeiros de todos os países membros e o próprio presidente Nixon. Esses projectos, porém, sofreram um rude golpe no mês passado quando Nixon acusou publicamente os aliados europeus de se unirem económica e politicamente contra os Estados Unidos, cancelando seguidamente a sua anunciada visita a Bruxelas.

Assim a cerimónia de hoje reune apenas representantes diplomáticos e militares que se limitarão a ouvir um discurso proferido pelo secretário-geral da NATO, Joseph Luns.

Visivelmente preocupado com esta situação, «herr» Georg Hastl, o adjunto do secretário-geral para os assuntos políticos, avisou ontem à noite que as actuais divergências poderão ser aproveitadas pela União Soviética.

Hastl disse aos jornalistas estar convencido, no entanto, de que, embora de momento não se vislumbre como, os aliados voltarão a estar novamente unidos.

Para agravar ainda mais o panorama neste 25.º aniversário da Aliança, o general Johannes Steinhoff, presidente da Comissão Militar da NATO, num discurso de despedida ao abandonar o serviço activo, apontou graves lacunas do aparelho militar aliado.

Assim, o general salientou que, passados 25 anos, os 3 400 aviões colocados sob o comando da NATO ainda não estão equipados com um sistema único de reconhecimento electrónico.

32 páginas incluindo Suplemento Literário

Saldo positivo em 1973 na conta provisória do tesouro

..A conta provisória do Tesouro referente ao ano transacto, elaborada pela Direcção-Geral da Contabilidade Pública, apresenta um saldo positivo de 1142,3 milhares de contos tendo em conta as receitas cobradas e as despesas pagas dos orçamentos ordinário e extraordinário. O documento foi enviado pelo Ministério das Finanças e da Coordenação Económica ao «Diário do Governo», para publicação.

..Refira-se que, apesar do saldo referido, o saldo positivo real foi apenas de 42,3 milhares de contos, dado que o remanescente constitui uma cativação de receitas destinadas à cobertura, no corrente ano, de encargos cuja liquidação não foi possível concretizar durante o exercício de 1973.

..Em relação a 1972, as receitas ordinárias cobradas no ano passado registaram todas aumento, verificandose, nas receitas correntes, a percentagem maior no sector de transferências (60,4 por cento), seguido dos sectores de impostos directos (28,2 por cento) e taxas, multas e outras penalidades (28,1 por cento), venda

Continua na pág. 24

Possibilidade de vitória da esquerda francesa

NEW YORK, 4 (F.P.) — Agora, a perspectiva para a França são seis semanas de incerteza — acentua esta manhã o «New York Times», num editorial dedicado às próximas consequências da morte de Georges Pompidou.

Passando seguidamente em revista os prováveis candidatos à sucessão do presidente francês, o «NYT» cita Jacques Chaban-Delmas, «um liberal pró-europeu, amigo dos Estados Unidos», Valery Giscard D'Estaing, que «poderá fraccionar os sufrágios da primeira volta» e François Miltrand «um temível opositor».

A possibilidade de «uma vitória da esquerda não pode ser afastada», o que «conduziria a um período (...) de confusão política» — acrescenta o «NYT».

Por último, afirmando que não há nenhum candidato do centro capaz de se interpor entre as duas coligações, a da esquerda e a gaullista, o jornal de New York acrescenta que o general De Gaulle conseguiu provocar uma bipolarização do país.

O presidente Nixon paga quase meio milhão de impostos atrasados

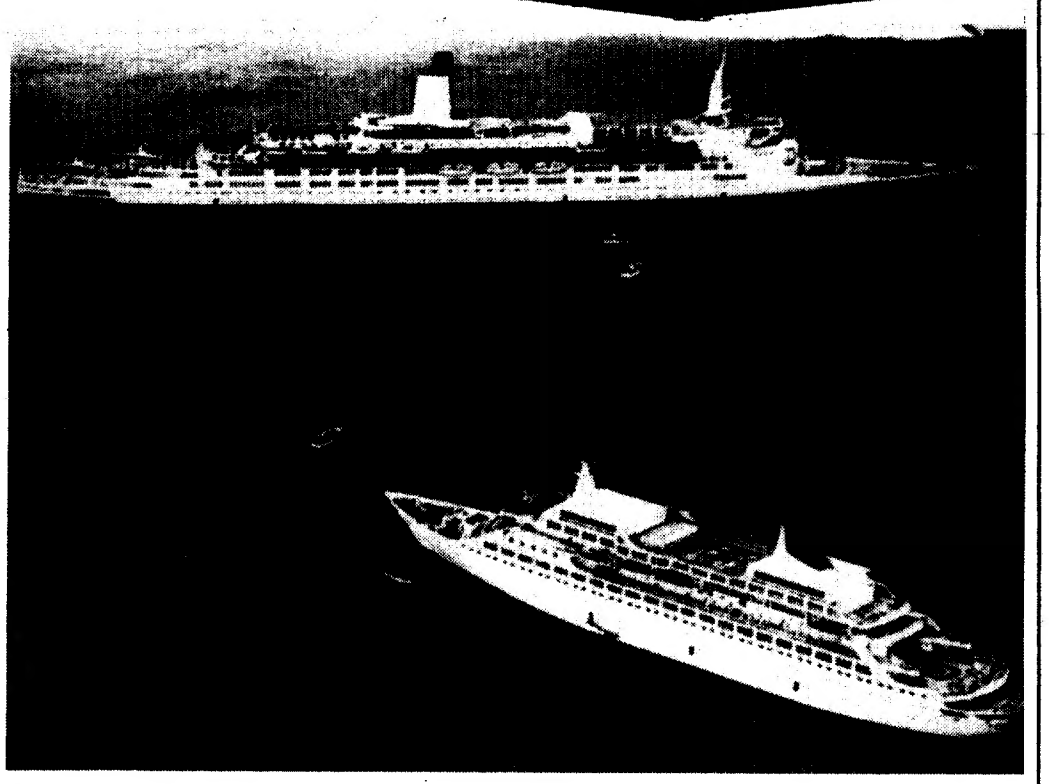
WASHINGTON, 4 — (FP) — O presidente Nixon vai pagar a totalidade dos impostos em mora, incluíndo os juros, que lhe são reclamados para regularizar a sua situação fiscal.

Aparentemente, o chefe do Executivo desistiu de contestar o relatório dos Serviços Fiscais que concluiram ser ele devedor de 432 787 dólares ao Estado. A esta quantia há a acrescentar os juros, que elevam para 476 431 dólares o montante devido pelo presidente.

A quantia reclamada ao chefe de Estado americano resulta de anomalias descobertas nas suas declarações de rendimentos de 1969 a 1972. O presidente Nixon, segundo os peritos, deduziu das suas declarações quantias a que não tinha direito. Além disso, Nixon omitiu a menção de lucros obtidos com o valor das suas propriedades.

Esta decisão do presidente Nixon vai reduzir consideravelmente a sua fortuna pessoal. Quando ascendeu à Casa Branca, era computada em 300 mil dólares e no ano passado em perto de um milhão.

Transferência de passageiros



À deriva, o gigantesco paquete «Queen Elizabeth 2» deitou ao mar as suas lanchas para a transferência de todos os passageiros para o navio holandês «Sea Venture» (em primeiro plano). O «Queen Elizabeth 2» foi obrigado a transferir os seus 1 630 passageiros no meio do Atlântico devido a uma avaria nas caldeiras, que o imobilizou. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

A falta de varão de aço

★★★

Os engs. Fernando Picaluga Nevado e Manuel Joaquim Monteiro de Barros, da direcção do Grémio Regional dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Sul, foram recebidos pelo subsecretário de Estado da Indústria, dr. Rui Vilares Cordeiro, com quem, na sequência duma exposição apresentada ao ministro da Indústria e Energia, trataram da solução do gravíssimo problema da falta de varão de aço para betão armado, situação que poderá ter consequências extremamente importantes no futuro da indústria de construção.

DESASTRE EM ÁFRICA

JOANESBURGO, 4 — (R) — Um avião DC-4 despenhou-se às primeiras horas de hoje em Francistown, na Botswana, e notícias indicam que perderam a vida 76 pessoas, na maior parte mineiros africanos, segundo revelou nesta cidade um informador de uma empresa mineira.

POMPIDOU SEPULTADO DISCRETA-MENTE

..O presidente Georges Pompidou foi hoje sepultado, discretamente, após uma cerimónia fúnebre em família na pequena Igreja de Saint Louis En Ile. Os restos mortais de Pompidou foram conduzidos esta manhã à sua última morada no modesto cemitério da aldeia de Orvilliers, nos arredores de Paris, onde possuia uma casa-de-campo. Apenas a viúva, os membros do gabinete e amigos íntimos assistiram ao funeral, de acordo com os desejos do falecido. *(R. e «DL»)*

Grupo A-Maiores 6 anos

TOIROS em VILA FRANCA

DOMINGO. 7 DE ABRIL - 74, às 4 e meia da tarde

1.ª DA TEMPORADA

8 TOIROS «PALHA BLANCO»

Mestre Batista
Luís M. Veiga
Forcados Amadores
do
MONTIJO

José Júlio
e
José Fuentes
O grande matador espanhol que faz a sua apresentação em Portugal

RESTAURANTE GALERIA REAL

SINTRA (S. PEDRO)
TELEFONES 98 16 61/2
(Informação aos nossos Ex.mos Clientes)

Hoje, as nossas SALAS e o BAR, estão totalmente reservadas a partir das 18 horas para um LANCHE DE CASAMENTO.

Nos próximos dias 5-6-7 e 8, reservado o SALÃO PRINCIPAL. No entanto, os habituais Almoços, Chás e Jantares serão servidos nestes dias, nas NOVAS SALAS DA GALERIA.

DOMINGO DE PÁSCOA
EMENTA ESPECIAL

CASINO de ALVOR

Grupo C – Maiores de 14 anos

Até 11 de Abril
Programa do Restaurante do Casino
às 23 h e 1 h
o extraordinário vocalista inglês
SAM HOMER
a espantosa acrobata
MARGHERITA FREDIANI
o moderno ballet inglês
TAKE FIVE
e a Orquestra do Casino

Sala de maquinas - Acesso livre a maiores de 21 anos
Sala de Jogos - diariamente das 17 h às 3 h
Penina - Telefone (0082)-23141

CASINOS DO ALGARVE

DL/NACIONAL

Funcionalismo público, outra vez

ASSEMBLEIA DIA A DIA

Por ARMANDO PEREIRA DA SILVA

Depois da aprovação de um voto de pesar pela morte do presidente Georges Pompidou, sob proposta do deputado Cancela de Abreu, mais um parlamentar chamou a atenção para a necessária melhoria da vida dos servidores do Estado. Foi um homem do Norte, muito activo nesta fase dos trabalhos de Assembleia, o deputado Mendonça e Moura. Perante a centena de colegas que o ouviram, pediu prioridade para o equacionamento da situação do funcionalismo público e para a definição clara do seu estatuto, em que «obrigações e regalias sejam mútua compensação e justa contrapartida umas das outras». O orador sugeriu uma actualização de vencimentos em percentagem maior do que o acréscimo de produtividade média, **como forma mesmo de melhor repartição da riqueza, regalias socio-económicas não inferiores àquelas que o Seguro Social já hoje garante à generalidade da população, promoções em tempo adequado, diuturnidades que contemplem aqueles casos e os diferentes cargos em relação aos quais a promoção não deva ou não possa já existir; reforma antecipada para os 65 anos de idade mínima, mas apenas obrigatória aos 70 anos, ou para os 36 anos de serviço com 60 anos de idade; redução do leque de vencimentos e estabelecimento de um vencimento mínimo sensivelmente superior ao actual, dado que entendo haver de garantir-se a todos os portugueses — funcionários do Estado como das autarquias locais evidentemente incluídos — numa base sã e justa, que a todos assegure um viver humanamente digno de ser vivido**. O deputado do Porto pediu, igualmente, uma política de habitação adequada às possibilidades dos servidores do Estado de menores possibilidades económicas.

OUTROS ORADORES

Em termos de interesse público, esta foi a intervenção mais importante do primeiro período da sessão. Antes daquele deputado, já o seu quase conterrâneo Gonçalves de Abreu (natural de Amarante) tinha re-chamado a atenção para os problemas do congestionamento do porto de Leixões, onde não existe capacidade de armazenamento de mercadorias, muitos barcos esperam na «bicha» e os transportes TIR complicam a situação, igualmente por falta de serviços e armazenagem próprios. Congratulou-se, contudo, com as medidas já anunciadas pelo Ministério das Obras Públicas, a que ontem fizemos referência. E pediu a subida do nível de vencimentos do pessoal efectivo da Administração dos Portos do Douro e Leixões.

Falando ainda de terras marítimas, mas lá mais para o Sul o deputado algarvio Leal de Oliveira lembrou a passagem do segundo centenário de vida da terra pombalina Vila Real de Santo António, importante centro piscatório e zona urbana de acentuada importância, às portas de Espanha. Ao mesmo tempo que obteve a certeza, pela voz do seu colega Veiga de Macedo, da recuperação da colónia termal de Tavira, Leal de Oliveira pediu que se acelere a construção da ponte sobre o Guadinana; que ande mais depressa a obra de abastecimento de água urbano-industrial ao concelho de Vila Real de Santo António e a construção da barragem de Odeleite; que se acelere também o estudo urbanístico do concelho; e que se estude a instalação naquela vila ou no seu «interland» de um pólo de desenvolvimento industrial, ao mesmo tempo que se preta apoio ao desenvolvimento cultural dos vilarealenses. O deputado agradeceu ainda certas medidas de carácter social anunciadas para o Algarve e voltou a lembrar o problema das funcionárias públicas casadas que não têm direito ao abono de família, por os maridos auferirem rendimentos acima de certa escala.

Exposição mais polémica foi a da portuense Lia Lello. Independentemente de ter condenado recentes acontecimentos no Instituto Superior de Economia, que levaram ao encerramento daquela Escola e a um comunicado da Reitoria da Universidade Técnica, que publicámos, aquela editora apoiou com grande entusiasmo um telegrama do Grémio dos Editores e Livreiros protestando contra a pretensão da Associação Portuguesa de Escritores em receber, juntamente com outras associações do género, dois por cento sobre o preço de capa das obras literárias editadas que tenham caído no domínio público. Esta posição e os argumentos em que se fundamenta merecem ulteriores considerações.

ORDEM DO DIA

Mais dois oradores subiram à tribuna para falarem da proposta de lei sobre transplantações de tecidos ou órgãos de pessoas vivas: Ricardo Horta e Leite de Faria.

Ambos deram o seu acordo na generalidade, o primeiro discordando de certos pontos do parecer da Câmara Corporativa, o segundo apoiando-os. Mas, no essencial, são concordantes.

Ricardo Horta afirmou que **onde se podem encontrar as maiores dificuldades é na harmonização moral e científica dos actos que hão-de materializar o pensamento do Governo**, expresso na proposta de lei em discussão. Defendeu o princípio da liberdade e voluntariado do dador, pois **doutra forma poderíamos cair em vícios de consentimento e até mesmo em verdadeiro imperialismo médico**. Para o presidente da Cruz Vermelha, devemos ficar cientes de que a aprovação desta lei não encerra tão delicado assunto, **visto vir inserir-se numa estrutura sanitária global que não satisfaz no campo da execução**. Este aspecto geral, de resto, norteou as restantes considerações do brigadeiro Ricardo Horta, preocupado com uma boa distribuição hospitalar, uma correcta administração e uma preparação científica adequada do corpo clínico do País. Acabou por mostrar a sua surpresa, por exemplo, face ao imobilismo a que está votado um estabelecimento que considera verdadeiramente modelar, como o Hospital da Gala, próximo da Figueira da Foz, onde foram gastas mais de uma centena de milhares de contos para nada — pois nunca foi utilizado. Espera, pois, que a lei se insira num todo a reedificar.

Quanto à apreciação de Leite de Faria, ela foi mais de ordem jurídica, na sua qualidade de advogado de barra. No fundo, o orador defendeu o princípio de que as transplantações só se justificam quando se tenha a certeza de que o receptor vai usufruir de novas condições de vida digna, útil e socialmente válida.

Este assunto mantém-se hoje em ordem do dia.

TEATRO AMADOR DA F.N.A.T.

ESPECTÁCULOS DEDICADOS AOS TRABALHADORES

Em 5/4 — no Teatro Gil Vicente — Barcelos
Pelo **GRUPO DE TEATRO DO CENTRO DE CULTURA E RECREIO «OLIVA» (C.A.T. N.º 287)**

«PATELÃO»
Versão de **Rui Lebre** da **«Farce de Maitre Pathelin»**
Grupo B — 10 anos
Em 20/4 no Cine-Teatro de Vila Viçosa
Pelo **GRUPO CÉNICO DO CENTRO DE RECREIO POPULAR DO BAIRRO DA BOA FÉ — ELVAS**

«A FORJA»
de **Alves Redol** **Grupo D — 18 anos**
Em 20/4 — no Teatro Curvo Semedo — Montemor-o-Novo
Pelo **SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA — GRUPO DE TEATRO «PROSCENIUM»**

«PERALTAS E SÉCIAS»
de **Marcelino Mesquita** **Grupo C — 14 anos**
Em 21/4 — na Casa do Povo de Aviz
Pelo **GRUPO CÉNICO DA CASA DO POVO DE ARCOS**

«MAR»
De **Miguel Torga** **Grupo B — 10 anos**
Em 27/4 — no Liceu Nacional de Faro
Pelo **GRUPO CÉNICO DO CENTRO DE ALEGRIA NO TRABALHO DO PESSOAL DA SIEMENS — ÉVORA (C.A.T. N.º 862)**

«O DUELO»
de **Bernardo Santareno** **Grupo D — 18 anos**

Este anúncio foi visado pela Direcção dos Serviços de Espectáculos

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

Por CALVET DE MAGALHÃES

Prioridade das prioridades

A oportunidade de acesso às conquistas do intelecto humano e à igualdade de condições para desenvolvimento das capacidades de todos, é velho problema

O ensino apresentado como autêntica missão social desde a «Declaração dos Direitos do Homem», que afirmava no artigo 22, que «a sociedade devia pôr a instrução ao alcance de todos os cidadãos», tornou-se prioridade das prioridades.

O desenvolvimento dos serviços de educação e a extensão das oportunidades educativas têm evoluído no sentido de se constituir uma plataforma comum a diversos programas políticos como meio de expansão de horizontes, liberdade de todos os indivíduos e promoção de igualdade social.

O princípio de igualdade das possibilidades ultrapassa, e de longe, o estreito âmbito do ensino que muitos querem preservar e manter. Pode-se no entanto observar a sugestão política ser ultrapassada pela procedência dada à redistribuição de algumas fontes de educação a favor dos que têm sido menos protegidos. Este princípio pode-se observar adstrito a vários e contraditários sistemas políticos. Mas o problema, que já se relaciona com a igualdade de oportunidades, torna-se muito mais preocupante no concernente à distribuição de oportunidades do que à sua extensão, à rede escolar.

A SEGURANÇA NOS PRÉDIOS DE GRANDE ALTURA COMEÇA NO PROJECTO

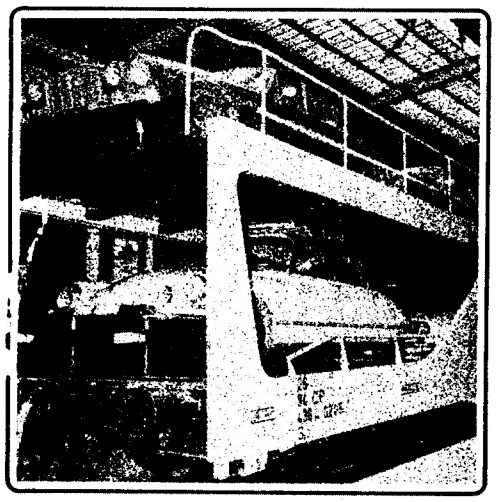
No momento em que os bombeiros de Loures estão preocupados por não terem quartel para armazenar o material que adquiriram destinado ao combate de fogos em prédios de grande altura, como recentemente foi realçado na televisão, um perito em incêndios, da República Federal Alemã, esteve em Lisboa a falar das precauções a tomar para prevenir os fogos naquele tipo de prédios que, quando acontecem, provocam dezenas e muitas vezes centenas de mortos.

O eng. Gunter Reinhardt veio para falar na sessão de encerramento do colóquio «Segurança nos prédios em altura», promovido pelo Centro de Prevenção e Segurança.

Salientou aquele perito alemão que a prevenção contra incêndios em prédios de grande altura começa na planificação dos referidos edifícios a não pode ser exclusivamente entregue a equipas de bombeiros eficientes, as quais pouco podem fazer se todo o sistema de segurança do prédio não estiver já previsto. Mostrou-se convencido que «a prevenção de incêndio pode ser realmente conseguida se as medidas de segurança forem estabelecidas conjuntamente pelos peritos das autoridades governamentais, departamentos técnicos do fogo e companhias de segurança, quando ainda em fase de projecto».

O eng.º Reinhardt frisou que os elevadores assumem um papel muito importante na segurança dos edifícios e, segundo a sua opinião, devem incluir portas corta-fogo e corta-fumos e um exaustor no tecto da caixa. Chamou a atenção para o perigo que constitui a existência de restaurantes, oficinas ou armazéns no rés-do-chão dos referidos prédios lembrando que o fogo num hotel da Coreia causador de centenas de mortos foi provocado pela explosão de uma garrafa de gás num café, situado precisamente no rés-do-chão.

Referiu-se a particularidades a serem levadas em conta na construção dos edifícios, à necessidade de existirem directores de incêndios, reforçando as suas palavras com exemplos extraídos da legislação e prática em vigor na Alemanha Ocidental e nos Estados-Unidos da América.



serviço diário AutoExpresso

Lisboa - Porto - Lisboa

informe-se nas estações e agências de viagens

Caminhos de Ferro Portugueses

Revolução verde

Há quatro anos, o biologista norte-americano Norman Borlaug foi galardoado com o Prémio Nobel por ter conseguido levar a bom termo a cultura de uma nova espécie de trigo.

O «trigo anão» de Borlaug tem uma grande resistência tanto contra as bruscas mudanças de clima como contra a utilização de excessivas quantidades de adubos artificiais e parecia, por isso, constituír uma vitória importante da «Revolução Verde».

Os agrónomos tinham uma esperança cada vez maior de ver essa revolução pôr termo ao espectro da fome num futuro próximo.

Há poucas semanas, o Prémio Nobel sublinhava a esse respeito:

«Há apenas meia dúzia de pessoas conscientes, em definitivo, do perigo que, ainda este ano, correm as populações do «Terceiro Mundo» e que consiste na possibilidade de virem a morrer de fome quaisquer 50 ou 60 milhões de pessoas».

Borlaug não é o único a manifestar este receio. numerosos cientistas europeus e americanos, conhecidos pela sua habitual reserva, declaram que as fotografias dos nómadas e dos camponeses da Etiópia, da Mauritânia, do Tchad e do Mali podem ser tomadas como o sinal percursor de um apocalipse que levaria à morte pela fome de cem milhões de pessoas nos países em desenvolvimento.

Por seu turno, John Knowles, presidente da Fundação Rockfeller, pensa que 900 milhões de pessoas em trinta países subdesenvolvidos no sul da Ásia, na América Central e na África estão ameaçadas pela fome.

A Organização das Nações Unidas para a alimentação (FAO) advertiu recentemente em Roma que a fome ameaça vários países em consequência da provável crise mundial da alimentação.

Nos últimos anos da década de 60, os peritos consideravam a evolução mundial no que respeita a alimentação com grande optimismo: A «Revolução Verde», a cultura de novas espécies de cereais, a utilização de terras até então incultas, especialmente na Asia e o reforço da produção de adubos artificiais tinham conseguido fazer aumentar de 27 por cento a produção mundial de alimentos entre 1960 e 1970. Isto parecia compensar suficientemente a explosão demográfica, e em 1970 o Canadá, os Estados Unidos, a Austrália e a Argentina tiveram os maiores excedentes da produção de cereais de toda a sua história.

Foram, porém, necessários apenas três factores essenciais para inverter esta situação no espaço de uma noite:

— O rápido crescimento da procura de forragens para alimentação de gado na Europa, nos Estados Unidos e no Japão.

— A estagnação o nível da produção de cereais na Ásia, e

— A estagnação do nível da produção de cereais na Ásia, dos Unidos e na Austrália.

Já em 1972 a situação alimentar do mundo se encontrava num equilíbio mais que precário — segundo o professor norte-americano de Economia, Millard Cochrane, salientando que qualquer factor inesperado podia deteriorar a situação de forma extremamente inquietante.

Ora, esse «factor inesperado» cedo entrou em jogo, quando os árabes quadruplicaram o preço do seu petróleo no espaço de seis meses.

É que o petróleo é a matéria-prima utilizada no fabrico de adubos artificiais, cuja oferta nos mercados mundiais começou já a baixar.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

SENHORES DO MUNDO

Não vou referir-me aos reis, na sua maioria turistas de oiro (pela força das circunstâncias) ou «publicrelations» à escala mundial. Não vou também referir-me aos gozadores da vida, donos de ilhas, de palácios, de «yachts», de aviões, que têm a profissão de se divertir, de amar e deixar de amar (porque o dinheiro não dá a felicidade), às vezes, nem sempre, uma segunda profissão de dar uma vista de olhos a grandes negócios, tão fortes que caminham por si. Os meus senhores do mundo são outros - pobres deles? Pobres de nós? - São outros e encontramo-los a cada passo.

Senhor do mundo é a pessoa que sem hesitar, com a força da sua razão, nos passa à frente na bicha do autocarro; a que se está nas tintas para quem já lá estava, humildemente à espera da sua vez, e faz com que a sirvam primeiro numa loja servindo-se para tal de uma voz forte e de uns ombros de assalto; a que no teatro ou no cinema põe os cotovelos à vontade nos braços da cadeira, sem pensar que está a invadir dois lugares que não lhe pertencem; o vizinho que abre de par em par aquela janela que dá para o saguão e põe o gira-discos ou o rádio a todo o pano, indiferente ao facto de incomodar dois prédios inteiros; o automobilista que ultrapassa pela direita porque isso lhe facilita a vida; tantos outros.

Para se ser senhor do mundo não é indispensável a riqueza, o poder, a loucura ou mesmo a má educação. É um estado de espirito com que se nasce, vive e morre. **O senhor do mundo — do seu mundo bom ou mau, fabuloso ou miserável — não pensa nos outros nem um bocadinho, e ignora que os prejudica. Ele tem pressa, gosta de estar bem instalado, aprecia a música a toda a altura, só isso.**

Quando os outros tratam de si e reclamam, o senhor do mundo fica muito indignado porque acha que estão a lesá-lo nos seus direitos. É um ser odioso e invejável.

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

Os nacionalistas curdos rejeitam o estatuto de autonomia

O general Bakr, presidente da República Iraquiana, anunciou numa alocução radiodifundida a promulgação de uma lei autorgando um estatuto de autonomia às regiões povoadas na sua maioria por curdos. O PDC (Partido Democrático Curdo), presidido pelo general Barzani, fez saber que as disposições da nova legislação, nitidamente insuficientes a seus olhos, são inaceitáveis.

A rotura parece consumada entre o poder central e o movimento nacionalista curdo, que dispõe, no Norte do país, de unidades de guerrilheiros bem armados. Não se exclui em Bagdade o recomeço das hostilidades entre as duas partes, a breve ou a médio prazo.

Nos termos da nova lei, o bilinguismo é instaurado no Curdistão, o qual será dotado de órgãos legislativos, executivos e administrativos distintos do governo central em Bagdade. «Departamentos» passarão a ser responsáveis pela polícia, pelos assuntos económicos, financeiros, comerciais, sociais e de instrução pública relativamente à região cuja capital será Irbil. No entanto, o governo central detém largos poderes de supervisão e de controlo, assim como a exploração exclusiva dos campos petrolíferos situados no Curdistão.

A LENTA DEGRADAÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE BAGDADE E O GENERAL BARZANI

Em 11 de Março de 1970, o regime baasista de Bagdade anunciava oficialmente a conclusão da paz com os guerrilheiros nacionalistas curdos no Norte do país, pondo, assim, fim a uma guerra civil lavrar que tinha durado perto de nove anos.

Nos termos de um acordo em quinze pontos, concluído entre o poder central e os plenipotenciários do general Barzani, o chefe dos «peshmerga» (combatentes do exército da resistência curda), Bagdade reconhecia os direitos nacionais dos curdos e a sua autonomia **dentro do quadro da unidade da República Iraquiana.**

A **fraternidade árabo-curda reencontrada** criava então em todo o país um clima geral de euforia. Em 18 de Março de 1970, uma comissão superior mista era constituída para supervisar a aplicação, dentro de um prazo de quatro anos, de todas as cláusulas do acordo. Em 29 de Março, cinco personalidades curdas entravam para o Governo. Em Julho, uma nova Constituição provisória, reconhecia os direitos nacionais curdos e era proclamada.

No entanto, a partir de Outubro de 1970, aparecem os primeiros sinais de desentendimento. Bagdade opõe o seu veto à nomeação de Habib Karim, secretário-geral do PDC (Partido Democrático Curdo) para a vice-presidência da República, fazendo valer o facto de este último **estar demasiadamente ligado aos iranianos.** Em Janeiro de 1971, o general Barzani acusa o poder central de organizar transferências árabes para os cargos de governadores de Kirkuk a fim de falsear os resultados do recenseamento étnico previsto para Outubro do mesmo ano. Esta região, rica em jazigos de petróleo, é considerada pelas autoridades do Norte como fazendo parte integrante da **terra curda**.

A tensão sobe rapidamente. Desde Julho de 1971, são assinados recontros no Norte do país entre unidades iraquianas e os «peshmera», que continuam em pé de guerra. Depois de ter escapado à justa, em 29 de Setembro, a um atentado, cuja responsabilidade é atribuída aos serviços secretos de Bagdade, o general Barzani endureceu as suas reivindicações. Exige principalmente a nomeação de curdos para o alto comando do exército e para o Conselho de Revolução, organismos cujos lugares estão reservados aos membros do Partido Baas, o verdadeiro detentor do poder. Em Novembro, o PDC repele o projecto de **pacto nacional**, proposto pelo Baas com vista a incitar o processo de democratização do regime com a participação dos curdos e do partido comunista. O PDC considera que só uma **verdadeira democracia**, que poria fim ao papel dirigente do Partido Baas no seio do Conselho da Revolução, do exército e do Governo pode restaurar o clima de confiança entre as duas principais etnias do país.

A NACIONALIZAÇÃO DA IPC

Depois da assinatura do tratado de amizade iraquiano-soviético, em Abril de 1972, seguido pela nacionalização do consórcio petrolífero da IPC, em Junho, as relações entre o poder e o PDC começam a deteriorar-se. Para este último, a aproximação entre Moscovo e Bagdade é duplamente inquietante: reforça, por um lado, a influência governamental sobre os jazigos petrolíferos de Kirkuk **situados em terra curda**, e favorece, por outro lado, a reconciliação entre os baasistas e o partido comunista iraquiano, única organização que tem no Norte do país uma implantação política e militar independente do PDC. Os comunistas iraquianos tinham sido até então os aliados e os companheiros de infortúnio dos autonomistas curdos, tendo sido, uns e outros, perseguidos pelos diversos regimes que se sucederam em Bagdade durante várias décadas.

As divergências que se ma-

Continua na pág. 16

DL/GERAL

COIMBRA

COMEÇOU O I CONGRESSO PORTUGUÊS DE REUMATOLOGIA

Com uma sessão solene no teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, começou hoje, naquela cidade, o I Congresso Português de Reumatologia, a cuja Comissão Executiva preside o dr. J. Mendonça da Cruz.

O programa científico do Congresso teve início às 15 horas, na Faculdade de Medicina, com uma conferência pelo cientista espanhol prof. P. Barceló, após o almoço que decorreu no Estádio Municipal.

Esta noite, os congressistas e acompanhantes participam numa recepção oferecida pelo reitor da Universidade de Coimbra, na Universidade.

Amanhã, após as sessões científicas da manhã e da tarde, os congressistas são obsequiados com uma recepção oferecida, em nome da cidade, pelo presidente do Município, e que decorrerá no Estádio Municipal. A noite, decorre no teatro Gil Vicente um sarau académico em que participa o Orféon Académico de Coimbra.

SEGUNDO COMANDANTE DA REGIÃO MILITAR

No quartel general do Comando da Região Militar de Coimbra tomou posse o segundo comandante da Região Militar, brigadeiro Degoberto de Coito Graça, que substitui naquelas funções o brigadeiro Henrique de Avelar, recentemente nomeado inspector da Arma de Cavalaria.

O comandante da Região Militar, general Franco Pinheiro, discursando na cerimónia, afirmou que «os oficiais de serviço na Região são do melhor que existe».

COMEMORAÇÃO DA BATALHA DE LA LYS

Por iniciativa da Agência de Coimbra da Liga dos Combatentes vai comemorar-se no próximo dia 9 o 56.º aniversário da Batalha de La Lys, assim se prestando homenagem aos combatentes da Grande Guerra de 1914-18.

Do programa consta missa na Igreja da Graça, às 11 horas, a celebrar pelo rev. José Martins da Veiga, deposições de flores na base do Monumento aos Mortos da Grande Guerra e dois minutos de silêncio com honras militares.

PEREGRINAÇÃO À SÉ CATEDRAL

Efectua-se no próximo domingo, às 16 horas, uma peregrinação à Sé Catedral, integrada nas comemorações do Ano Santo e promovida pelos Conselhos Centrais (masculino e feminino) da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

A concentração dos participantes far-se-á, pelas 15 e 30, no Largo da Sé Nova, presidindo à peregrinação o prelado da diocese, D. João Saraiva, processando-se depois no templo várias cerimónias litúrgicas.

A LUTA CONTRA O CANCRO

A pretexto da apresentação do relatório e contas do Núcleo Regional do Centro da Liga Portuguesa contra o Cancro, efectua-se na sede daquele organismo uma reunião entre os dirigentes e os representantes dos orgãos de Informação, durante a qual foram apresentados os resultados do exercício do ano findo bem como o programa das actividades previstas para o corrente ano.

Dessa actividade em 1973 salienta-se o prosseguimento da campanha sobre sinais de alerta do cancro, e a realização de sessões de esclarecimento em várias localidades do distrito e na Guarda onde foram projectados filmes e distribuídos folhetos.

Dada a experiência do rastreio em Condeixa-a-Nova, foram feitos vários estudos quanto ao custo da campanha e das possibilidades dela prosseguir noutras localidades, concluindo-se pela necessidade da criação de um Centro de Detecção em Coimbra, aberto a toda a população dos cinco distritos.

Do programa para este ano avulta a realização de cursos de fim-de-semana, para actualização de médicos; de uma jornada sobre «Exploração Radiológica de Glândula Mamária» em Coimbra e ainda uma «semana e atenção» destinada a todo o centro do País.

JARDIM-ESCOLA

Está aberto concurso até 6 de Maio para a arrematação da empreitada de construção, nesta cidade, de um Jardim-Escola João de Deus, ficará localizado na zona de S. José. A base de licitação é de 3.335.000$00.

O concurso realiza-se no Jardim-Escola João de Deus desta cidade, na Alameda Júlio Henriques.

Protocolo comercial entre Angola e Moçambique

LOURENÇO MARQUES (ANI) — A Secretaria Provincial de Comércio e Indústria de Moçambique distribuiu a seguinte nota oficiosa:

«Na sequência da política de aproximação entre Angola e Moçambique, de que são testemunhos os protocolos de 1972 e 1974, foi assinado pelos secretários provinciais de Economia de Angola e de Comércio e Indústria de Moçambique e pelos secretários provinciais de Finanças e Planeamento de Angola e de Planeamento e Finanças de Moçambique, estes também na qualidade de administradores dos respectivos Fundos Cambiais, em 8 de Fevereiro, o protocolo comercial entre os Governos Gerais dos dois Estados, que será submetido à aprovação da secção de Política Monetária do Conselho de Ministros para Assuntos Económicos, depois da homologação dos governadores gerais de Moçambique e Angola. Como principal característica do acordo ora firmado, evidencia-se uma maior consagração dos princípios de abertura recíproca dos dois mercados, com estabelecimento de metas quantitativas e qualitativas que concretizam o incremento que se pretende imprimir ao seu comércio, como base fundamental para um robustecimento do potencial económico conjunto dos dois territórios, e para aperfeiçoar a sua inserção no contexto da comunidade nacional.»

«Tal desiderato deverá ser alcançado dentro da máxima flexibilidade que, no entanto, não descurará a preocupação do equilíbrio das respectivas balanças de pagamento.»

«Não obstante, e relativamente a tabacos e têxteis a importar por Angola e a leveduras e contraplacados a importar por Moçambique, produtos considerados sensíveis para as suas economias, mantém-se ainda a necessidade de o seu acesso ao mercado se processar gradualmente durante um período de pelo menos 3 anos:»

«A fim de se evitarem práticas de 'dumping' ou de sobrefacturação e desvios de tráfego, foi estabelecido também um esquema de certificação de preços e de origem. A Direcção Provincial dos Serviços de Comércio emitirá oportunamente as instruções necessárias ao completo conhecimento e à adequada execução do regime adoptado.»

Tapetes de Arraiolos em exposição no Algarve

ALBUFEIRA — Uma exposição de tapetes de Arraiolos, da Fábrica D. Nuno, será inaugurada no sábado, às 18.30, no Hotel da Balaia, nos arredores desta vila. O estabelecimento abre assim o programa das suas realizações artísticas e culturais para a estação de 1974.

Uma das mais vincadas afirmações do génio artístico do povo português, os tapetes de Arraiolos, de tecelagem policromática, começaram a ser fabricados, manualmente, no século XVI. A gama dos motivos estampados é muito variada, indo dos arabescos miudinhos de origem persa às grandes teorias florais.

A exposição no Balaia estará patente ao público, diariamente, das 10 às 24 horas, até 21 de Abril.

ÍLHAVO

ROUBO DE PEÇAS DE OURO EM PLENO DIA

Perto da Lagoa, na Rua José Estevão, os gatunos actuaram com limpeza apesar do grande movimento daquela importante rua desta vila e da hora a que efectuaram o «serviço»: 11 horas. Quando a sr.ª D. Maria Eneida Coelho Patoilo, moradora na Rua José Estevão n.º 59, teve de ir a casa de uma vizinha, não teve o cuidado de fechar a porta de casa, deixando-a encostada, simplesmente. Pois em curto espaço de tempo (que não ultrapassou o quarto de hora), os audaciosos gatunos introduziram-se na residência e encaminharam-se directamente a um compartimento onde abriram uma gaveta de um móvel, retirando de lá algumas peças de ouro no valor de 10 mil escudos e 4 300$00 em dinheiro. A sr.ª D. Eneida queixou-se naturalmente na P.S.P. desta vila que procede a averiguações no sentido de tentar descobrir os larápios. Além destes terem actuado em pleno dia e num local de tão grande movimento, o que mais fez espantar toda a vizinhança foi o facto de os audaciosos gatunos descobrirem com tanta certeza o local exacto onde a senhora guardava o ouro e o dinheiro. Coincidência ou conhecimento? A P.S.P. desta vila procura activamente descobrir e averiguar o caso.

TARDE INFANTIL

O Grupo Excursionista «Os Económicos» leva a efeito no próximo sábado, na sua sede na Rua da Beneficência, uma tarde de convívio infantil para as crianças da zona, com exibição de filmes e distribuição de balões.

PROCISSÃO DOS PASSOS EM MONTARGIL

No próximo domingo realiza-se na vila de Montargil a tradicional procissão do Senhor dos Passos. O préstito religioso percorrerá as principais ruas da vila e o Sermão do Encontro com a Senhora das Dores será proferido no Largo de S. Sebastião, como é já tradicional.

A anteceder esta cerimónia, realiza-se, às 12 horas, missa de comunhão geral.

TV DL/ESPECTÁCULOS

DA MÚSICA, DO AMOR E DA VIDA

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

António Victorino de Almeida voltou ontem para nos falar de Schumann. Escrevi «voltou» à revelia da minha consciência. Parei para avaliar a situação. *Voltar* dá a ideia de regresso, claro, partiu para longes terras e vai um dia, voltou. Qualquer coisa assim como o filho pródigo. O que não dá a imagem correcta da situação. Na realidade, não houvera afastamento, digamos, por motivos de força maior: sucedeu apenas que na quarta-feira houve aquela emissão de futebol, *Histórias da Música* perderam na competência com a *Guerra e Paz* e teria de esperar mais 15 dias. Tudo somado, dá um mês. Muito tempo, em televisão.

Grave, no respeitante às *Histórias da Música*, porque leva à quebra de ritmo do espectador. De muitos casos sei eu onde os projectos se talhavam em função das *Histórias da Música*. A descontinuidade desfavorece. Enfim, sendo as coisas o que são ...

António Victorino d'Almeida voltou com Schumann. Num dos programas mais ricos da sua lavra. Uma emissão onde os motivos de interesse jorraram perdulariamente. Motivos que dariam para uma data de emissões.

Tamanha riqueza não pode, evidentemente, dar um programa fácil. Aliás, engana-se quem, a propósito das *Histórias da Música*, empregar a palavra facilidade. António Victorino d'Almeida não dá colo aos telespectadores. Quando um operário diz: «Gosto de António Victorino porque ele *quer* que a gente compreenda». Ora ele não apenas quer, ele *acredita* que as pessoas compreendam. Ele que faz? Troca por tostões? Facilita a papinha? Faz miminho de professor paternalista género «anda cá que eu explico»? Nada disso. António Victorino d'Almeida organiza; e da sua organização nesce a compreensão.

Talvez se pudesse falar de Schumann sem falar do Saladino, do Ricardo Coração de Leão, das cruzadas. No entanto, compreender-se-á melhor o *romantismo* de Schumann se se passar por determinada certa fase (certa face, certa espécie) de romantismo.

A palavra é difícil mesmo para os *técnicos*. Ter-se-á no entanto compreendido que o romantismo histórico da arte de Schumann nada tinha a ver com os devaneios mentais ou as mórbidas construções.

Mesmo para uma emissão excepcionalmente longa como foi ontem a de *Histórias da Música* o entrechocar de conceitos com dificuldade se ilumina de todos os ângulos. O mérito da emissão consiste principalmente no levantar da lebre e no despertar do desejo de correr após ela. Conhecer a música de Schumann — eis aqui o desejo que em tantos e tantos leitores terá despontado, mercê da arte de apresentador de António Victorino mas não só: o seu trabalho de realizador conta muito. E é isso que aumenta a riqueza televisiva das *Histórias da Música*.

Na verdade, para se compreender o que António Victorino nos está a contar não basta ouvi-lo: é indispensável acompanhar as imagens, não retirar os olhos do televisor, pois aquilo que as imagens nos estão a dizer acrescentam muito às palavras de António Victorino. Não se trata de mera ilustração: é como que uma linguagem paralela, é um *dizer* que António Victorino não poderia dizer.

E agora? Agora aguardemos a próxima emissão. Daqui a 15 dias, se entretanto nenhum directo se intrometer. Na televisão portuguesa dos nossos dias, quando não estamos a ver as *Histórias da Música* estamos à espera delas.

Mas ontem não houve apenas *Histórias da Música*: houve o fim da *Guerra e Paz*. Acabou em felicidade? Bem, acabou em vida.

Há dias na emissão de «o livro à procura do leitor» falava-se de estar a grandeza do amor na sua não realização. O amor de Romeu e Julieta comovaria tanto se, em lugar de morrer, tivessem caso, tido filhos e netos? O mesmo para Simão e Teresa. Evitando a banalidade, o amor sublimava-se, divinizava-se, ausentava-se para que o perseguissem.

Pura especulação. Para mais aplicada ao nosso Camões que levou o papinho cheio. Ontem, a derradeira imagem é a de um homem e uma mulher abraçados. Não em morte, mas em amor. E já tem filharada e tudo. E o amor enriquece-se com as pequeninas coisas que a vida lhe dá, um dente que nasce, por exemplo.

A sabedoria de Tolstoi consiste em não separar o amor, em não o segregar. Para ele, a vida não está no amor, é o amor que está na vida. Para quem ama a vida, cada dia é uma fonte de luta, de surpresa. Pedro não vive para a sua Natacha: vive para um todo de que fazem parte a Natacha, os filhos, a política A «liga» formada por Pedro lembra o Setembrismo e outros movimentos de agitação que acabaram por assumir outra filosofia, outra organização. Pedro não se fecha na sua concha; o seu amor vitorioso não o matou aos nossos olhos, pelo contrário: alargou-se em novas razões de vida.

Acredite, ó Poppe, a vida é muito mais rica do que você pensa.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Jorge, «Café Progresso» — SARDOAL

Exames de Direito na Universidade de Luanda

LUANDA (L.) — Uma comissão de alunos voluntários das Faculdades de Direito das Universidades de Lisboa e Coimbra avistou-se com o reitor da Universidade de Luanda, prof. Fernando Real, para apresentar uma exposição no sentido de que os exames do curso de Direito passem a ser realizados em Angola, enquanto não é criada na capital angolana uma Faculdade de Direito que aquele grupo de alunos, já muito numeroso, pensa justificar-se.

Parecer idêntico ao da comissão tem o governador-geral, a quem já foi posto o problema — e que teve a maior receptividade — bem como o reitor, prof. Fernando Real. Esta individualidade acolheu também do melhor modo a pretensão e tenciona apresentá-la aos ministros da Educação Nacional e do Ultramar na sua próxima ida a Lisboa, que se verificará no dia 17 do mês em curso.

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A | Lisboa
Rua Angelina Vidal, 63

GRIFO
FABRICO PRÓPRIO
DE MESAS EM METAL E ACRÍLICO
RUA CASTILHO, 201-B
LISBOA

ARTIGOS PARA BRINDE
Grande variedade a preços muito acessiveis
Casa Regional da
ILHA VERDE
Rua Paiva de Andrada, 4 (ao Largo do Chiado)

SÓ ATÉ DOMINGO — 2.º MÊS
MAYER CINEMA (Antigo Terraço do Capitólio) Telef. 32 74 93
Teatro da Cornucópia
A Ilha dos Escravos e A Herança
de MARIVAUX
Grupo C - 14 anos Esp. Sub. P. Gulbenkian
Hoje, às 21.30 horas. «Matinée» Sábado e Domingo

FESTIVAL CONCERTOS
ALGARVE 1974

Temos o prazer de comunicar ao Senhores Subscritores, que o «Festival de Concertos — Algarve 1974» prossegue no próximo dia 8 de Abril, com a apresentação da célebre pianista húngara Mme. Annie Fischer que interpretará obras de Beethoven e Schumann. Este concerto realiza-se no Cine-Teatro Santo António de Faro pelas 19 horas.

Outrossim comunicamos aos interessados que ainda se encontram alguns bilhetes à venda, nos seguintes locais:

— Quinta do Lago, Almansil, Tel. (0089) 94271/3
— Conservatório Regional de Música do Algarve, Faro
— Cine-Teatro Santo António de Faro, no dia 8 de Abril, das 10 às 19 horas

A COMISSÃO ORGANIZADORA

DINOSSAURO
EXCELENTÍSSIMO
José Cardoso Pires
6ª edição
30º MILHAR
135$
24 ilustrações a cores de Abel Manta
UMA EDIÇÃO DE PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8
Mem Martins

À venda em todas as livrarias ou enviando-nos o seguinte cupão de encomenda:
Enviem-me contra reembolso ..... exemplar(es) de *Dinossauro Excelentíssimo*
Nome:
Morada:
Profissão:
Publicações Europa-América
Apartado 8
Mem Martins

United Artists
TECHNICOLOR PANAVISION
grupo B 10 anos
"MAN OF THE EAST"
TERENCE HILL!
"...E AGORA CHAMAM-LHE MAGNÍFICO!"
SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK
4ª SEMANA!

DL/GERAL

Mais do que nunca se torna necessário que um país se baste a si próprio para evitar perigosos desequilíbrios na balança de pagamentos

....No passado dia 30 de Março reuniu-se a Assembleia Geral Ordinária da COMUNDO-Consórcio Mundial de Exportação e Importação, SARL, sob a presidência do senhor dr. Joaquim Luiz Gomes, tendo usado da palavra o presidente do Conselho de Administração, senhor João Anjos Rocha, o qual em complemento do Relatório do mesmo Conselho relativo ao exercício em apreço, proferiu as seguintes declarações, após ter relevado em seu nome pessoal e do próprio Conselho o apreço que lhe merecia a pessoa do dr. Joaquim Luiz Gomes, e a natural satisfação com que o viam no desempenho do cargo mais representativo da sociedade:

Meus Senhores:

Estão Vossas Excelências em mais uma reunião magna para apreciação do Relatório, Balanço e Contas do nosso exercício.

Direi só algumas, poucas palavras, não para prestar os esclarecimentos que me parecem já constarem exuberantemente do documento distribuído, mas das circunstâncias em que estamos a trabalhar.

Relembro hoje o pesadelo que originou às economias europeias a existência dos euro-dólares, que chegaram a atingir a cifra espantosa de 900 milhões de contos, os quais, além de existirem como dupla circulação fiduciária dos respectivos países, originaram nos países ocidentais tremenda pressão inflacionária e especulativa.

Ora depois desta crise, que provocou desequilíbrios graves, designadamente entre associações (EFTA e Mercado Comum) e países como os Estados Unidos e o Japão, surgiu uma nova crise: a do petróleo.

Há múltiplos aspectos nesta sucessão de factos que provocam sombrias inquietações sobre o futuro do Mundo. **Criou-se um novo tipo de mentalidade, (no que se refere às matérias-primas) consistente na apologia do poupar hoje para cunsumir amanhã;** e essa mentalidade logo afectou o ritmo de produção que era comandado pelas sociedades de consumo.

Não foi só a mentalidade: foi também a carência — melhor se diria, o regateio — dessas matérias-primas e a perturbação indisciplinada dos preços: países que passaram a receber em paga dinheiro multiplicado por factores nunca antes imaginados e as economias do mundo ocidental sujeitas a um novo perigo, semelhante pela natureza ao euro-dólar, mas superior na potencialidade da influência: as disponibilidades dos produtores de petróleo, que crescem à média de um bilião de contos por ano.

E, assim, por mais que se valorize o ouro (e valorizou-se muito no último ano) por mais que aumente a prestação do Know How, o fornecimento de máquinas, do material de guerra, tudo da tecnologia mais avançada e dos serviços mais especializados (e esse aumento tem contra si as fortes limitações dos próprios destinatários, desprovidos de estruturas para o seu desenvolvimento) as economias ocidentais não conseguirão, certamente, anular este excesso de disponibilidades. **E mais do que nunca se torna necessário que um país se baste a si próprio para evitar perigosos desequilíbrios na balança de pagamentos.**

Que se passou ou virá a passar em Portuga,?

Ao longo dos últimos anos, os emigrantes enviaram para Portugal cerca de cem milhões de contos de divisas. Foi com estas divisas que se supriu na última década o défice da balança comercial e se equilibrou a balança de pagamentos.

Isto significa que as divisas chegaram a Portugal e logo saíram para pagamento dos produtos e serviços importados.

Portanto, apesar de a circlação fiduciária ser a mesma, existe um potencial, contabilizado, de dinheiro extraordinário e que não foi aplicado onde mais conviria à sua salvaguarda: a produção.

Acontece que nesta altura as matérias-primas de que o País necessita e que são quase todas importadas duplicaram e até em certos casos quadruplicaram de preço e como não temos contrapartida na produção, desde há muito a nossa balança de pagamentos vai ser altamente deficitária. Claro que existe um factor de recurso: as nossas reservas-ouro que se valorizaram muito no último ano.

Internamente, operou-se um fenómeno curioso. Na impossibilidade de contenção de preços devido à rarefacção dos produtos ou devido à impossibilidade de o Governo pagar os diferenciais a partir do Fundo de Abastecimentos, certos desses produtos entraram em regime de liberdade de preços.

Pensar-se-ia talvez que a inevitável subida do preço produziria a retracção no consumo devido à diminuição do poder de compra.

Em vez disso, verificou-se que esse poder de compra não sofreu o menor abalo.

Os tais cem milhões de contos dos emigrantes; as verbas das últimas reivindicações salariais; os ganhos fáceis das operações não produtivas e os conseguidos a partir da liberação dos preços explicam o facto, que é, no fim de contas, redutível a esta verificação basilar: o dinheiro pedido aos adquirentes regressa à circulação e entra novamente no consumo.

Ora é patente, e o problema põe-se em termos particularmente agudos entre nós, que **necessitamos de travar a inflação e cercear o poder de compra que determinadas classes possuem.** E isso só se consegue aumentando a produção. Só a concorrência motivada pela produção logrará suster ou reduzir o processo inflacionário. Porém, como no contexto actual se torna difícil desviar dinheiros para a produção, só há um meio de atingir o objectivo: os impostos directos no consumo impostos na transacção.

Só assim será possível retirar do mercado grandes massas de dinheiro que não entrem novamente no circuito de compras — dinheiros esses que deverão entrar novamente nos mercados de capitais na forma de investimentos, ou seja, nos incentivos à produção.

Meus Senhores:

Transcorreu mais um ano. Fácil? Difícil?

..Suponho que toda a gente pesa mais a inquietação do futuro do que as lutas travadas no ano já decorrido. É força tomarmos todos uma consciência nova: a de que o sacrifício é, será necessário, mas ele só é fecundo se tem a explicá-lo perante todos a palavra, actuante e pronta, dos responsáveis da Administração Pública.

..Sem esse incentivo não pode haver a aglutinação das vontades e dos esforços que distingue as sociedades dinamizadas no progresso.

..Nós queremos progredir, ou seja, queremos viver. E esperamos que nos compreendam.

..Terminada a exposição do senhor presidente do Conselho de Administração e depois do senhor presidente da Assembleia Geral agradecer as referências feitas pelo senhor João Rocha, e de ter manifestado o accionista senhor Lúcio Tomé Feteira o qual expressou a sua admiração pessoal pelo senhor João Anjos Rocha, cujas qualidades de empresário e dirigente podia fundadamente testemunhar, e com a autoridade que para ele resultava do contacto e conhecimento com as figuras mais representativas da vida económica e financeira dentro e fora do País.

..A demonstração viva de tanto resultava iniludivelmente do que tem sido a sua acção à frente dos destinos da Comundo, coadjuvado por uma pleiade muito distinta de colaboradores, elevando assim a Comundo ao plano de relevo que ela atingira na vida económica portuguesa.

..Sublinhou ainda que em seu parecer o Relatório e Contas deviam merecer a unânime aprovação e o aplauso de todos os senhores accionistas, tendo situado a acção da Comundo no contexto económico e social portugues . O senhor Lúcio Tomé Feteira terminou a sua intervenção por sublinhar que as palavras que dedicara ao senhor João Rocha, situando-o como um lider invulgar, eram proferidas por um homem a quem a experiência da vida e até a maturidade inerente à sua idade o levavam a ser extremamente parco em referências deste tipo.

..Usou a seguir da palavra o accionista senhor dr. Cunha Leal, que depois de cumprimentar o presidente da Assembleia Geral — que disse ser «the riight man in the right place» — expressou a sua admiração e grande apreço pelas qualidades e carácter do presidente do Conselho de Administração.

..Disse depois que aderia inteiramente à opinião e aos votos expressos pelo senhor Lúcio Tomé Feteira relativamente ao Relatório e documentos do Conselho de Administração em apreço, uma vez que os resultados atingidos, e isto numa conjuntura que marcava gravosamente a economia internacional e a economia portuguesa.

..Terminou dizendo que embora fosse contrário a certos jogos florais, não podia deixar de consignar que, ainda que a Comundo fosse uma sociedade de capitais, pelo prestígio das pessoas que constituiam os seus corpos gerentes nos surgia como uma sociedade de pessoas e, sem querer menosprezar ninguém, ilustrava a afirmação com a figura do senhor João Rocha, em cuja inteligência, audácia e querer, depunha, coadjuvado por quem era, a certeza de um futuro ainda mais próspero para a Comundo, à qual se aplica paradigmaticamente o velho provérbio latino «viverá, crescerá e florescerá».

..Usou de seguida da palavra o accionista senhor general Mira Delgado que após cumprimentar o presidente da Mesa, disse que se associava por forma intensa e vibrante às referências feitas ao senhor João Rocha, dada a profunda admiração e estima que consabidamente lhe dedicava.

..O senhor presidente da Assembleia Geral depois de agradecer as referências que lhe haviam sido feitas pelos accionistas que haviam usado da palavra relevou as personalidades do senhor Lúcio Tomé Feteira, figura a todos os títulos singular, porquanto tem sido uma presença viva da inteligência empresarial portuguesa fora das nossas fronteiras, onde adquirira invulgar prestígio como industrial, do senhor dr. Artur Cunha Leal, que representava e continuava seu pai, nas suas qualidades e atitudes, sublinhando o que representara na vida e história portuguesas a personalidade verdadeiramente ímpar do eng.º Cunha Leal, e, finalmente, do senhor general Mira Delgado, em cujas qualidades personificava o Conselho Fiscal da sociedade, que transcendendo até as suas obrigações legais actuava quase como órgão permanente de gestão.

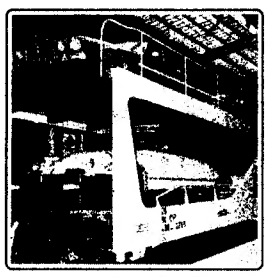
..Depois dos accionistas senhores Lúcio Tomé Feteira e dr. Cunha Leal terem agradecido as palavras do senhor presidente da Assembleia Geral, foram aprovados por unanimidade o Relatório, Balanço e Contas da sociedade.

..Por proposta do accionista senhor dr. Cunha Leal a Assembleia Geral deliberou dispensar a votação nominal do presidente da Mesa da Assembleia Geral, tendo sido eleito para o cargo, por aclamação, o senhor dr. Joaquim Luiz Gomes.

Hoje no Salão Restaurante apresentação única de

APOLLO STARS

INTEGRADA NA FESTA DE CONVÍVIO DE TRIPULANTES E CONVIDADOS DO IATE «APOLLO»



serviço diário AutoExpresso

Lisboa-Porto-Lisboa

informe-se nas estações e agências de viagens

Caminhos de Ferro Portugueses

Teatro Maria Matos

HOJE
às 21.45 horas
«MORTE DE UM CAIXEIRO VIAJANTE»
de Arthur Miller
M/14

Bilhetes à venda
Tel.: 717017

Matinée aos domingos às 16,00 h.
3.as-feiras
Descanso da Companhia

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pe,a «Casa Samuel» PAIVAS - AMORA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António Manuel. Rua José Elias Garcia, 32-B — PAREDE

DL/NACIONAL

Três militares mortos e dois outros feridos num acidente de viação

Três militares morreram e outros dois ficaram feridos numa colisão de veículos à entrada de Óbidos, junto à Capela do Senhor da Pedra, em que também sofreu ferimentos uma senhora.

Os militares, que pertenciam ao Regimento de Infantaria n.º 5 das Caldas da Raínha, seguiam num automóvel que foi chocar com outro veículo, conduzido por um farmacêutico daaquela cidade, que viajava acompanhado pela esposa e dois filhos pequenos.

E a seguinte a identidade dos mortos: Fernando José Dantas de Oliveira Guimarães, aspirante a oficial miliciano; João Maria Gonçalves da Costa, furriel miliciano, do Porto; e Armando Fernandes de Abreu, instruendo do C.S.M., também do Porto.

Os militares feridos, os instruendos do C.S.M. Afonso Henrique Magalhães de Carvalho e António José Policarpo Cristóvão, depois de receberem os primeiros tratamentos na Casa do Montepio Rainha Santa Isabel, foram transferidas para o Hospital Militar Principal de Lisboa. Naquele estabelecimento das Caldas ficou internada a esposa do condutor do segundo veículo, Maria Manuela da Silva Perdigão, nada tendo sofrido os restantes ocupantes.

VISITA AO NAVIO "ITHACA"

Realizou-se ontem à tarde uma visita ao cruzeiro grego **«Ithaca»** que anteriormente se chamava **«Amélia de Melo»** e pertencia a uma companhia de navegação portuguesa.

Os anteriores proprietários deslocaram-se ao navio, percorreram-no e fizeram comparações de **«antes e depois»** de ser vendido.

O **«Ithaca»** partia ontem para mais uma viagem de turismo pela Madeira e Canárias, tendo a bordo algumas centenas de passageiros. De navio de transporte misto, transformou-se num lucrativo navio de cruzeiro.

Bolsas de estudo de Belas-Artes

A Direcção-Geral dos Assuntos Culturais do Ministério da Educação Nacional abriu concurso, pelo prazo de sessenta dias, para a concessão de bolsas de estudo de especialização ou de aperfeiçoamento fora do País, no domínio das belas-artes..

Podem concorrer indivíduos diplomados com o curso das escolas superiores de Belas-Artes e com os cursos superiores do Conservatório Nacional, do Conservatório de Música do Porto e do Conservatório de Música de Braga, com menos de 35 anos de idade, ou «artistas e estudiosos de reconhecido mérito».

A indústria de panificação

Numa circular enviada ontem aos associados, a Direcção do Grémio dos Industriais de Panificação de Evora afirma que **se as actuais circunstâncias se mantiverem é inevitável a ruína da nossa pobre indústria de panificação.**

A Direcção gremial justifica a sua afirmação nos seguintes termos:

Com fortes razões para supormos que a nossa indústria, no decorrer do primeiro trimestre deste ano, veria resolvida a angustiante situação económica em que se encontra, fomos transmitindo essa confiança aos senhores agremiados que nos procuraram. Entrámos em Abril a continuarmos a ver aquela situação a agravar-se de dia para dia de forma assustadora. E acrescenta:

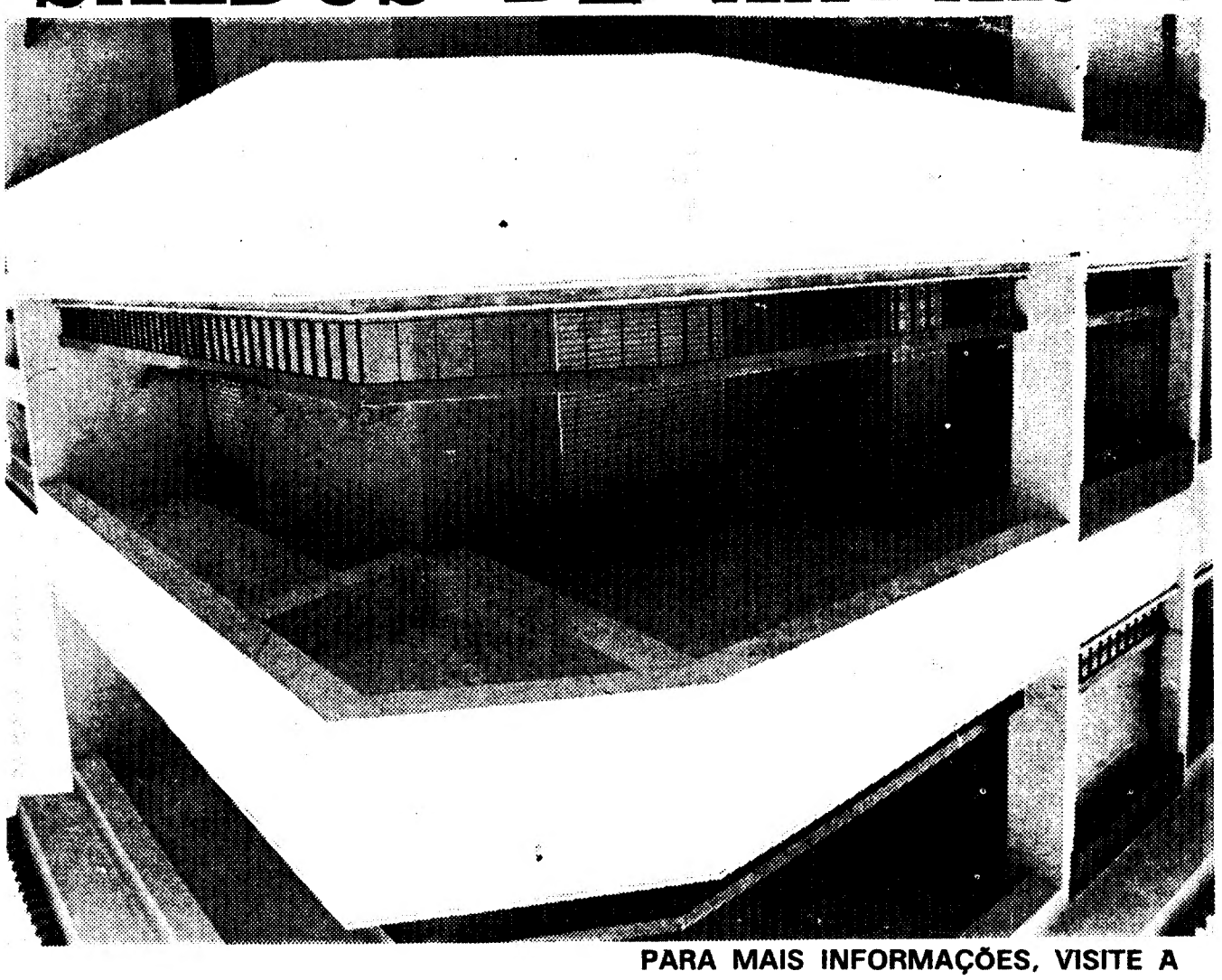
O Governo está, no entanto, informado, Com efeito, estamos convencidos de que. não tendo podido ser até ao momento presente. concerteza brevemente será dada à nossa actividade a situação que lhe permita não sossobrar.

DESASTRES DE VIAÇÃO

Um automóvel despistou-se esta manhã no Aqueduto Duarte Pacheco. O condutor do veículo ficou muito ferido encontrando-se internado em estado grave no Hospital de S. José. Trata-se de António Monteiro Alves, de 35 anos. Outros dois ocupantes, José Carlos Pires, de 24 anos e Fernanda Conceição Melo, de 23, todos residentes da Rua Biscoiteiras em Linda-a-Velha, receberam tratamento no hospital e regressaram a casa.

Também em estado muito grave encontram-se internados no Hospital de S. José, José Silvestre Arrais, de 26 anos, e Armando Domingos, de 27, em virtude das motoretas em que seguiam terem chocado em Tavira.

SALDOS DE ANDARES — NA PAREDE



BAIRRO JANITA

(Alto da Parede)

Devido à feliz propaganda, inédita em Portugal, de saldos de andares efectuados em Cascais, o construtor Reinaldo Lapinha informa que os referidos andares já se encontram totalmente vendidos.

Comunica que tem novamente em saldo três prédios acabados de construir e prontos a habitar, também para vender por andares, compostos de 3 e 2 assoalhadas, com grandes terraços e marquises e espaçosas arrecadações na cave.

E já se encontra em fase de acabamento a construção de mais 500 fogos.

PARA MAIS INFORMAÇÕES, VISITE A

SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES REINALDO LAPINHA & FILHOS, LDA.

NA RUA IRACY DOYLE, N.º 11-D, EM CASCAIS ● TELEFS.: 28 40 26, 28 44 25 E 28 31 52

JESUS CRISTO SUPERSTAR

A PARTIR DE AGORA

GRUPO C 14 ANOS

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1973

SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS, S.A.R.L.

Relatório do Conselho de Administração

Senhores Accionistas:

1. O exercício de 1973 marcou o início de uma conjuntura económica mundial caracterizada pela tomada colectiva de consciência quanto às limitações prospectivamente existentes no tocante aos recursos naturais e concomitantes dificuldades futuras em abastecimento de matérias-primas base. Esta conjuntura, desencadeada por factores de natureza meramente política, começou logo por se traduzir em restrições no fornecimento de combustíveis, a nível internacional, com largo reflexo nas economias nacionais mais dependentes e, portanto, mais vulneráveis.

O ano de 1973 parece, assim, ter iniciado um período em que se assistirá a uma lenta evolução para uma vivência socio-económica diferente, em que os incentivos psicológicos de massa haverão de colocar o acento tónico na necessidade de parcimoniosa utilização dos recursos naturais limitados e de protecção rigorosa ao meio ambiente.

As indústrias alimentares e, muito especialmente, aquela que constitui o fulcro de actividade da nossa Empresa são das que esse tipo de conjuntura menos poderá afectar negativamente em termos quantitativos, dada a sua natureza peculiar, embora não deixe de ser afectada em termos de custos.

Na realidade, o exercício de 1973 correspondeu a um período de crescimento acentuado para a vossa Empresa, não obstante se trabalhar num mercado vincadamente concorrencial.

Caminha-se, assim, ao ritmo desejável, na direcção dos objectivos em que se entrelaçam as exigências do económico e do social, numa equilibrada expansão.

2. Tal como em anos anteriores, a política de pessoal mereceu a mais cuidadosa atenção. Numa época propícia à criação de climas de tensão social, tem sido nossa preocupação dominante criar na Empresa um ambiente de confiante colaboração entre todas as estruturas humanas que a constituem.

Pretende-se que seja a Empresa a servir o Homem mais do que o contrário e essa orientação tem-se mostrado profundamente frutuosa, na medida em que através de acções de formação e valorização individual, de uma gestão participativa e da adequada informação, se consegue enriquecer o património mais valioso da Empresa que é o seu capital humano.

Decorrentemente da qualificação de todos os postos de trabalho existentes na Empresa levada a cabo no ano anterior, tem-se procedido paulatinamente à adaptação das situações aos resultados dessa mesma qualificação.

Outra das preocupações prioritárias tem sido a de velar pela melhoria permanente do nível de produtividade, uma vez que o empolamento dos custos de funcionamento é um dado circunstancial de muito difícil contenção. Daí que, a todos os níveis da Empresa, esta preocupação deva estar permanentemente presente nos espíritos.

3. A produção de cevada dística nacional em 1972 foi manifestamente insuficiente para fazer face às fortemente acrescidas necessidades das matérias. É certo que a produção, mercê de factores de natureza climatérica e cultural, não correspondeu às previsões iniciais; não é menos certo, porém, que a procura excedeu muito largamente também essas mesmas previsões e, assim, houve que proceder à importação do estrangeiro de largas quantidades desta matéria-prima base.

Infelizmente, como é geralmente conhecido o mercado internacional de cereais comportou-se em 1973 de uma forma perfeitamente anómala mercê, porventura, de acções especulativas a nível internacional e de outros factores e, deste modo, as cotações da cevada dística atingiram — e atingem ainda neste momento — valores verdadeiramente excepcionais, podendo dizer-se que o custo desta matéria-prima posta na fábrica passou quase do simples para o dobro.

Desnecessário será sublinhar o gravíssimo significado deste facto e a necessidade de nos abastecermos, na maior medida do possível, em cevada de origem nacional cujo preço, neste momento, é naturalmente inferior a estes valores especulativos. Na realidade, parece justo garantir à indústria nacional de malte que, durante tão longos anos, pagou a cevada dística nacional a preços substancialmente superiores, às vezes quase duplos dos dos concorrentes internacionais, parece justo, dizíamos nós, assegurar agora o fornecimento da indústria, em cevada, nacional, em condições compatíveis com a estrutura de preços do sector.

Tanto quanto sabemos, durante 1973 procedeu-se ao estudo da revisão da legislação em vigor para este sector da nossa Lavoura. Fazemos votos para que em 1974, possamos ver surgir uma nova legislação sobre a produção de cevada dística, mais consentânea com as reais necessidades da indústria e com as imposições de uma concorrência internacional que inelutavelmente teremos que enfrentar.

Já no que se refere ao lúpulo, a produção nacional tem-nos dado inteira satisfação, tanto quanto a preço como a qualidade e podemos registar, com muito agrado, a expansão que essa mesma cultura continua a ter, proporcionando compensadoras remunerações ao produtor e abastecendo não só a indústria nacional como, até, os mercados externos, onde se impôs pela sua alta qualidade e preço competitivo.

4. Durante o exercício a que nos reportamos, continuámos a ampliar os sectores fabris mais estreitamente ligados à capacidade de armazenamento de produto e a melhorar o nosso equipamento no sentido de uma cada vez mais larga automatização das operações de produção e de embalagem. Assim, em 1973, ficou instalada na fábrica de Vialonga uma nova linha automática de lavagem e enchimento de barris, cotada com o equipamento mais moderno.

Procedeu-se, igualmente, à encomenda de mais 6 tanques de fermentação e guarda tipo «out-door», os quais irão entrar em funcionamento em 1974.

Também, para a fábrica n.º 2, de Coimbra, se encomendou uma nova linha de enchimento com a capacidade de 60 000 garrafas por hora, tendo sido concluído um novo e muito maior armazém para produtos acabados.

Tendo em conta as necessidades impostas pela expansão das nossas vendas, que é fruto de uma marcada e conhecida preferência do público pelos nossos produtos, preferência esta a que nós temos o estrito dever de corresponder, foi apresentada às autoridades competentes, no decurso de Abril de 1973, um pedido de aumento da capacidade de produção da nossa fábrica de Vialonga.

Todos estes novos investimentos, programados e realizados, exigem, como se calcula, imobilizações financeiras anuais muito elevadas, tratando-se, como se trata, de uma indústria marcadamente intensiva em capital.

Como sempre temos feito no passado, continuamos a considerar a qualidade dos nossos produtos como a mais eficaz arma comercial na viva competição que caracteriza o mercado das cerveias e refrigerantes. Assim, atribuímos prioridade absoluta ao controlo da qualidade e à permanente e cuidada actualização tecnológica da nossa gestão industrial.

5. O mesmo rigor e a mesma actualização de processos usamos nós no domínio — ainda mais delicado porque dependente de factores mais psicológicos do que técnicos — da comercialização dos nossos produtos.

Durante o ano de 1973 o mercado revelou características de grande competitividade, mas a posição relativa dos nossos produtos não se deteriorou, antes melhorou significativamente, em relação à situação no final de 1972.

Continuámos também, neste exercício, a proceder à implantação e reorganização das nossas estruturas de venda e distribuição na zona ao Norte do rio Douro, encontrando-se planeada a abertura de um outro entreposto para além do já existente na cidade do Porto.

Os próprios Serviços Comerciais centrais têm de adaptar-se constantemente às exigências do mercado, sobretudo num ano como o de 1973, em que o acréscimo das vendas, em relação ao anterior, rondou os 50 por cento. Crescimentos desta ordem não traduzem, evidentemente, a característica tendencial do mercado, tenha-se em vista o crescimento verificado em 1972. Mas factores de vária ordem podem explicar saltos tão bruscos como este, para além da já citada excelente imagem de que gozam os nossos produtos, como sejam, por exemplo, as condições de tempo extremamente favoráveis e um aumento muito generalizado e marcado do poder de compra em determinados estratos populacionais.

O lançamento, também em 1973, da cerveja «Carlsberg» de alto prestígio internacional e por nós fabricada sob licença, constituiu um êxito assinalável, porquanto a mesma, com as suas características de cerveja «especial», rapidamente concitou o geral agrado.

O ritmo de crescimento das vendas de refrigerantes foi ainda superior ao verificado em 1972 (30 por cento), pois situou-se nos 32 por cento, constituindo um incremento de salientar, dadas as condições de mercado em que se actua, aliás, já referidas em anteriores relatórios, em que a uma competição desordenada se alia um tabelamento de preços injustamente igualitário que não distingue a qualidade, nem de produtos, nem de métodos de fabrico.

Sem embargo, continua a verificar-se uma marcada preferência do público pelos refrigerantes «Schweppes», dada a excepcional qualidade dos mesmos e a penetração cada vez maior da nossa força de vendas.

Ao falarmos da comercialização dos nossos produtos merece menção muito especial a actuação dos nossos Agentes que, com a sua dedicação e indiscutível eficiência, muito contribuiram para o incremento verificado nas vendas, não só de cervejas e refrigerantes, como de Água de Luso e vinhos da nossa associada «Adegas Camilo Alves».

Como se pode ver pelo gráfico inserto neste Relatório, a exportação de cerveja e outros produtos, contribuiu muito sensivelmente para reforçar as nossas vendas e poderiam as mesmas adquirir ainda maior expressão, se pudéssemos compensar o acréscimo de custo com os transportes com preços de matérias-primas pelo menos idênticos aos que são correntes nos países potencialmente importadores.

6. Focando agora a evolução da nossa Empresa, durante o exercício de 1973, sob o ponto de vista patrimonial e financeiro, diremos que o facto mais importante a salientar é o que se refere ao aumento do capital da Sociedade, de 300 mil para 550 mil contos.

Pela primeira vez na história da Empresa, uma significativa parte deste aumento foi aberto à subscrição pública, tendo sido, já no decurso de 1974, solicitada a admissão das nossas acções à cotação na Bolsa, admissão esta que esperamos ver concretizada muito proximamente.

Igualmente, foi reservada para o nosso pessoal uma parte da mesma emissão.

Revestem-se estes factos de grande significado, por corresponderem a uma nova fase na vida da nossa Sociedade.

A subscrição constituiu, como se esperava, um grande êxito, tendo o montante da emissão destinada ao público sido coberto cerca de 93 vezes, dado que foram apresentados pedidos para 4 637 700 acções, numa emissão de 50 000. Este facto veio tornar extremamente complexas as opções de rateio a que fomos obrigados.

Durante o exercício em análise foram realizados investimentos no montante de cerca de 233 milhares de contos, dos quais cerca de 83 mil contos em vasilhame, 43 mil em equipamento industrial, 8 mil em material de transportes, 7,4 mil em edifícios e 83 milhares de contos em participações financeiras.

O nosso activo imobilizado atingiu, assim, aos valores de compra, cerca de 1345 milhares de contos, encontrando-se já amortizado 38,5 por cento deste valor. Convirá referir que, só em referência ao exercício de 1973, foram realizadas amortizações no montante de mais de 152 milhares de contos.

Outro facto importante a registar, com relação ao exercício de 1973, respeita à aquisição feita à SKOL INTERNATIONAL INVESTMENTS, LTD., de uma muito importante posição nas CERVEJARIAS REUNIDAS SKOL-CARACU, S. A., do Brasil, cedendo em contrapartida, toda a nossa posição na SKOL INTERNATIONAL.

Sabendo-se, como se sabe, por um lado, que SKOL-CARACU, é já hoje o terceiro grupo cervejeiro do Brasil, e, por outro lado, que esta participação vem reforçar e juntar-se a uma outra posição já em mãos portuguesas, pode afirmar-se que este nosso investimento se reveste da mais alta importância na estratégia de desenvolvimento da nossa Empresa e no contexto das relações económicas luso-brasileiras.

Todo este programa de investimentos só se tornou possível mercê da nossa boa capacidade de autofinanciamento anualmente acrescida, do aumento de capital cuja realização se impunha para equilíbrio da estrutura do nosso Balanço e do crédito de que, felizmente, continuamos a beneficiar junto dos nossos banqueiros, quer a médio e longo prazo, quer a curto prazo, mediante contratos com os mesmos firmados oportunamente.

Todas as nossas participações financeiras noutras sociedades estão contabilizadas pelo valor de aquisição, excepto a que respeita à nossa posição na Sociedade da Água do Luso, S. A. R. L., que, por se encontrar cotada na Bolsa de Lisboa, foi registada pelo último valor efectuado em Dezembro de 1973, tendo-se criado, em contrapartida, um Fundo de Flutuação de Valores.

Para o lucro líquido apurado somado ao saldo do exercício anterior, propomos a seguinte aplicação:

Reserva legal	4 600 000$00
Dividendos	54 296 040$00
Provisões diversas	17 000 000$00
Reserva especial	8 000 000$00
Saldo por aplicar	8 495 591$68
	92 391 631$68

7. Durante o exercício de 1973 a representação da nossa accionista «Cimpanhia da Cerveja de Coimbra, S. A. R. L.» passou a ser exercida pelo Ex.mo Senhor Dr. Miguel Gentil Quina, em substituição do Ex.mo Senhor Comandante José Francisco Corrêa Matoso; também no Conselho Fiscal, em representação da SORAVIL — Sociedade de Refrigerantes e Águas de Vidago, Lda. o Ex.mo Senhor Comandante José Luís Ferreira Leiria Pinto foi substituído pelo Ex.mo Senhor Prof. Doutor Paulo de Pitta e Cunha.

Ao apresentar aos novos membros dos Corpos Gerentes as nossas melhores saudações e as nossas boas-vindas, queremos significar àqueles que, durante tantos anos, connosco partilharam das nossas preocupações e das nossas alegrias a mágoa que sentimos com o seu afastamento, só compensada pela satisfação com que acolhemos as novas e valiosas colaborações que nos advêm da sua substituição.

Ao Digníssimo Conselho Fiscal queremos consignar o nosso agradecimento, uma vez mais, pela excelente cooperação que nos prestou e pelo zelo e meticulosa atenção, com que seguiu a marcha dos negócios sociais.

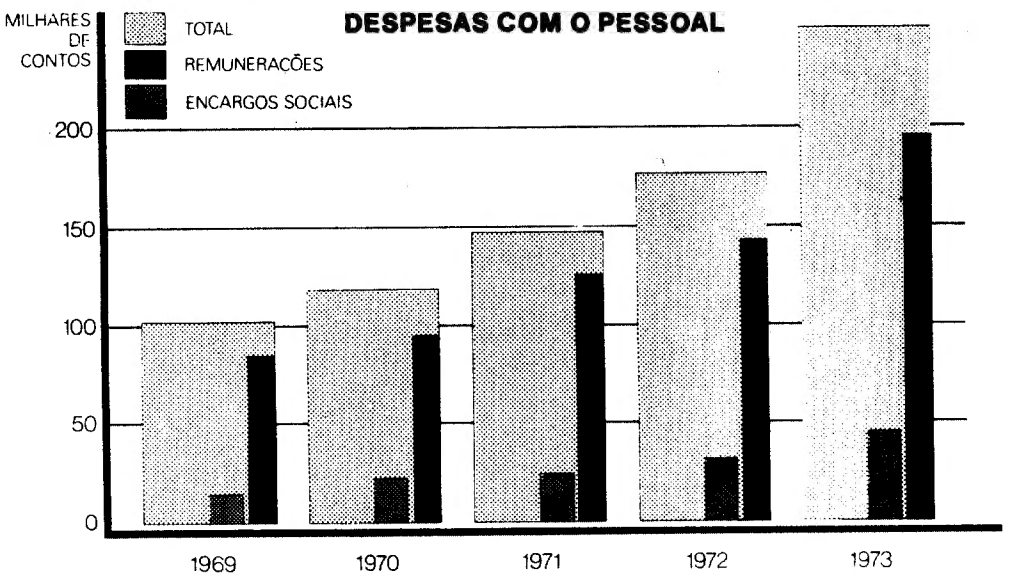
A todas as Instituições de Crédito com que trabalhamos e que nos honraram com a sua confiança, queremos, uma vez mais, significar o nosso reconhecimento.

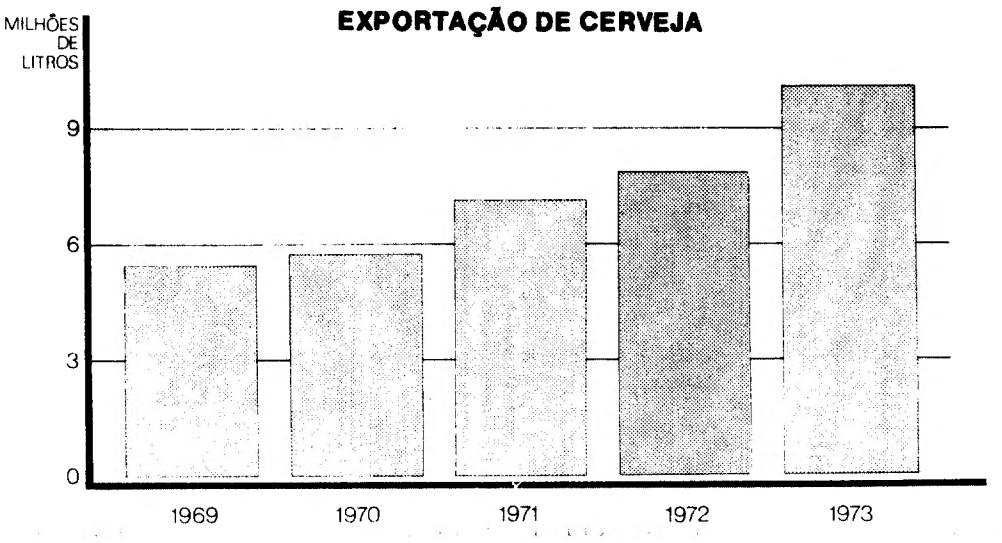
A todo o Pessoal, cuja contribuição para a expansão verificada foi fundamental, queremos manifestar todo o nosso apreço pela eficiência, zelo e dedicação postas ao serviço da Empresa e da construção do seu futuro.

8. Tornando-se necessário preencher as vagas existentes na Mesa da Assembleia Geral, decorrentes da nova redacção dada aos Estatutos da Sociedade, haverá que proceder às respectivas eleições.

Lisboa 21 de Fevereiro de 1974.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Carlos João da Silva Moreira Rato — Presidente
Companhia de Cervejas Estrela
Companhia Produtora de Malte e Cervejas Portugália
Companhia da Cerveja de Coimbra
Companhia da Fábrica de Cervejas Jansen, Lda.
Fernando Espírito Santo Moniz Galvão
Carvalho Martins, Lda.





Balanço Geral em 31 de Dezembro de 1973

ACTIVO

DISPONÍVEL			
Caixa e Bancos			36 913 543$91
REALIZÁVEL			
Devedores		353 861 818$76	
Fornecedores (pagamentos antecipados)		56 016 305$45	
Letras a Receber		31 119 953$38	440 998 077$59
DE EXPLORAÇÃO			
Matérias-Primas e Subsidiárias		47 211 174$08	
Produtos em Fabricação		44 460 310$49	
Produtos Acabados		4 162 632$40	
Existências Diversas		48 225 057$06	144 059 174$03
DE RESERVA E FRUIÇÃO			
Títulos de Participação			481 235 538$25
IMOBILIZADO			
Corpóreo			
Terrenos, Edifícios, Construções e Outros	297 054 538$73		
Máquinas, Aparelhos e Ferramentas	614 578 270$73		
Móveis e Utensílios	36 850 678$58		
Material de Transportes	47 888 883$59		
Imobilizações Diversas	12 651 165$22		
Imobilizações em Curso	6 435 911$20		
Vasilhame e Utensílios	330 002 475$41	1 345 461 923$46	
Amortizações (A deduzir)		518 808 191$03	826 653 732$43
Incorpóreo			
Despesas de Estabelecimento		67 025 765$12	
Amortizações (A deduzir)		57 482 833$65	9 542 931$47
			1 939 402 997$98
VALORES EXTRA-PATRIMONIAIS			
Valores em Caução		700 000$00	
Vasilhame e Taras em Circulação		266 963 073$20	
Devedores por Garantias e Avales Prestados		142 843 667$29	
Devedores por Valores em Depósito		77 987 401$95	
		488 494 142$44	

PASSIVO

EXIGÍVEL			
A Curto Prazo			
Fornecedores		60 175 098$88	
Credores		84 060 780$42	
Letras a Pagar		64 364 938$50	
Bancos		150 839 761$75	
Imposto de Transacções		48 685 739$40	
Dividendos a Pagar		16 596$70	
Provisões para Impostos		35 352 657$35	443 495 570$00
A Médio e Longo Prazo			
Bancos		345 750 000$00	
Letras a Pagar		3 938 529$40	349 688 529$40
CONTAS DE REGULARIZAÇÃO DO ACTIVO			
Provisões para Dívidas Incobráveis		9 851 246$80	
Provisões para Perdas de Existências		9 543 623$10	
Flutuação de Valores		200 762 394$00	220 157 263$90
SITUAÇÃO LÍQUIDA			
Capital		550 000 000$00	
Reserva Legal	25 270 000$00		
Reserva Especial	258 400 000$00	283 670 000$00	833 670 000$00
Resultados			
Saldo do Exercício Anterior		962 457$44	
Resultado do Exercício		91 429 174$24	92 391 631$68
			1 939 402 997$98
VALORES EXTRA-PATRIMONIAIS			
Credores por Valores em Caução		700 000$00	
Vasilhame e Taras		266 963 073$20	
Credores por Garantias e Avales Prestados		142 843 667$29	
Credores por Valores em Depósito		77 987 401$95	
		488 494 142$44	

Lisboa, 31 de Dezembro de 1973.

O TÉCNICO DE CONTAS, **Fernando Afonso Tavares**

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

Demonstração da Conta de Resultados

CUSTOS

MATÉRIAS-PRIMAS CONSUMIDAS		343 801 525$59
MATÉRIAS SUBSIDIÁRIAS CONSUMIDAS		4 178 173$90
EMBALAGENS		44 516 566$47
MERCADORIAS CONSUMIDAS		7 036 499$50
PRODUTOS ADQUIRIDOS PARA VENDA		24 702 852$80
REMUNERAÇÕES E OUTROS ENCARGOS COM PESSOAL		
Remunerações	199 177 231$27	
Encargos Sociais	31 432 600$16	
Outros Encargos	15 026 314$02	245 636 145$45
CONSERVAÇÃO E REPARAÇÕES		16 231 541$53
OUTROS ENCARGOS DE PRODUÇÃO		28 421 742$79
ENCARGOS DIVERSOS		69 725 599$99
TRANSPORTES		28 774 551$81
ENCARGOS COM PUBLICIDADE		28 669 415$60
ENCARGOS COM ROYALTY		13 190 285$05
REDUÇÕES SOBRE VENDAS		139 803 601$05
REMUNERAÇÕES E OUTROS ENCARGOS COM ÓRGÃOS SOCIAIS		4 729 005$90
ENCARGOS FINANCEIROS		54 025 853$82
ENCARGOS FISCAIS E PARAFISCAIS		9 748 050$54
PROVISÕES PARA:		
Dívidas incobráveis	8 160 924$68	
Perdas de existências	4 833 401$40	
Impostos	27 860 000$00	40 854 326$08
AMORTIZAÇÕES E REINTEGRAÇÕES		157 742 579$89
Resultados		
Saldo do Exercício Anterior	962 457$44	
Resultado do Exercício	91 429 174$24	92 391 631$68
		1 354 184 949$44

PROVEITOS

SALDO DO EXERCÍCIO ANTERIOR		962 457$44
VARIAÇÃO DAS EXISTÊNCIAS DE PRODUTOS		
Existência em 31-12-72	12 236 870$38	
Existência em 31-12-73	24 676 981$75	12 440 111$37
RECEITAS DA ACTIVIDADE INDUSTRIAL		
Cervejа, Refrigerantes, CO2 e Gelo	1 083 631 328$26	
Malte (entregue a «stocks»)	190 004 159$70	1 273 635 487$96
RECEITAS DE ACTIVIDADE COMERCIAL		55 254 983$10
RENDIMENTOS DE TÍTULOS DE PARTICIPAÇÃO		2 265 427$20
RENDIMENTOS FINANCEIROS		1 656 146$29
PROVEITOS DIVERSOS		7 970 336$08
		1 354 184 949$44

Lisboa, 31 de Dezembro de 1973.

O TÉCNICO DE CONTAS, **Fernando Afonso Tavares**

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

De harmonia com a Lei e os Estatutos apresentamos a V. Ex.as o nosso Relatório e Parecer sobre o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1973.

Como judiciosamente explica o Conselho de Administração no seu Relatório, assistiu-se ao exercício de 1973 a uma significativa mutação de valores de ordem sócio-económica. Em particular no que respeita às matérias-primas e aos valores energéticos, são aspectos que podem deixar de ser profundamente meditados, em vista da sua repercussão, cedo ou tarde, na gestão desta Sociedade.

Ganham, portanto, a maior acuidade as considerações formuladas no Relatorio em analise, como sejam as que eregem o primado do Homem sobre a Empresa, a do estabelecimento de uma adequada estrutura de preços das matérias-primas nacionais, de uma contínua adopção de medidas de produtividade e ainda o planeamento e execução de novos investimentos.

De referir, ainda, com muita satisfação, a crescente procura que se verifica em relação aos produtos por nós fabricados e comercializados e também o êxito obtido no mercado financeiro aquando do lançamento do último aumento do capital social, tudo a confirmar o salutar clima de confiança e a boa imagem, que esta Sociedade continua a desfrutar junto do Público.

Verificámos durante o ano transacto os livros de Contabilidade e demais documentos, os quais encontrámos sempre na melhor ordem.

Conferimos o saldo de caixa, assim como os títulos em carteira, e verificámos os demais valores da Empresa.

Procedemos à apreciação dos critérios valorimétricos adoptados, os quais achámos correctos, e que foram: para as matérias-primas, subsidiárias e produtos diversos, o preço médio do custo de aquisição; para os produtos em fabricação e acabados o do custo industrial, para as participações financeiras o valor de aquisição das mesmas — à excepção do que se refere à posição accionista na Sociedade da Água do Luso, S. A. R. L., cuja contabilização se processou com base no último valor efectuado na Bolsa de Lisboa em Dezembro de 1973.

Somos do parecer que a Contabilidade, o balanço e a conta de resultados satisfazem as disposições legais e estatutárias.

Tendo-nos sido facultados todos os elementos e esclarecimentos necessários ao funcionamento deste Conselho, agradecemos esta mesma colaboração que a Administração nos prestou durante todo o ano.

Tão-pouco queremos deixar de agradecer as amáveis referências que aquela mesma Administração nos dirigiu.

Em conclusão e por ser este o nosso Parecer, propomos:

1.º — que aproveis o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1973;
2.º — que seja dado ao resultado do exercício a aplicação proposta pelo Conselho de Administração;
3.º — que seja aprovado um voto de louvor ao Conselho de Administração pela forma superior como geriu os negócios da Sociedade durante o ano;
4.º — que seja aprovado um segundo voto de louvor a todos os demias que trabalham nesta Empresa.

Lisboa, 13 de Março de 1974.

O CONSELHO FISCAL

Alexandre Brás Nunes Sequeira
Francisco Manuel Bustorff Brito das Vinhas
Artur Luís Alves Conde
Eduardo Henrique Hofacker de Moser

SORAVIL — Sociedade de Refrigernates e Águas de Vidago, Lda.
representada por **Pailo de Pitta e Cunha**

DL/NACIONAL

cigreci

NUMA NÓVA FORMA PARA NOVOS ESPAÇOS ECONÓMICOS

para além da forma anónima dum computador, pretendemos exprimir hoje, a dinâmica de uma economia moderna transformando o seu investimento num objectivo.

informática
psicologia
marketing
relações públicas publicidade design

CIGRECI, LDA.
AV. DEFENSORES DE CHAVES 60 3 D TEL 776577 LISBOA 1

Também na lota de Sesimbra, habitualmente tão concorrida, o conteúdo das bancas e a frequência eram extremamente reduzidas

Pouco peixe e muito caro

A falta de peixe que se tem feito sentir nesta última semana manifestava hoje um agravamento considerável nas bancas dos mercados. As pedras quase vazias expunham apenas peixe do mais caro como se as poucas redes que têm sido deitadas ao mar escolhessem qualidades e preços.

Num mercado de Lisboa, o único peixe à venda neste princípio da semana, para além do habitual chicharro a 12 escudos o quilo, eram chocos a 32$00, pescada a 32$80, lulas a 48$00, linguado a 98$00, garoupa a 76$00, cartas a 64$00 e pescadinhas a 56$00 e 36$00.

Nas restantes secções da praça, os preços mantinham-se mais ou menos inalteráveis no que respeita aos legumes e na fruta.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Horácio Ferreira. Rua Sacadura N.º 481 CRUZ QUEBRADA LISBOA

A partir de Maio

Seis "Foguetes" para o Porto com horário alterado

Dois novos «Foguetes», a partir de 26 de Maio, passam a circular entre Lisboa e Porto, subindo assim o número daquelas composições para seis.

De momento, os quatro actuais »Foguetes» cumprem os seguintes horários:

Comboio n.º 3 (Lisboa-Porto) 14 e 25 e 19 horas; **Comboio n.º 5** (Lisboa-Porto) 19 e 25 e 0 horas e 25 minutos; **Comboio n.º 2** (Porto-Lisboa) 9 e 30 e 14 horas; e **Comboio n.º 4** (Porto-Lisboa) 14 e 30 e 18 e 55.

Os dois novos «Foguetes», formados por carruagens de 1.ª classe e bar, têm já o seguinte «horário escrito»:

Comboio n.º 7 (Lisboa-Porto), 16 e 55 e 21 e 5; e **Comboio n.º 8** (Porto-Lisboa), 7 e 5 e 10 e 55.

Por informação obtida junto da CP, apurámos que, a partir de 26 de Maio, «os horários dos seis Foguetes serão ligeiramente modificados».

Rui Pedro sai da Rádio Renascença

Rui Pedro, nome bastante conhecido nos meios radiofónicos, e também nos do teatro e da Imprensa, acaba de ser despedido da Rádio Renascença, em cujos serviços de noticiário desde há meses trabalhava. O motivo invocado pela Rádio Renascença para a sua decisão teria sido uma entrevista recentemente concedida por Rui Pedro a um orgão de Imprensa, na qual são aludidos diversos aspectos do seu trabalho naquela estação.

Mais um "jornal falado" no Centro de Cultura

Prosseguindo as suas actividades, o Centro Nacional de Cultura leva hoje a efeito às 21 e 30, mais um «Jornal Falado» da série dedicada à vida artística e cultural. Quatro comentadores abordarão, em curtas exposições, os acontecimentos de maior relevo do último trimestre nos campos da literatura, artes plásticas, música e cinema. Segue-se, como habitualmente, o debate com o público.

Participam nesta sessão José Luís Portírio (artes pásticas), José Martins Garcia (literatura), José Ribeiro da Fonte (música) e José Vaz Pereira (cinema).

A entrada é livre e a sessão realiza-se na sede do Centro, Rua António Maria Cardoso, 68-1.º

NILFISK

GUARDA O SEGREDO DA LONGEVIDADE

A duração e a eficácia são atributos de qualquer dos seus modelos.
Para a limpeza de médias e grandes superfícies — NILFISK INDUSTRIAL.
Com o seu elevado poder de aspiração e os seus diversos acessórios, ele limpa cantos e recantos geralmente inacessíveis.
Torna-se assim, pela eficiência e economia que representa, no mais rentável aspirador de média e grande potência.
NILFISK INDUSTRIAL duramente comprovado em fábricas, armazéns, garagens, oficinas, hotéis, hospitais, cinemas, igrejas, etc.

NILFISK

UM MUNDO DE SOLUÇÕES

NILFISK — ASPIRADORES INDUSTRIAIS E DOMÉSTICOS, LDA.
LISBOA — Rua Félix Correia, 8 — Tels. 78 83 31/78 99 55
PORTO — Rua da Constituição, 2371 — Tel 69 34 23

exposição de motos novos modelos

BMW

Quinta e sexta-feira desta semana, no Stand BMW da Av. A. A. Aguiar, 3-B, em Lisboa.

BMW — PRAZER DE CONDUZIR
Distribuidores exclusivos:
S.C.I.A. Francisco Batista Russo & Irmão, S.A.R.L.

EXPOSIÇÃO ABERTA DAS 10 ÀS 24 HORAS

SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS

prémios escolares

D.ª DINIS

DÉCIMO ANO DA SUA ATRIBUIÇÃO PELA SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS DE ACORDO COM A PORTARIA N.º 20 332 DE 20 DE JANEIRO DE 1964

ANO LECTIVO DE 1972/73

ENSINO SUPERIOR

FAC DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Joana Margarida Monteiro Gago da Câmara

INSTITUTO SUP ECONÓMICO E SOCIAL - EVORA
Anibal do Carmo Queiroga Pires

FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA
Jorge Manuel de Oliveira Soares

INSTITUTO SUPERIOR DE AGRONOMIA
Jorge Manuel Martins Soares David

INSTITUTO SUPERIOR DE ECONOMIA
Rui Manuel de Almeida Coutinho

INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
Luis Henrique Martins Borges de Almeida

ENSINO MÉDIO

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMARIO DE COIMBRA
Victor Manuel Gomes de Almeida

ESCOLA DE REGENTES AGRICOLAS DE COIMBRA
João Rodrigues Moutinho

INSTITUTO INDUSTRIAL E COMERCIAL DE COIMBRA
Fernando de Macedo Pereira

ESCOLA DO MAGISTERIO PRIMARIO DE ÉVORA
Egidio Manuel Fialho Santos

ESCOLA DE REGENTES AGRICOLAS DE ÉVORA
Antonia Maria Soares Prates

ESCOLA DO MAGISTERIO PRIMARIO DE FARO
Idalia Maria da Conceição Gonçalves Mendes

ESCOLA DO MAGISTERIO PRIMARIO DA GUARDA
Rosa Maria Pires Veiga

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE LEIRIA
Idalina Januario Carvalho Pires

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMÁRIO DE LISBOA
Maria do Rosário Lopes Rodrigues Praça

INSTITUTO COMERCIAL DE LISBOA
Maria Feliciana Medeiros Martins

INSTITUTO INDUSTRIAL DE LISBOA
Luis Manuel Camarinha de Matos

ESC DO MAGISTERIO PRIMARIO DE PORTALEGRE
Ermelinda da Conceição Correia Pinheiro

ESCOLA DE REGENTES AGRÍCOLAS DE SANTARÉM
Rui Manuel Mendonça Cordeiro

ESCOLA DO MAGISTÉRIO PRIMARIO DE VISEU
Maria da Graça Moreira da Gama

ESC DO MAGIST PRIMÁRIO DE CASTELO BRANCO
Maria Helena Lopes Esteves

ENSINO SECUNDÁRIO

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE AVEIRO
Manuel Vieira Ramos

LICEU NACIONAL DE AVEIRO
Carlos Manuel Picado da Naia Sardo

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE BEJA
Abilio Venâncio Franco Gabriel

LICEU NACIONAL DE BEJA
Jose Carlos Pepe Caeiro Godinho

ESC INDUSTRIAL E COM DE CASTELO BRANCO
Maria José d'Oliveira Santos Correia

LICEU NACIONAL DE CASTELO BRANCO
Henrique Jose Goulão Mendes Carvalhão

ESC. TÉCNICA DE AVELAR BROTERO - COIMBRA
Antônio Santos Simões

LICEU NACIONAL INFANTA D. MARIA - COIMBRA
Ana Cristina Macario Lopes

LICEU NORMAL D JOÃO III - COIMBRA
João Manuel de Sa Campos Gil

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ÉVORA
Henrique Manuel Correia Serra

LICEU NACIONAL DE ÉVORA
Luis Nuno de Matos Pimentão

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE FARO
Jose Manuel Barbara Dias

LICEU NACIONAL DE FARO
Estela Maria Rodrigues Martins

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DA GUARDA
Ana Maria Valente Proença

LICEU NACIONAL DA GUARDA
Carlos Manuel da Silva Tenreiro

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE LEIRIA
Gabriel Correia Alves

LICEU NACIONAL DE LEIRIA
Filipe Jorge Monteiro Bandeira

ESC DE ARTES DECORATIVAS ANTÓNIO ARROIO
João Miguel Gil Soares

ESCOLA COMERCIAL FERREIRA BORGES
Isabel Maria Abreu Robalo

ESCOLA COMERCIAL D. MARIA I
Aida Henriques Pinto Teixeira

ESCOLA COMERCIAL PATRICIO PRAZERES
Lilia Maria Jacinto de Abreu

ESCOLA COMERCIAL VEIGA BEIRÃO
Vitor Manuel Baptista de Almeida

ESCOLA INDUSTRIAL AFONSO DOMINGUES
Jose Alexandre Alves da Costa

ESC INDUSTRIAL E COM. D LUISA DE GUSMÃO
Palmira dos Santos Alves

ESCOLA INDUSTRIAL FONSECA BENEVIDES
Maria Isabel Romaneiro Fernandes

ESCOLA INDUSTRIAL JOSEFA DE ÓBIDOS
Mariana Teresa Cheira Martins

ESCOLA INDUSTRIAL MACHADO DE CASTRO
Constantino Moreira Vidal

ESCOLA INDUSTRIAL MARQUÊS DE POMBAL
Manuel Alves Rosa

LICEU DE CAMÕES
Jose Manuel de Nunes Vicente e Rebordão

LICEU MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO
Isabel Maria Diogo dos Santos

LICEU NACIONAL D FILIPA DE LENCASTRE
Maria Fernanda de Jesus Veloso Leite

LICEU NACIONAL DE GIL VICENTE
João Filipe Coutinho Mendes

LICEU NACIONAL D. JOÃO DE CASTRO
Fernando Manuel da Cunha Manilha

LICEU NORMAL DE PEDRO NUNES
Paulo Santiago Magalhães Jervis Ponce

LICEU PADRE ANTÓNIO VIEIRA
Francisco Anacleto Louçã

LICEU PASSOS MANUEL
Francisco Jose Sepulveda de Gouveia Teixeira

LICEU RAINHA D AMÉLIA
Helena Maria da Costa Machado Pereira

LICEU RAINHA D LEONOR
Margarida Maria Telo da Gama

ESCOLA INDUSTRIAL E COM. DE PORTALEGRE
Maria Teresa Ferreira da Rocha

LICEU NACIONAL DE PORTALEGRE
António João Trindade Miranda

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE SANTARÉM
Helena Maria de Sousa Ricardo

LICEU NACIONAL DE SANTARÉM
Jaime Franco Melancia

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE SETUBAL
Elisabete Maria Batista Albuquerque

LICEU NACIONAL DE SETUBAL
Luis Manuel Fernandes Inacio

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE VISEU
Maria de La Salette da Costa Loureiro

LICEU NACIONAL DE VISEU
Carlos Alberto do Carmo Coelho Rebelo

LICEU D PEDRO V
João Manuel Quintela de Brito Jacob

ESCOLA TÉCNICA DE SIDÓNIO PAIS
Valdemar Carvalho Lopes

estes são alguns dos melhores alunos de Portugal

CINEVOZ-McCann SCC - 01-74

DL/NACIONAL

O problema da casa dos que vão em serviço para o Ultramar

A nossa leitora sr.ª D. Maria de Lourdes Almeida Santos da Mota Ribeiro, residente na Estrada da Alapraia, lote 8, 1.º, dt., em São João do Estoril, enviou-nos a carta que adiante se transcreve e em que aborda um problema para o qual as instâncias competentes terão de encontrar uma solução rápida e justa. Trata-se do caso das pessoas que vão para o Ultramar em serviço e cujos interesses (nomeadamente o direito à casa que aqui deixam por dois anos) têm de ser devidamente acautelados.

Eis a carta da nossa leitora:

«Vou para Bissau no próximo dia 7 reunir-me a meu marido que já se encontra lá há meses, em comissão de serviço. Como não tenho ninguém que mensalmente me possa ir pagar o aluguer do apartamento em que vivo, aluguer esse que tem de ser pago em dinheiro, à porteira, dirigi-me ao senhorio (uma ultra conhecida sociedade anónima de responsabilidade limitada de empreendimentos urbanos e de turismo) para que o mesmo pagamento fosse feito através dum banco.

O senhor com quem falei não me pôs óbices nenhuns. Escrevi então uma carta a comunicar o futuro processo de pagamento e frisando bem os motivos que a isso me obrigavam. Avisei igualmente o banco.

Qual não foi, porém, o meu espanto, hoje, ao abrir o correio, quando se me deparou uma carta do senhorio dizendo não aceitar a forma de pagamento que eu indicava na minha carta, pelo que este tinha que continuar a ser feito da forma habitual.

Há uns meses atrás, a porteira tinha-se recusado a aceitar o pagamento por meio de cheque.

E, agora, eis-me perplexa... Que fazer?

Indo para a Guiné, obviamente que não poderei vir cá todos os meses pagar em dinheiro, à porteira. Também não poderei fazê-lo por cheque. Então? Eu não quero ficar sem casa! E também não queria pensar no que estou a pensar: estou nesta casa há quatro anos e meio e pago 1700$00. Os apartamentos do 2.º andar são já alugados por 3200$00, como me informou a porteira. É quase impossível não somar 2 mais 2...»

UM VELHO AMIGO

sempre fixe

um Grande Semanário Popular
TODOS OS SÁBADOS DE MANHÃ

A partir de 6 de Abril,
na manhã de cada sábado,
o primeiro semanário popular português.
Uma nova «fórmula»:
1 jornal de grande formato + 1 magazine a cores = 5$00

BASTA SABER LER!

APRESENTAÇÃO DOS RELÓGIOS "TRESSA - 75"

Após uma entrada fulgurante no mercado nacional, justificada pela categoria dos modelos lançados, os relógios «Tressa» (representados no espaço português por Evaristo Dias Pinto) vão apresentar, durante um beberete que terá lugar no Hotel Lutécia, às 18 e 30 do próximo dia 10, a colecção para 1974-1975.

Directores da fábrica suiça produtora e diversas entidades comerciais estrão presentes nessa reunião.

AMANHÃ, NA GULBENKIAN

Bailado aberto aos jovens

Os bastidores do bailado voltam a ser abertos aos jovens, pela Fundação Calouste Gulbenkian, através do convite para o ensaio geral de amanhã. Todos os jovens interessados, compreendidos nas idades 14-21 têm entrada livre no Grande Auditório da Fundação (a partir das 15 horas e até às 18 e 30) onde a companhia dirigida por Sparemblek ensaia os bailados «O idílio de Siegfried», «Satélites», «Passacaglia» e «Algumas reacções de algumas pessoas algures no tempo ao ouvirem a notícia da vinda do Messias».

Estes números constituirão o programa de encerramento da temporada, a apresentar ao público em cinco espectáculos, nos dias 6 a 9 de Abril.

ENSINO LICEAL LIÇÕES INDIVIDUAIS

CEPELT

Rua Tomás Ribeiro, 47
Rua D. Estefânia, 48
Telef. 4 29 59 — Lisboa

LABORATÓRIOS DE FÍSICA, QUÍMICA E CIÊNCIAS NATURAIS

1 SEMANA EM ROMA

PARTIDAS:
TODAS AS 5.as FEIRAS
JULHO 4, 11, 18 e 25
AGOSTO 1, 8, 15, 22 e 29
SETEMBRO 5 e 12

Preços excepcionais desde 3.920$

INCLUINDO:
- Viagem em avião a jacto CARAVELLE
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita da cidade
- Assistência de Guia abreu

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu Fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade 190 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 3 79 21
COIMBRA: Rua da Sofia 2 • Telefs. 2 70 11/2

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

DL/GERAL

Alargamento e diversificação do âmbito de actividade da ICESA abrangendo o domínio turístico

• A empresa passa a denominar-se ICESA-Indústrias de Construção e Empreendimentos Turísticos, S.A.R.L.

• Aprovada a possibilidade de aumentar o capital até 500 mil contos

Efectuou-se a reunião da Assembleia Geral da ICESA-Indústrias de Construção e Empreendimentos, S.A.R.L., que aprovou os documentos da gerência do ano transacto, e, bem assim, alterações dos estatutos que prevêem a possibilidade de elevação do capital social por uma ou mais vezes até 500 mil contos e a modificação da sua designação social, que passa a ser ICESA-Indústrias de Contrução e Empreendimentos Turísticos, S.A.R.L..

Antes da ordem do dia, o sr. eng.º Manuel Joaquim Monteiro de Barros, presidente do Conselho de Administração da ICESA, apresentou uma exposição que, não sendo o simples relato das actividades da empresa no período da gerência considerado, constituiu um estudo muito lúcido e documentado dos problemas gerais da construção habitacional no nosso País nas suas múltiplas implicações sociais e económicas e na linha conjuntural e estrututral da indústria e do desenvolvimento em Portugal.

Tal estudo — que foi atentamente seguido pelos assistentes — justificava-se por se ter completado agora uma dezena de anos sobre a época em que se definiu a orientação da ICESA e em que se deram os primeiros passos quanto à adopção de técnicas, admissão de quadros e esquemas de organização interna da empresa.

«Do ponto de vista da mão-de-obra, no sector da construção habitacional, se por um lado as dificuldades de recrutamento sentidas — principalmente durante os anos de 1971 e 1972, e em coincidência infeliz com o período de recessão de mercado registado naquele período — parece não se terem acentuado durante 1973, o que é facto é que também se não pôde verificar uma melhoria sensível, pelo menos por enquanto.»

Os baixos índices no sector da construção de habitações em Portugal

Começou o sr. eng.º Monteiro de Barros por salientar que o ritmo de expansão da construção de habitações no nosso País durante mais de quinze anos e até 1966 não se manteve nos anos seguintes. O baixo nível dos recursos mobilizados neste ramo de actividade, nos últimos anos, poderia fazer crer, até, que não apresentavam gravidade as necessidades habitacionais entre nós. Com efeito — esclareceu — «pelo lado da iniciativa privada, o crédito a médio e a longo prazo para a compra ou construção de habitações, concedido pelo conjunto das instituições em condições de o fazer, não excedeu, por exemplo no ano de 1971, cerca de 3% do total dos financiamentos à economia, enquanto que a mesma relação no ano anterior em França se situava à volta dos 30%. Pelo lado do sector público, as verbas previstas no próprio III Plano de Fomento para as iniciativas neste domínio e para o mesmo ano (1 856 900 contos) não eram utilizadas senão em cerca de metade (986 600 contos).»

Esta situação é ainda confirmada, expressivamente, pelos baixos níveis conhecidos da formação bruta de capital fixo em casas de habitação, que entre 1968 e 1969 não representaria mais do que 4,5% do produto nacional bruto — índice mais próximo dos países onde o problema não se reveste de gravidade (Inglaterra e Estados Unidos) do que daqueles, como o nosso, que apresentam uma situação aguda (Grécia, França e Japão).

Quanto ao ritmo da construção de habitações verifica-se, igualmente, que o nível atingido em 1965-66 (4,9 fogos novos por cada 1 000 habitantes), baixou depois (4,3 no período de 1968 a 1971), o que nos coloca em posição muito modesta entre os 25 países da O.C.D.E., apenas se encontrando abaixo de nós a Irlanda e a Turquia.

O agravamento das carências habitacionais

Afirmando, em seguida, que estes baixos índices estão longe de corresponder às necessidades habitacionais do País, o presidente do Conselho de Administração da ICESA esclareceu:

«Já em 1965 o Colóquio sobre a Política da Habitação concluia que o «déficit» habitacional do nosso País rondaria pelos 500 000 fogos, embora estudos mais recentes o cifrem em 450 000. Ainda que nos guiemos por este último valor, e tendo em conta que a constituição média das famílias portuguesas é cerca de 3,6 pessoas por fogo, aquelas carências interessariam a cerca de 1 620 000 habitantes, o que corresponderia em 1972 aproximadamente a 20% da população do nosso território continental.

E de notar que a moderação no ritmo de construção de habitações a que acima nos referimos, terá tido a sua fase mais aguda entre 1966 e 1969, com uma redução de mais de 20% no total anual de habitações construídas; se ulteriormente tal redução parece ter sido compensada com uma reanimação gradual da actividade, não se terá todavia conseguido restabelecer, mesmo no curso dos dois últimos anos um nível de produção sensivelmente superior ao de 1966.

Até no conjunto do sector de construção civil e obras públicas — onde a habitação absorve mais de 35% do valor dos trabalhos realizados — foi sensível esse decréscimo, pois se a produção global dessa indústria passava, naquele período (67-68), de 15 991 000 contos para 14 749 000 contos a preços correntes, a mesma produção, a preços constantes (de 1949), teria passado dos 12 107 000 contos para os 9 603 000 contos.»

No domínio da ocupação do sector verifica-se ter havido igualmente uma descida considerável que atingiu o ponto mais baixo em 1969 e que, apesar da recuperação posterior, corresponde a níveis muito reduzidos da utilização dos recursos. Estes factores reflectiram-se, como era inevitável, nos preços praticados e praticáveis, que não sofereram, no entanto, subidas consideráveis, embora o seu efeito desgastante se tenha feito sentir nas empresas.

Desta situação decorreram, desde logo, duas consequências importantes.

Por um lado, a redução das actividades da construção veio ainda aumentar mais as carências habitacionais no nosso País, o que, coincidindo com sensível subida do poder de compra e da liquidez de uma larga camada da população, provocou inevitavelmente a subida das rendas e do valor dos imóveis. Acrescentou, porém, o sr. eng.º Monteiro de Barros que esta alteração apenas permitiu repor a margem de rentabilidade indispensável para a laboração.

Por outro lado — prosseguiu o presidente do Conselho de Administração da ICESA — a pronunciada tendência inflacionista, «suscitando um natural atractivo à propriedade imobiliária, veio reforçar aquelas circunstâncias na ampliação rápida da procura no mercado da habitação, já não só para utilização própria, como — pelo menos em igual medida — para rendimento e para defesa das poupanças contra a erosão monetária.»

O financiamento à compra de habitações e a não estimulação de hábitos tradicionais de poupança

O sr. eng.º Monteiro de Barros abordou, em seguida, o problema da mão-de-obra, salientando que, em relação ao recrutamento de pessoal não especializado, as condições nacionais e europeias não faziam prever agravamento considerável da situação, sendo porém já muito preocupante a questão da escassez dos quadros técnicos, o que terá como reflexos imediatos para as empresas um acréscimo de encargos com os quadros e a sua organização em moldes cada vez menos satisfatórios.

No domínio do abastecimento dos materiais, manifestou o presidente do Conselho de Administração da ICESA preocupações tanto em relação à explosiva e gradualmente generalizada tendência para a alta de preços, que começou a notar-se principalmente no último semestre do ano transacto, como em relação à escassez de um grande número de materiais indispensáveis à normal produção das empresas de construção civil e obras públicas

A terminar a sua documentada análise dos condicionamentos gerais da actividade da construção de habitações no nosso País, o sr. eng.º Monteiro de Barros focou o momentoso e complexo problema da disponibilidade dos capitais no respeitante, sobretuto, ao finaciamento à compra de habitações. Com este problema se prende, em grande medida, a evolução que foi atrás traçada da construção nos últimos anos no nosso País, em virtude da viragem regressiva que significaram as restrições ao crédito, em 1965, para aquisição ou construção de imóveis. Sublinhou oportunamente o orador que o condicionalismo legal existente, não favorecendo a orientação do crédito para a aplicação em habitações, tem igualmente o efeito negativo de não estimular tradicionais hábitos de poupança dirigidos nesse sentido, o que provoca a sua dispersão em fins de menor interesse para o nosso desenvolvimento económico ou até a sua exportação.

Em 1972 a produção da ICESA correspondia a cerca de 12,6% das habitações construídas no distrito de Lisboa

Entrando, depois, na análise da evolução da ICESA, o presidente desta esclareceu que os dois primeiros anos de existência da empresa foram aplicados na organização e lançamento da actividade produtora tanto em relação ao sector público como privado.

Tendo considerado que a procura do sector público, devido às suas características, só deveria ser abordada depois da empresa e a sua técnica já estarem suficientemente credenciadas, optou-se pela promoção própria, na fase inicial de aplicação da produção, daí resultando a primeira grande realização de Santo António dos Cavaleiros. Lembrou o sr. eng.º Monteiro de Barros que a produção foi iniciada em 1966 segundo o processo Fiorio de que a ICESA obtivera a concessão definitiva de exploração para todo o território nacional. Tal processo — que está na vanguarda das mais actualizadas técnicas de construção em todo o mundo e é utilizado nos mais evoluídos países — recebeu, ao ser aplicado em Portugal, o apoio estreito do prestigiado Laboratório Nacional de Engenharia Civil para controlo, esclarecimento e estudo de aspectos técnicos específicos, em especial no domínio da resistência dos edifícios aos abalos sísmicos. A exigente e cuidada ponderação dos aspectos técnicos e, simultaneamente, dos aspectos industriais e económicos dos novos processos, permitiram à ICESA manter-se perfeitamente actualizada em relação a actividades congéneres no estrangeiro, como é confirmado pelos numerosos técnicos de reputação mundial que têm visitado a empresa.

A primeira grande realização da empresa que foi o núcleo habitacional de Santo António dos Cavaleiros constituiu desde logo uma expressiva demonstração das amplas e actualizadas concepções urbanísticas e arquitectónicas da ICESA, visando a satisfação das necessidades e exigências do homem e dos grupos sociais dos nossos dias. O rápido ritmo de comercialização com 268 fogos vendidos em 10 meses (1966-1967), confirma quanto a orientação da iniciativa correspondia a aspirações do público.

As perturbações que depois se registaram no domínio da promoção directa decidiram a empresa a entrar no mercado das empreitadas, onde se iniciou com a construção de 300 fogos para a Federação das Caixas de Previdência, a que se seguiram as adjudicações que lhe foram feitas das duas maiores empreitadas de construção habitacional até à data realizadas no País: na Quinta do Morgado, para a Câmara Municipal de Lisboa, com 1 600 habitações e em Agualva-Cacém, para o Ministério das Obras Públicas, com 1 960 habitações, cumpridas em prazos excepcionalmente curtos. Estas obras — sublinhou justamente o sr. eng.º Monteiro de Barros — foram a demonstração eloquente da capacidade de produção (que se elevou a 6 fogos por dia) e de planeamento e organização da empresa, tanto pelo seu volume global como pelos curtos prazos de execução, que foram respeitados.

Após a conclusão destes grandes empreendimentos — acrescentou o sr. eng.º Monteiro de Barros — a ICESA orientou-se em fase recente para atender a uma procura privada crescente no domínio da habitação urbana de nível superior como no das nossas construções turísticas, a fim de garantir as condições de exploração rentável da empresa, a qual continua igualmente atenta ao grande volume de realizações oficiais que se encontram em fase de estudo ou programação em diversos departamentos do Estado. Só nesse conjunto, pois — esclareceu o orador — uma empresa com as características da ICESA poderá garantir a continuidade e regularidade de ocupação que o seu tipo de actividade exige.

Apesar da evolução da empresa se ter processado dentro de condicionamentos nem sempre favoráveis e até no quadro de uma centuada crise do sector, verificou-se que a ICESA aumentou constantemente o volume e o valor da sua produção até ao ano transacto, a qual, em 1972, já correspondia a cerca de 12,6% das habitações construídas no distrito de Lisboa, a 4,1% da construção habitacional do País e a 1,32% da produção nacional do sector de construção civil e obras públicas.

Quanto à produção média por operário salientou o sr. eng.º Monteiro de Barros que os índices registados pela ICESA, em contínua ascensão são consideravelmente superiores aos indicados para o sector pelos inquéritos de conjuntura da Corporação da Indústria e aos dados globais correspondentes do Instituto Nacional de Estatística abrangendo o País.

Numa síntese final, afirmou o sr. eng.º Monteiro de Barros:

Pode concluir-se portanto que este primeiro decénio da vida da Empresa, apesar de perturbado por alterações conjunturais imprevisíveis e excepcionalmente dificultosas — não só para uma actividade nornmal como ainda mais para o seu lançamento — se caracteriza justamente, pela sua radicação, aperfeiçoamento, e afirmação no nosso meio, como uma unidade de relevante e de indiscutível valia para a economia do País.»

«Em primeiro lugar as subidas e recentes exigências de industrialização (resultantes da elevação dos salários), a regulamentação da indústria, em seguida, e por fim, o alargamento do mercado das construções, suscitaram necessidades que não serão compatíveis, pelo menos a médio prazo, com os efectivos técnicos disponíveis no País, reflectindo-se tal condicionamento, desde já, e quanto às empresas, num acréscimo de encargos, directo e indirecto, com os seus quadros, a organização dos quais se torna mais difícil em moldes satisfatórios.»

Outras importantes iniciativas já foram lançadas

Analisando, depois, o exercício de 1973, destacou o presidente do Conselho de Administração da ICESA:

«Tendo em conta a última alteração conjuntural referida no capítulo anterior, preparou-se e teve lugar, a partir do segundo semestre, a correspondente viragem para nova política empresarial, no sentido da produção em menor quantidade, de habi-

Continua na pág. 18

DL/ESTRANGEIRO

NATO

CERIMONIAL TRISTE E APAGADO NO 25° ANIVERSÁRIO

BRUXELAS, 4 (R.) A N.A.T.O. celebra hoje o seu 25.º aniversário numa cerimónia triste e apagada, desprovida do brilho e da solenidade que revestiram as outras ocasiões marcantes da sua história.

Em vez dos ministros dos quinze países signatários do Pacto do Atlântico e, porventura, do presidente Nixon, só militares e diplomatas assistem à cerimónia que se celebra na sede da Aliança, nesta capital.

O acto comemorativo parecerá particularmente destituído de sentido, porque os Estados Unidos e os seus aliados europeus não conseguiram até ao momento chegar a acordo sobre os termos da nova carta Atlântica que se propõe actualizar o Tratado do Atlântico Norte inicial, firmado em Washington há um quarto de século.

O presidente Nixon, que em princípio devia deslocar-se a Bruxelas por esta ocasião a fim de assinar a nova declaração de princípios, cancelou a viagem depois de acusar os países da Europa Ocidental de se recusarem a cooperar política e economicamente com os Estados Unidos. Nixon assistiu ao 20.º aniversário da aliança, celebrada em 1969 em Washington, juntamente com os ministros dos Negócios Estrangeiros dos outros membros.

A cerimónia comemorativa de hoje, inclui um desfile aéreo em que participam aparelhos de oito países aliados e encerra-se com um discurso do dr. Joseph Luns, antigo ministro dos Estrangeiros da Holanda e actualmente secretário geral da N.A.T.O. A recepção que estava prevista para depois do discurso foi cancelada por motivo do falecimento do presidente Georges Pompidou da França.

Nos círculos da N.A.T.O. nesta capital especulava-se que o dr. Luns anunciasse a visita a Bruxelas do secretário de Estado americano, Henry Kissinger, ainda este mês, para assinar, com os seus homólogos europeus, a nova declaração de princípios sob a forma de um comunicado conjunto.

No entanto, essas perspectivas foram de certo modo atenuadas, no Luxemburgo, quando os ministros dos Estrangeiros de oito dos países do Euromercado, que também pertencem à NATO se mostraram incapazes de chegar a acordo sobre a maneira de intensificarem as consultas políticas com os Estados Unidos.

Depois da cerimónia, o secretário geral e os embaixadores permanentes dos Estados membros junto da sede da N.A.T.O. almoçam a bordo de um dos oito draga-minas da Aliança que visitam Bruxelas no quadro das comemorações do 25.º aniversário. Os barcos, que fazem parte da força naval da N.A.T.O. na Mancha, alcançaram a capital belga através dos canais que a ligam à costa.

NIXON DECIDIU PAGAR AS DÍVIDAS AO FISCO

WASHINGTON, 4 (FP e R.) — O presidente Nixon decidiu pagar mais de 450.000 dólares de impostos atrasados que lhe são reclamados pela administração fiscal, anuncia um comunicado publicado ontem à noite pela Casa Branca.

Investigadores do Congresso avaliaram ontem que o presidente Nixon devia ao 446 000 dólares de impostos não declarados — anunciaram círculos geralmente fidedignos.

Os investigadores, que têm vindo a examinar as declarações de impostos presidenciais durante os últimos quatro anos, chegaram ao cálculo da quantia acima mencionada através de um relatório redigido para a comissão conjunta do Congresso sobre constribuições internas.

Os círculos informativos disseram que a comissão decidiu por nove votos contra um tornar o relatório público ainda a noite passada e que o único voto contra pertenceu ao senador Carl Curtis (um republicano conservador do Nebraska) que tem sido sempre um dos pilares de apoio ao presidente durante a questão Watergate.

A comissão, que tem vindo a debater os impostos devidos por Nixon ao fisco, considerará o relatório em todas as suas implicações num futuro próximo.

Os números dados da dívida do presidente são superiores em cerca de 100 000 dólares às estimativas anteriores.

VOLTA A CALMA À ETIÓPIA

ADIS ABEBA, 4 (R.) Tropaspára-quedistas levantaram o cerco que montavam à principal base da força aérea do país, começando a surgir também outros indícios de acalmia da turbulência política dos últimos tempos.

As tropas pára-quedistas tinham montado cerco à base da força aérea de Debre Zeit, situada a cerca de 50 quilómetros da capital, no princípio da passada semana, quando o Governo anunciou que os homens da força aérea projectavam bombardear Adis Abeba e tentavam um golpe de estado.

Um porta-voz do Governo disse que os aviões de transporte da força aérea estão já a descolar e aterrar regularmente em Debre Zeit, tendo sido deslocadas das redondezas duas baterias de peças antiaéreas móveis que vigiavam as pistas.

A força aérea tem vindo a ser o mais radical dos três ramos das Forças Armadas, durante os passados dois meses de motins, fazendo enorme pressão para obtenção de grandes reformas por parte do Governo, tais como uma distribuição mais justa de terras pelos camponeses e melhores salvaguardas para os direitos cívicos.

Observadores políticos concluem que a aparente boa-vontade da força aérea para cooperar agora com os outros serviços das Forças Armadas, dando assim ensejo à retirada dos paraquedistas, significa que estarão na disposição de darem uma oportunidade ao Governo, correspondendo ao apelo lançado pelo primeiro-ministro Endalkachew Makonnen a todo o povo para colaboração directa com o Governo, sem a qual não poderia dar andamento às pedidas reformas.

SITUAÇÃO SOCIAL

Entretanto, os homens do lixo e os empregados administrativos da companhia das águas entraram em greve, procurando a obtenção de maiores salários, melhores condições de trabalho e mais benefícios sociais.

A municipalidade de Adis Abeba assegurou a continuidade do abastecimento público de água à população, mas quanto ao lixo está a empilhar-se pelas ruas da cidade.

A Câmara dos Deputados da Assembleia Nacional tem acusado os governadores provinciais de se locupletarem com dinheiros públicos que deviam ser destinados a projectos nas pobres áreas do Sudoeste onde impera uma seca crónica.

As acusações feitas aos governadores por deputados das províncias em causa vem novamente trazer a primeiro plano o fundamento dos recentes levantamentos militares e civis., essencialmente derivados do ressentimento contra o Governo por alegada corrupção nas altas esferas administrativas, pelo aumento do custo de vida, com os preços dos produtos essenciais a serem elevados descricionariamente, pela injusta distribuição de terras e pela supressão dos direitos cívicos por meio da violência policial.

SADAT EXPLICA A EXPLUSÃO DOS SOVIÉTICOS

CAIRO, 4 (R) — O presidente Anwar Sadat revelou ontem à noite que expulsou os peritos militares soviéticos em Julho de 1972 porque Moscovo faltou às suas promessas sobre o fornecimento de armas ao Egipto.

Discursando na décima conferência dos estudantes egípcios na Universidade de Alexandria, Sadat declarou que, em consequência disso, as relações com a União Soviética esfriaram durante alguns meses. O Kremlin levou algum tempo a compreender que a decisão tinha sido inteiramente egípcia e «não uma adaga apontada às costas da União Soviética em colaboração com os Estados Unidos» — acrescentou.

FRANÇA

PROFUNDA INCERTEZA POLÍTICA

PARIS, 4 (R) — A morte súbita do presidente Georges Pompidou mergulhou a França numa profunda incerteza política e criou as condições para uma batalha renhida e aberta pela sucessão que pronuncia uma modificação do controverso papel deste país no tablado mundial.

Um dos principais contendores, o antigo primeiro-ministro gaullista Jacques Chaban-Delmas, advertiu os franceses de que os aguarda «uma época difícil, verdadeiramente perigosa».

À direita, Chaban-Delmas defronta-se com o ministro das Finanças, Valery Giscard D'Estaing, brilhante estratega económico que alguns círculos da UDR, o partido governamental, consideram contudo conhecer de magnetismo pessoal e de apoio popular.

À esquerda, destaca-se o «leader» do Partido Socialista, François Miterrand, que não poupou os seus louvores à coragem de Pompidou. Acrescentou: «Amanhã será a altura de reiniciar a batalha política e extrair as lições de 12 anos de Governo».

Outros candidatos que poderão descer à liça quando as manobras eleitorais se intensificarem nos próximos dias são o primeiro-ministro Pierre Messmer, o antigo primeiro-ministro Edgar Faure, aliado os gaullistas, e um dos dois «leaders» dos reformistas do centro, Jean Lecanuet ou Jean-Jacques Servan-Schreiber.

Reflectindo a atmosfera de extrema incerteza política causada pelo passamento de Pompidou, o preço do ouro atingiu o nível «record» de 198 dólares a onça no mercado de Paris. A corrida para o precioso metal coincide normalmente com os momentos de pânico e de instabilidade.

Por outro lado, o desaparecimento do dirigente francês, que seguiu quase irredutivelmente os princípios de De Gaulle em política externa, inscreve-se numa altura de tensão profunda, bordejando em quase hostilidade no interior do campo ocidental, nomeadamente no que diz respeito às relações entre os Estados Unidos e os seus aliados europeus.

A posição de Pompidou sobre a independência da Europa Ocidental e o seu receio de que os Estados Unidos pretendiam dominar o Mercado Comum Europeu constituem os factores fundamentais dos atritos que surgiram na aliança ocidental.

Tal situação poderá modificar-se subtilmente se um homem de ideias mais liberais, como Chaban-Delmas, ou mais aberto aos interesses económicos da França, como Giscard D'Estaing, subisse ao Poder. Os observadores consideram que qualquer dos dois seria menos intransigente em questões de orgulho e de princípio e adoptariam uma política de aproximação relativamente aos Estados Unidos.

Se Miterrand ganhasse a presidência, com o apoio da Frente Unida Socialista-Comunista, o impacto seria enorme tanto para os Estados Unidos como para a Europa.

Embora não seja provável que Miterrand volte as costas a uns e outros, o seu programa para desviar para a esquerda uma França até agora conservadora causará decerto profundas convulsões nas muitas relações deste país com os americanos e com os seus parceiros europeus.

AS ELEIÇÕES

O primeiro escrutínio poderá ser fixado para qualquer domingo entre 22 de Abril e 7 de Maio. Se se verificar a necessidade de um segundo escrutínio, este realizar-se-á dois domingos após o primeiro.

A maioria absoluta para a vitória à primeira consulta popular é de mais de 50 por cento de votos. No caso — mais provável — de nenhum candidato vencer ao primeiro «round» o segundo escrutínio será disputado pelos dois mais votados.

OS E.U.A. GOSTARIAM DE VER ABRANDAR-SE A RIGIDEZ FRANCESA

WASHINGTON, 4 (R) Os Estados Unidos gostariam de ver abrandar-se a rigidez da França em relação ao estreitamento dos laços euro-americanos com o presidente que sucede a Pompidou, mas ninguém em Washington conta muito com essa hipótese.

Nos meios oficiais, há a impressão de que nada mudará muito de imediato, seja quem for eleito para a presidência em França. Salientou-se porém, que há sempre a esperança de que uma tendência mais moderada surja na política externa francesa, permitindo o desanuviamento das tensões actuais.

O presidente Nixon e o secretário de Estado Henry Kissinger, gostariam que o novo Governo francês chegasse a acordo com os seus parceiros europeus sobre a nova Carta Atlântica. Apesar das suas recentes acusações de que a Europa estava a alinhar-se conta os Estados Unidos e a negligenciar as consultas com Washington, o presidente e o seu secretário de Estado pertencem à escola que crê que a total colaboração com a Europa é fundamental para os interesses americanos.

Qualquer novo enfraquecimento dos lacos transatlânticos é considerado pelo Governo como susceptível de atiçar os pedidos para a retirada americana do velho continente, com subsequente agravamento do isolacionismo dos Estados Unidos.

RECEPÇÃO TRIUNFAL AO "LEADER" DO PATHET LÃO

VIENCIANA, 4 — (R.) — O «leader» do Pathet Lao (pro-comunista), príncipe Souphanouvong, entrou hoje nesta capital pela primeira vez em 10 anos, vindo de Hanoi, a fim de participar na constituição de um Governo laociano de coligação, e foi acolhido com uma recepção triunfal e com um abraço do seu meio-irmão, o primeiro-ministro príncipe Souvanna Phouma.

Os dois príncipes comandaram hostes rivais que se combateram persistentemente durante mais de 20 anos, até à assinatura de acordos de paz — no passado, que prevêem a instalação de um Governo de Souvanna e o Pathet Lao.

Souvana e Souphanouvong partem hoje para a capital régia de Luang Pragang, cerca de 400 quilómetros ao norte de Vienciana para submeterem à aprovação do rei Sisavang Vithana a lista governamental.

Os membros do novo Governo — cinco ministros do Pathet Lao, cinco do Governo de Vienciana e dois neutrais — serão apresentados ao soberano no decorrer de uma cerimónia que se celebra na sexta-feira.

O príncipe Souphanouvong, de 62 anos, sorridente e de aspecto extremamente saudável, acenou aos milhares de pessoas que se tinham concentrado no aeroporto para assistirem à sua chegada. Dando mostras de profunda emoção, o primeiro-ministro que conta 72 anos, abraçou longamente seu irmão e beijou-o repetidamente em ambas as faces.

Os acordos de paz estipulam que ao Governo de Vienciana serão atribuídas as pastas das Finanças, da Defesa, da Educação, da Saúde Pública e do Interior, ao passo que o Pathet-Lao terá a responsabilidade da política externa, da economia e planeamento, informação, obras públicas e assuntos religiosos.

O CHILE NO TRIBUNAL RUSSEL

ROMA, 4 (FP) O Tribunal Russel reuniu-se em Roma pela segunda vez consecutiva a fim de examinar os atentados à liberdade e à pessoa humana no Chile.

O professor Joineth, da Universidade de Paris, apresentou na terça-feira um filme acerca das reuniões de Fidel Castro e Salvador Allende em Santiago e Havana, e dos principais episódios do golpe de Estado militar. Numa entrevista filmada na prisão de Santiago, antes do golpe de Estado, o general Waux explica as razões que o levaram a dirigir o levantamento do regimento «Tacna», e justifica a intervenção militar que se lhe seguiu.

A sessão de ontem foi marcada pela intervenção de Roger Plante, da Amesty International, sobre as «irregularidades dos processos políticos» e pela do professor Alessandro Pizzo Russo, da Faculdade de Direito de Pisa, sobre a «violação dos direitos do homem no Chile». Apresentou um importante número de testemunhos e provas. Depois de ter enumerado uma longa lista de crimes atribuídos aos militares chilenos, Pizzo Russo lembrou que a Comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas tinha convidado em Janeiro último o Governo chileno a (por termo imediato a todas as espécies violações dos direitos do homem cometidos a inflação nos princípios da carta das Nações Unidas e dos outros instrumentos internacionais, incluídos os pactos internacionais sobre os direitos do homem».

Entretanto, em Londres, a organização internacional privada, para a defesa dos direitos do homem, Amnesty International, publicou um comunicado em Londres, na véspera do 25.º aniversário da Aliança Atlântica, pedindo à N. A. T. O. para que faça com que os seus Estados membros respeitem os princípios democráticos, a legalidade e as liberdades individuais que figuram no preâmbulo do Tratado da Aliança.

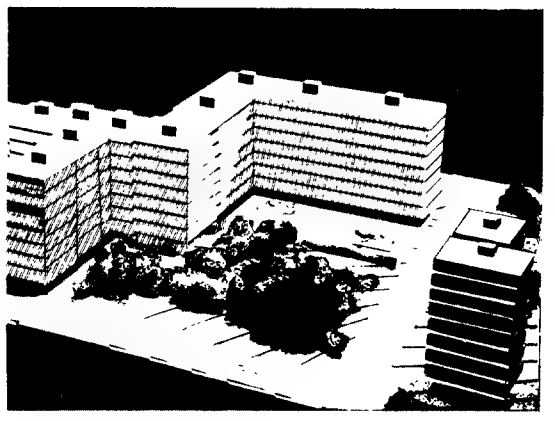
QUINTA RECREIO

VENDE-SE

Com 5000 metros- casa apalaçada com 2 pisos 10 divisões — 4 casas de banho, etc., piscina com tratamento águas, jardim, cultura, muita água canalizada, luz, etc. Casa está mobilada e decorada a 20 km de Lisboa a seguir a Loures, pode-se vender com hipoteca Montepio pagável vários anos. Somos os próprios.

Resposta ao Apartado 4142, — LISBOA 4.

NÓS SOMOS J. PIMENTA



LISBOA
OLIVAIS

- JUNTO DA ESTAÇÃO DE CAMINHOS DE FERRO E A POUCA DISTÂNCIA DO AEROPORTO.
- LOCALIZAÇÃO NUMA ZONA DE ACELERADA EXPANSÃO, NA LISBOA NOVA.
- ACESSO DIRECTO À AUTO-ESTRADA DO NORTE
- BOM ENQUADRAMENTO URBANÍSTICO
- EXÓTICA E AGRADAVEL ZONA VERDE
- CONSTRUÇÃO DE ÓPTIMA QUALIDADE
- FÁCIL ESTACIONAMENTO DE VEÍCULOS

APARTAMENTOS MOBILADOS

NOS MELHORES LOCAIS

PORTO
QUELUZ MONTE ABRAÃO
CASCAIS E COSTA DO SOL
ALGARVE PRAIA DA ROCHA
CASTELO BRANCO E FIGUEIRA DA FOZ

Informações.

Queluz-Edifício Sede Av Antônio Enes, 25-Telef. 952021/2
Lisboa-Praça Marquês de Pombal, 15-Telef. 45843-47843

AGENTES EM TODO O PAÍS

SP/DL

ALFRAGIDE: GRAVES ATENTADOS AO PLANO DE URBANIZAÇÃO

Os «graves atentados» que continuam a cometer-se em Alfragide contra o respectivo plano de urbanização merecem atenção especial por parte do grupo «Amigos de Alfragide» no seu relatório do exercício de 1973, agora aprovado em assembleia geral. Refere-se especialmente o caso dos lotes 117 e 124, da Avenida D. Luís I, e 143 e 144 A, da Rua Pinheiro Borges, «cuja construção está consumada, permanecendo para a posteridade como triste e aberrante anti-monumento a uma época (que esperamos bem se não repita) da história urbanística desta nossa Grande Lisboa».

No respeitante às chamadas «zonas verdes», os «Amigos de Alfragide» dizem prosseguir as suas diligências junto da Câmara Municipal de Oeiras no sentido que se complete o arrelvamento ou a arborização das áreas assinaladas no plano e que ainda não foram alvo desse melhoramento, nomeadamente a zona escolar, a Praceta Manuel Guimarães e a faixa Norte da Rua da Imprensa. Pedem ainda a plantação de mais arbustos nas áreas acabadas.

O problema dos transportes colectivos — diz-se no relatório — avivou-se no fim de 1973, com a crise da gasolina, a qual se seguiu a um progressivo aumento da população do bairro (hoje cerca de 4500 pessoas). Um grupo de trabalho elabora um estudo sobre os novos horários da empresa «Eduardo Jorge». Uma constante da lista de carências é a praça de táxis.

A VIDA DO GRUPO

O grupo conta atingir muito brevemente os 500 sócios, para o que dispõe de dois «trunfos» importantes: o judo e o râguebi. Quanto às actividades culturais, referem-se os convívios musicais e um inquérito levado a efeito por um grupo de trabalho sobre o «Modo de viver em Alfragide».

Na assembleia geral recentemente realizada (e em que o «Diário de Lisboa» foi alvo de um voto de louvor), procedeu-se a eleições, tendo os corpos gerentes ficado assim constituídos:

Assembleia geral: presidente, eng. José Correia da Cunha; vice-presidente, dr. Jacinto Baptista; secretários, padre Manuel Martins e Fernando Gameiro Costa.

Direcção: presidente, Manuel de Lemos Peixoto; vice-presidente, José Baeta de Queiroz; secretários, Francisco de Assis Piedade e Pedro de Barros Vilalva; tesoureiro, Luis Gomes de Araújo; e vogais, Hugo Maia de Loureiro, António Flores Mendes, Maria Isabel Mire Dores e José Pedro Ramos.

Conselho fiscal: presidente, dr. Fernando Barreto Braga; relator, Evaristo Vasconcelos; secretário, Manuel Caldeira Martins; e vogais, Diogo da Silva Ferreira e Vítor Ramalho Alves.

As receitas do grupo, durante o exercício, totalizaram mais de 94 contos (com o saldo de 44 contos vindo da gerência anterior) e as receitas rondaram os 24 contos.

O «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Fernando Maurício CRUZ QUEBRADA

OS NACIONALISTAS CURDOS REGEITAM O ESTATUTO DE AUTONOMIA

Continuação da pag. 3

nifestam entre as duas formações desde o princípio de 1972 são, simultaneamente de ordem táctica e estratégica. Tal como os curdos, os comunistas pensam que o processo de democratização do regime não é satisfatório. Consideram, no entanto, não ser indicado apressar os acontecimentos e reforçar, assim, a ala direita do Partido Baas, num momento em que o Iraque está submetido às pressões conjugadas do **imperialismo americano e do seu aliado iraniano.** Para os curdos, que estão prontos **a aliar-se com o diabo** para obter os seus direitos nacionais, esta lógica é falaciosa e inadmissível; nenhuma resistência estrangeira, segundo eles, deve deste modo ser repelida.

Em Junho de 1973, o general Barzani, presidente do Partido Democrático Curdo, concede a Jim Hoagland, do **Washington Post**, uma surpreendente entrevista na qual revela que é hostil à nacionalização da IPC. Declara-se disposto a confiar a exploração dos campos petrolíferos de Kirkuk a uma companhia americana, com a condição de Washington lhe fornecer uma assistência militar, a qual poderia ser fornecida por imtermédio do Irão ou de Israel. É verdade que o chefe curdo já frequentemente havia mantido, «em privado», propósitos análogos com os seus visitantes estrangeiros. O facto de ter autorizado um jornal americano a dar conta disso, deixa entender que os dois campos estavam praticamente à beira da rotura. As negociações há cerca de um ano entre o Baas, o PC e o PDC, com vista à formação da Frente Nacional, estavam num impasse e os incidentes multiplicavam-se no Norte do país.

O golpe de Estado abortado do antigo chefe da segurança, Nazem Kazzar; que termina, em 30 de Junho de 1973, com o assassinato do ministro da Defesa, incita o Baas a abrandar as suas posições. Passando uma esponja sobre as declarações do general Barzani ao **Washington Post**, o vice-presidente do Conselho, Saddam Hussein, oferece aos autonomistas curdos e aos comunistas, dez dias depois da execução de Kazzar, assinar imediatamente o pacto nacional que deve selar a sua aliança. O PDC, fazendo valer que o «putsh» falhado ilustrava bem o carácter não democrático do regime, rejeita a proposta.

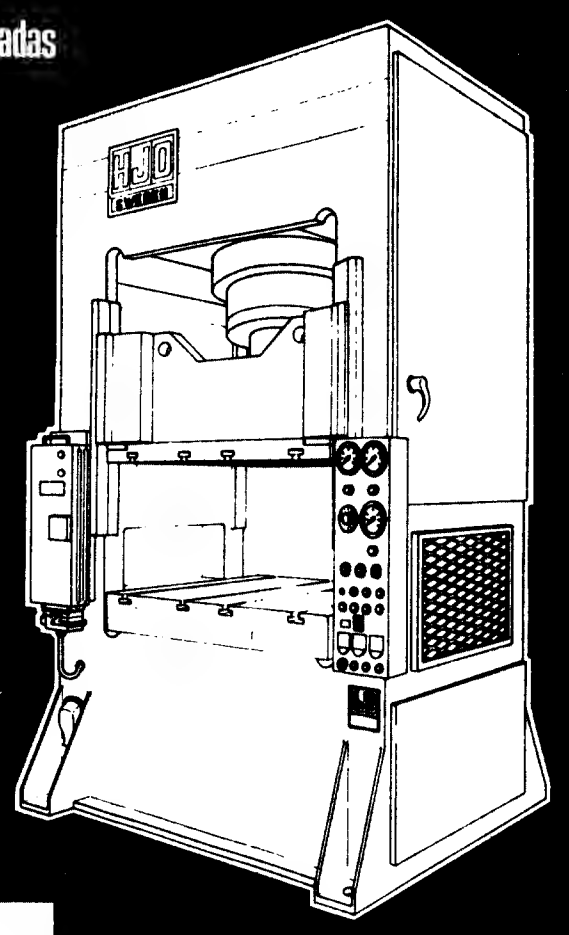
Unidos doravante no seio da Frente Nacional Progressista, baasistas e comunistas reafirmam a sua intenção de **levar a seu termo o diálogo com o PDC**. No entanto, nenhum compromisso parece possível entre o estatuto de autonomia outorgado pelo Governo e o projecto fundamentalmente diferente do PDC, que implica a instituição de um regime federal no Iraque.

A aplicação unilateral do estatuto de autonomia, sem o assentimento dos principais interessados, não deixará de criar uma situação perigosa no Norte do país. O risco de um recomeço das hostilidades entre os partidários do General Barzani e o poder central não pode ser excluído.

JEAN GUEYRAS

PRENSAS HIDRÁULICAS

de 30 a 1500 toneladas



MODERNAS
RESISTENTES
SUAVES
PRECISAS
RÁPIDAS
VERSÁTEIS
ECONÓMICAS

COMANDOS ACESSÍVEIS
MANEJO SIMPLES
REGULAÇÃO FÁCIL
APROVEITAMENTO TOTAL

APLICAÇÕES MÚLTIPLAS

GCL

ALFREDO CARDOSO & Cia. Lda.
Rua António Bessa Leite, 999 tel. 60197 Porto

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAL DE SANTA MARIA

CANULAS E CATETERES
Conc. Público n.º 57/74
SONDAS, TUBOS DE MAGGIL E OUTRO MATERIAL DE ANESTESIA
Conc. Público n.º 58/74
MATÉRIAS-PRIMAS
Conc. Público n.º 55/74

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados (das 9 às 12.30 horas), na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada no Caderno de Encargos.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 29 de Março de 1974.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES
a) Manuel Brioso Pina de Jesus

MÚSICA AMBIENTE NO SEU Estabelecimento

INSTALAÇÕES:
ESTEREOFÓNICAS
QUADRIFÓNICAS
ORÇAMENTOS GRÁTIS

AUDITÓRIO VIVALDI
Av. João Crisóstomo, 91-A
Tel. 53 42 08

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pela «Tabacaria Islandia» FEIJÓ

GRÉMIO NACIONAL DOS ARMAZENISTAS DE MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Praça Velasquez, 219-3.º
PORTO

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos, convoco para o dia 11 de Abril de 1974, às 15 horas, na sede deste Organismo, à Praça Velasquez, 219-3.º, no Porto, a Assembleia - Geral do Grémio Nacional dos Armazenistas de Materiais de Construção, com a seguinte ordem de trabalhos:

Alteração do Artigo 12.º, N.º 5, dos Estatutos

A Assembleia funcionará à hora marcada desde que esteja presente a maioria dos sócios; caso tal não aconteça funcionará, com qualquer número, uma hora depois da designada.

Porto, 1 de Abril de 1974.

Grémio Nacional dos Armazenistas de Materiais de Construção

O Presidente da Assembleia Geral

(Lusitânia Comercial de Viseu, Ld.ª)

ESTABELECIMENTOS J. B. FERNANDES, S. A. R. L.

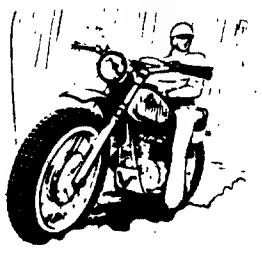
COMUNICAM QUE, POR MOTIVO DAS SOLENIDADES RELACIONADAS COM A SEMANA DA PÁSCOA, ENCERRARÃO TODOS OS SEUS SERVIÇOS NA QUARTA-FEIRA, DIA 10, À HORA HABITUAL, REABRINDO NA SEGUNDA-FEIRA, DIA 15, ÀS 9 HORAS.

AGENTE DE VENDAS
CURTIDOS

NECESSITA-SE PESSOA CONHECEDORA DO RAMO PARA VENDA EM LISBOA E ARREDORES DE ARTIGOS DE PELE PARA VESTUÁRIO, CALÇADO E MALAS.

RESPOSTA A ALVES RAPOSO, LD.ª
APARTADO N.º 2 — MINDE

LEIA



motor

DL/GERAL

O presidente da Sperry Univac em Lisboa

O Senhor G. Probst, Presidente da Sperry UNIVAC, acompanhado pelo Senhor Mário Nuti, Vice-Presidente Regional para a Europa, deslocou-se a Portugal em visita de trabalho, tendo sido recebido no aeroporto pelo Administrador Delegado da Sperry UNIVAC Portugal, Dr. Gonçalo Vaz Pinto.

A crescente expansão dos computadores, com aplicações cada vez mais vastas em todos os campos da actividade económica e científica tem-se verificado também em Portugal, e assim, a visita do Presidente da Sperry UNIVAC enquadra-se no interesse que esta grande empresa americana tem mostrado pela sua subsidiária portuguesa, que entre os seus clientes algumas das mais importantes empresas nacionais.

Automóvel desaparecido

Desapareceu ontem de casa do seu dono, um automóvel branco, Morris 1000, que tinha por matrícula FL-65-30. A quem souber do seu paradeiro agradece-se o favor de entrar em contacto com o telefone 655233.

Hospital do Instituto Português de Oncologia

..PORTO, 4 — Uma vez concluídas as obras e o apetrechamento da primeira fase do Hospital do Instituto Português de Oncologia (centro do norte), a sua abertura deverá ocorrer ainda este mês, possívelmente no próximo dia 17.

A partir desse momento, passará a população do norte do País a dispor de assistência hospitalar anticancerosa especializada, benefício que só será bem avaliado por quem, presentemente, é forçado a percorrer mais de trezentos quilómetros para se tratar da terrível enfermidade, em Lisboa.

Seguir-se-ão, agora, as obras da segunda fase do hospital, ou seja, do bloco de cirúrgia e seu apetrechamento.

POHER NOMEADO OFICIALMENTE

PARIS, 4 (R) — Alan Poher, presidente do Senado francês, foi nomeado hoje oficialmente presidente interino da República Francesa.

As tensões da vida moderna

O prof. Carlos Eduardo Pessione, diplomado pela Maharishi International University (Seelisberg, Suiça), profere amanhã, na Associação Cristã da Mocidade («Instituição de Cultura Integral»), na Avenida Pedro Alvares Cabral, 23, uma conferência subordinada ao tema «Meditação Transcendental».

Eis alguns dos tópicos desenvolvidos:

«Por vezes os mais difíceis problemas têm a mais simples das soluções. A questão da susceptibilidade do sistema nervoso às tensões tem sido exaustivamente delineada e analisada. O conhecimento ganho, porém, não tem apresentado nenhum remédio eficaz e de fácil aplicação.

(...) «Mais de metade das mortes na Inglaterra e no País de Gales são provenientes do coração e de outras doenças circulatórias, tendo as tensões como factor comum: em cem pessoas de meia idade, duas sofrem de hipertensão.

(...) «O que parece estar a acontecer é que à medida que a marcha da vida aumenta, a pressão das experiências de cada dia vai-se tornando tão intensa que as recuperações e os reajustamentos do sistema nervoso desenvolvidos durante o sono profundo e o sonho nem sempre podem obstar às tensões provocadas pela referida marcha.»

Três milhões lavam com Siemens

Recomendamos Detergente e Amaciador de roupa

Será a Senhora a próxima?

Estamos convencidos que sim... pois lavagem, hidroextracção e secagem num só aparelho é a solução ideal para um lar moderno. Duas máquinas numa, num espaço de menos de uma... e outros modelos de máquinas de lavar e secar roupa são criações da nossa gama de electrodomésticos para facilitar as tarefas da dona de casa. Visite os nossos salões de exposição ou consulte os revendedores autorizados Siemens.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

Alegre, cruel, louco, anti-conformista, comovente e livre...

O CONVITE (L'INVITATION)

UM FILME DE CLAUDE GORETTA

Grande Prémio do Juri
Festival de Cannes 1973

Candidato ao Oscar
Melhor Filme Estrangeiro 1974

Michel Robin · Jean-Luc Bideau
Corinne Coderey · Jean Champion

6.ª SEMANA

"uma festa fabulosa"!

LONDRES

GRUPO D – 18 ANOS COLORIDO

Teatro MONUMENTAL

Telef. 55 51 33

GRUPO D - M/ 18 anos

AMANHÃ às 21.45 horas

Homenagem a JOSÉ GAMBOA

TEOMPA e VASCO MORGADO APRESENTAM

UM ESPECTÁCULO DE ALTO NÍVEL ARTÍSTICO

ALBERGUE NOCTURNO

de MAXIMO GORKI

com JOSÉ GAMBOA na sua magistral criação «LUKA»

«ALBERGUE NOCTURNO»

Sábado, às 16 horas dedicada à juventude à noite às 21.45 h. Domingo às 16 e 21.45 h.

ESTUDANTES 50 % DESCONTO

DL/GERAL

CONGRESSO INTERNACIONAL DE ECONOMIAS REGIONAIS

Vai realizar-se em Lisboa, de 5 a 9 de Maio próximo, o VII Congresso Internacional das Economias Regionais — importante reunião científica que tem o alto patrocínio da Presidência do Conselho.

As sessões de trabalho efectuar-se-ão na Reitoria da Universidade de Lisboa, estando inscritos indivudalidades de relevo, além de portugueses, da Alemanha Federal, França, Espanha, Itália, Polónia, Grã-Bretanha, Bélgica, Bulgária, Holanda, Suécia, Canadá, Brasil, Israel, Jugoslávia, Suíça e Tunísia.

A Comissão de Honra do Congresso integra altas entidades oficiais portuguesas e de outros países representados, como a respectiva Comissão Executiva inclui dirigentes de outros organismos oficiais de investigação científica da maior complexidade.

A sessão inaugural, sob a presidência de um membro do Governo português com a presença do presidente do C.I.E.R. (Conselho Internacional das Economias Regionais), efectua-se às 9 e 30 horas do próximo dia 6 de Maio.

No contexto geral dos trabalhos podemos referir alguns dos relatórios a apresentar, nomeadamente: «Defesa do ambiente e desenvolvimento regional», «As regiões portuárias: sua importância no desenvolvimento regional. O problema dos transportes», «Novas localizações no litoral para as actividades económicas», «A protecção do ambiente nas áreas em desenvolvimento».

Desde já podemos comunicar que para mais completo conhecimento desta importante reunião, vai realizar-se, na próxima 6.ª feira, 5 às 18 e 30 horas um encontro com os representantes dos Órgãos da Informação, na Av.ª D. Carlos I, n.º 126-1.º esq., em Lisboa (sede da Comissão Nacional do Ambiente).

DOIS NOVOS SEMANÁRIOS

Dois novos semanários acabam de aumentar o quadro das nossas publicações periódicas:

«Livre», revista dedicada à actualidade desportiva, e «Redondel», que se ocupará da actividade tauromáquica.

Ambas as publicações têm jornalistas como directores: José Sampaio, a primeira, e Luís Alberto Ferreira, a segunda.

Os nossos votos de êxito e larga vida.

Actualização da política empresarial da ICESA no sentido da produção de habitações de maior nível e mais valorizadas

Continuação da pág. 13

tações de maior nível, mais valorizadas, e ao mesmo tempo adequadas a uma suficiente procura por parte do público.»

Segundo a nova orientação, iniciou-se a construção de mais 816 fogos em Santo António dos Cavaleiros, tendo ficado a justeza da nova linha bem confirmada pela venda de 430 fogos no decorrer do exercício.

A instalação de um novo estaleiro de construção em Miraflores assinalou o começo de uma outra realização da empresa que engloba uma primeira fase de 660 fogos, cuja decoração e equipamento foram cuidadosamente concebidos, tendo sido iniciado ainda o estudo de um conjunto de realizações turísticas cujo lançamento em produção é de esperar ainda no decorrer deste ano.

Precisou, porém, o sr. eng.º Monteiro de Barros:

«Embora com tais programas já se consiga atingir valores globais de produção muito elevados, ficam todavia ainda por utilizar, no próximo exercício, capacidades de produção excedentárias que permitirão a empresa uma vantajosa maleabilidade perante conjunturas e oportunidades»

Em seguida, o presidente do Conselho de Administração da ICESA abordou diversos aspectos da actividade da empresa nos aspectos da produção, comercialização, administração, gestão e organização dos serviços, nomeadamente os respeitantes ao crédito sobre clientes, quer relativamente aos clientes por empreitada quer à venda de habitações aos particulares.

Por fim, o presidente do Conselho de Administração da ICESA, declarou, com um optimismo que, apesar das dificuldades, é justificado pela evolução da empresa no último decénio e pelas perspectivas favoráveis que apresenta:

«Apesar das incertezas do tempo presente, das vicissitudes características da actividade que exercemos e das dificuldades conjunturais que a tem afectado nos últimos anos, não é, pois, sem franco optimismo que encaramos o futuro da nossa empresa, tendo em conta a adaptação constante das políticas por que a temos orientado e o elevado grau de industrialização que nos foi já possível conferir-lhe em todos os aspectos, numa época em que tal evolução cada vez mais se impõe, ou pode mesmo considerar-se imprescindível.»

AS FADAS NAS CONFERÊNCIAS DO DIA DO LIVRO INFANTIL

Na Biblioteca Nacional e na Fundação Gulbenkian, o escritor Hans Christian Andersen, que teria completado 169 anos se fosse vivo, e à literatura infantil, que entre nós pouco mais é do que uma criança, foram objecto de conferências, integradas nas comemorações do Dia Internacional da Livro Infantil.

As fadas, tradicionalmente ligadas às histórias para crianças estiveram presentes em ambas as dissertações: na da dr.ª Maria Isabel Mendonça Soares romanceou a vida de Biblioteca, e na de Maria Lamas, à noite, na Gulbenkian, onde também foi inaugurada uma exposição de livros infantis, como se noticiou oportunamente.

A FAVOR DAS FADAS

Autora de livros infantis e juvenis, e convidada pela Diracção-Geral da Educação Permanente para conferenciar, a dr.ª Maria Isabel de Mendonça Soares romanceou a vidasde Andersen, a partir de uma frase de Antero de Quental: «As fadas, eu creio nelas». Se não fossem as fadas, o pobre Hans Christian, filho de um sapateiro de Odense, na Dinamarca, nunca teria chegado a ser o escritor célebre em todo o mundo, pelos contos que maravilham as crianças e enternecem os adultos.

Essas fadas não eram, porém, os seres a que os antigos (?) ilustradores de histórias davam a forma de raparigas louras e a que os autores impingiam as qualidades que correspondiam aos seus valores mais altos. As fadas do pequeno Hans chamavam-se «poesia, inteligência, génio». Foram essas qualidadas que lhe permitiram descobrir o **maravilhoso** a partir dos estreitos horizontes da sua vida de menino pobre, da convivência com uma avó mitómana e com os «doentes mentais» do hospício que ficava perto de sua casa, do desejo insatisfeito de ser bailarino e cantor de ópera. E esse sentido do **maravilhoso** que está presente nos seus livros. Livros que muitas, mas mesmo muitas crianças presentes no convívio infantil de ontem à tarde da Gulbenkian não conheciam sequer.

CONTRA A BANDA DESENHADA

Maria Lamas, pelo contrário não acredita em fadas. Disse-o durante a conferência em que dissertou sobre «A importância da literatura infantil na formação e enriquecimento espiritual da criança» e confirmou-o no colóquio que se seguiu. Mas pensa que o maravilhoso é imprescindível na literatura infantil, para contrabalançar o peso das duras realidades de que o mundo actual é feito.

Falou igualmente sobre a adulteração da linguagem, pronunciando-se contra a banda desenhada e toda a literatura em quadradinhos.

Marchueta na Amadora

O dr. Afonso Marchueta, governador civil do distrito de Lisboa, vai no domingo, pelas 17 e 30, à Amadora, onde presidirá à cerimónia da distribuição de prémios do V Grande de Torneio Aberto de Ténis de Mesa, organizado pelo Clube de Futebol Estrela da Amadora.

As provas do torneio, a cuja comissão de honra o governador Afonso Marchueta também preside, realizam-se, bem como a referida cerimónia, no pavilhão gimnodesportivo da Associação Académica da Amadora.

HOSPITALIZAÇÃO PRIVADA

Decorrerá em Lisboa nos dias 17 a 19 de Maio a assembleia geral da União Internacional da Hospitalização Privada, organismo que representa, a nível internacional, os estabelecimentos de hospitalização privada.

Portugal é membro daquela instituição através do Grémio Nacional das Casas de Saúde, a quem cabe, este ano, a organização da reunião.

A União Internacional da Hospitalização Privada, com sede em Paris, dispõe de um Comité Europeu no seio da CEE e visa a defesa dos interesses de ordem profissional, técnica, económica, moral e social da hospitalização privada dos países filiados.

Afastado do caso o automóvel encontrado em Coimbra

Afinal o automóvel encontrado em Coimbra, e que se presumia ter sido utilizado na morte do guarda da PSP António Moreira, ocorrida na madrugada de sábado no Aeroporto da Portela, «não tem nada a ver com o caso» — segundo declarações hoje obtidas junto das autoridades.

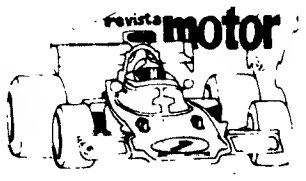
«São alarmes falsos» — disse-nos um elemento da P. J.

Efectivamente, ainda esta madrugada um telefonema anónimo indicou um veículo abandonado na Ajuda. Deslocaram-se vários agentes àquele ponto da cidade e, mais uma vez, tiveram de regressar decepcionados à corporação.

Reunião em Lisboa da União Europeia de Radiodifusão

A Comissão de programas de rádio da União Europeia de Radiofusão está reunida num hotel de Lisboa desde a manhã de hoje. 76 delegados de diversos países participam nos trabalhos. O director dos serviços de programas da Emissora Nacional que chefia a delegação portuguesa abriu os trabalhos falando em representação do presidente da E. N. Os trabalhos terminam amanhã.

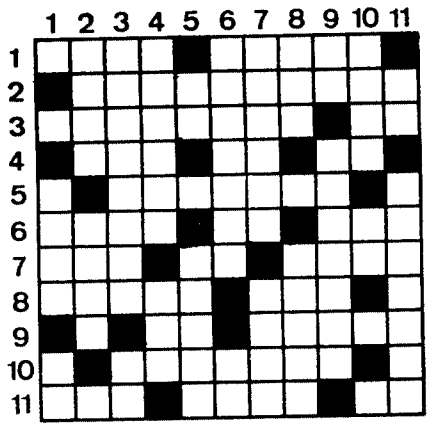
O programa social do encontro inclui uma recepção no Castelo de S. Jorge na noite de hoje, oferecida pela Câmara Municipal de Lisboa e, amanhã, um jantar de encerramento a realizar no Palácio Foz.



Palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10744



HORIZONTAIS:

1 Divindade. Auxílio.
2 Apoiara.
3 Em partes iguais. Pele curtida para usos industriais. Artigo definido (ant).
4 Cidade da Africa ocidental francesa. Brisa. Samário (s.q).
5 Vexame.
6 Besunta. Preposição e artigo definido. Esteiro.
7 Ena! Centímetro. Cidade da Roménia.
8 Rede de malha muito estreita. Pedra de altar.
9 Artigo definido. Padeceu.
10 Volta.
11 Culpado. Medida de uma superfície. Nota musical.

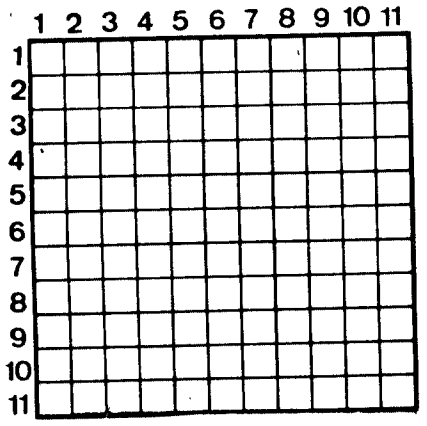
VERTICAIS:

1 Artigo definido. Aquele que. Frâncio (s.q).
2 Prendei com elos. Ninhos.
3 Combater. Estrépito de desmoronamento.
4 Alforge. Filtre.
5 Moderato. Geração.
6 Suplicaram com puas Sufixo que designa estado.
7 Jarra grande Irra!
8 Boi selvagem. Anfiteatro.
9 Concede. Montesino.
10 Lavrem. Seguia.
11 O mais. Vem antes da hora marcada.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6902



HORIZONTAIS:

1 Capital da Checoslováquia e da Boémia, nas margens do Moldava. Gíria.
2 Ente. Gélidas.
3 Osso que, com o cúbito, forma o antebraço. Antes de Cristo.
4 Antigo Testamento. Voz do gato. Aqui.
5 Arena. Toucinho fresco.
6 Grande cão de fila. Adejem.
7 Chefe etíope. Fasquia.
8 O sono das crianças. Colocar. Empunhar.
9 De altos preços. Espaço de doze meses.
10 Grande afeição. Dádiva. Artigo definido.
11 Pronome possessivo. Pisara.

VERTICAIS:

1 Espigas de milho.
2 Reis. Calcanhar. Mulo.
3 Prefixo que designa ar. Ruins. Filtra.
4 Peça de metal com que se seguram e ligam duas pedras numa construção. Semelhante.
5 Distrito da Índia Portuguesa. Ribeira de Portugal.
6 Vendo a crédito. Demora.
7 Nome de jogo. Imensidade. Nome de astro.
8 Nesse lugar. Tombara. Mil e cem em romano.
9 Nota musical. Destrói.
10 Pega. Apurar (fig)
11 Queixosa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10743

HORIZONTAIS:

1 POBRETE. Mm
2 Ar. Oiros. Oó.
3 Lemno. Assim.
4 Egua. Aero.
5 Gás. Coa. Ra.
6 Riana. Catre.
7 Sultana.
8 To. Acabo. At.
9 Era. Ature.
10 Aba. Ana.
11 Aleia. Grilo.

VERTICAIS:

1 ALEGRETE.
2 Pregai. Orai.
3 Musas. Abé.
4 Bona. Nua. Ai.
5 Rio. Calca.
6 Er. Bo. Ta.
7 Toa. Acaba.
8 Essa. Anotar.
9 Sertã. Uni.
10 Moirar. Aral.
11 Momo. Este.

Provérbio: Pobrete alegrete.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6901

HORIZONTAIS:

1 Malesso.
2 Açora. Rumas
3 La. Pt.
4 Arm. Meã. Aar.
5 Orara. Mango.
6 Orão. Acio.
7 Tímidos.
8 Avive. Ossos.
9 Lira. Tola.
10 Ma. Resta. Ad.
11 Amuar. Arosa.

VERTICAIS:

1 Balão. Calma
2 Carro. Viam
3 Mo. Mártir.
4 Aru. Raivara.
5 La. Maomé. Er.
6 Ce. SS.
7 Sr. Amado. Ta.
8 Sul. Acostar.
9 Om. Anissó.
10 Apago. Olas.
11 Astro. Usada.

PORTUGAL, 0-INGLATERRA, 0 DL/DESPORTOS

Estava tudo a pedir chuva...

É verdade: o jogo estava mesmo a pedir chuva. Com um único treino de «conjunto», com a «malta» reunida (por favor...) dois dias antes de sairem para o relvado da Luz, que poderia esperar-se do «team» de José Maria Pedroto, o professor português de Futebol que é especialista em bater o pé aos ingleses?

Por NEVES DE SOUSA

Amigos: a certeza que prevaleceu após os 90 minutos, aos nove ou 10 mil «penitentes» que, por mor da paixão pela bola, foram até ao estádio benfiquista, residiu no aplauso a um trio de consagrados (José Mendes, Humberto Coelho e Damas) a par do insólito registo de que o único remate à baliza britânica, remate mesmo digno bolística e domina o couro com os pés e com a cebecinha.

NÓS

Por seu lado, a rapaziada que Pedroto convocou fez metade do que se lhe pedira: ganhar ou, pelo menos, não perder. Já vão longe os tempos do 0-10: hoje (com o Vitória de Setúbal e o Sporting a galgarem sobre os obstáculos britânicos, com o Benfica fartinho de os atirar para o pó) ingleses para portugueses, a meterem terror, a provocarem pânico, foi chão que deu uvas. De mais, se atentarmos no significado deste duelo de ontem: a feijões e só para entreter.

Como se sabe, não houve golos. Na nossa banda, o trio que já salientámos (Mendes, Humberto, Damas) chegou e sobrou para desbaratar os esporádicos ataques lateralizados dos «misters». A seu lado, os defesas de flanco (Rebelo, a actuar pessimamente no período inicial, mas a subir no tempo restante; Artur, a trabalhar dentro do seu vulgar estilo, mais para alívio que para construção) foram dois marcos quase nulos. O trio médio afundou-se completamente: Toni perdeu a energia na 2.ª feira de manhã, Arnaldo ficou perplexo com a internacionalização aos 30 anos e Octávio, ainda assim o menos mau, teve o tal chuto contra Parks e por aí ficou até ir tomar banho. Na seta da frente, não se percebeu o que andava a fazer Vítor Baptista, para que lado corria Jordão, até onde conduziam os jonglerismos de Jacinto João. Tudo a sair torto e a pedir o que se viu mais tarde: uma chuva em cima de toda a gente.

A selecção que iniciou o jogo com a Inglaterra: Artur, Damas, Toni, Rebelo, José Mendes e Humberto (de pé) e Arnaldo, Vítor Baptista, Octávio, Jordão e Jacinto João (ajoelhados).

Desenvolvimento atacante dos portugueses com Rebelo e Jacinto João no fulcro da jogada.

MAIS ADIANTE

Humberto («capitão» de momento) teve uma única falha: quando o remate de Brooking foi bater no poste de Damas, havia 5 minutos de «show». Há um «bailarico» inglês durante mais cinco minutos, com remates ao lado, por cima e a beijar os travessões brancos de Portugal. Os pagantes, desiludidos, até assobiavam para aquecer, quando a melhor «defesa» do desafio foi rubricada (aos 19 minutos) por Vítor Baptista, tirando (de cabeça) a bola do canto das malhas britânicas. E, até ao intervalo, tudo arrastado, tudo lento, tudo mastigado e a passo: tanto de um como do outro emblema.

A entrada de Vítor Pereira e Valter (rendendo Toni e Arnaldo) não melhorou as operações. Tal como a convocação activa de Romeu (mudança de Vítor Baptista) nem sequer fez bulir a nossa produtividade: apenas a santíssima trindade do burgo (outra vez a merecerem parabéns o setubalense Mendes, o benfiquista Humberto e o «leão» Damas) continuou a chegar para as encomendas. Por alturas da hora de monotonia, a plateia puxou um bocadinho pelos moços: a chuva e a calmaria, todavia, arrefeciam todos os ímpetos. Depois dos trabalhadores recrutados para enfrentarem as Gálias, estes profissionais do chuto estavam apenas a justificarem o seu «cachet», preparados para voltarem a penates, satisfeitos da vidinha por terem entrado na citação federativa como «homens sem derrota».

ADEUS

Resta mencionar que o jogo deu para tudo: até para o «cavaleiro» Ramsey só ir para o banco de «inteligentes» aos 73 minutos e apenas para mandar entrar o velho conhecido Ball (envio para o duche de McDonald) que também só deu umas corridinhas antes de se finar. Uma palavra para Vítor Pereira: maior impulsividade, mais perfeita penetração, mas tudo de novo a voltar à sonolência. Portugal (já então num 4X4X2 feito para medrosos) esperava o apito do espanhol Guruceta para receber uns «cobres» e voltar a pensar nos outros patrões de todo o ano. Os que pagam, por empate ou por vitória, seja contra o Avintes, seja perante o Vila da Feira.

desse nome, pertenceu ao pequenino Octávio que, por sinal, até joga a médio...

Estes pupilos de Alfred Ramsey (primeiramente a alinharem em 4X3X3, com o guarda-redes Parks, uma cortina defensiva composta por Nish-Watson-Todd-Pejic, um centro de campo preenchido pela trindade Bobson-Channon-Brooking e uma dianteira vinculada em Bowles-McDonald-Peters) nem sequer dão muito que fazer aos contrários. Arregimentados em última instância, reuniram-se em Londres, pegarem o avião em Heathrow, vieram comprar uns bonecos da Rosa Ramalho, provaram a «sangria» e voltam a casa: contentes da vida e à espera de outro «biscate» fora-de-horas.

Constelados de nomes novos, apenas com a evidência do apelo aos «velhos» Peters e Ball (este, chamado na segunda metade do espectáculo da Luz, só para somar mais um risco no labor em prol de sua magestade) fizeram tapete para uma única figura: Channon, realmente um sujeito que sabe de táctica futebolística e domina o couro com os pés e com a cebecinha.

Já tem 20 anos a

REGISCONTA

Por isso, na sexta-feira dia 5 de Abril, toda a Empresa está

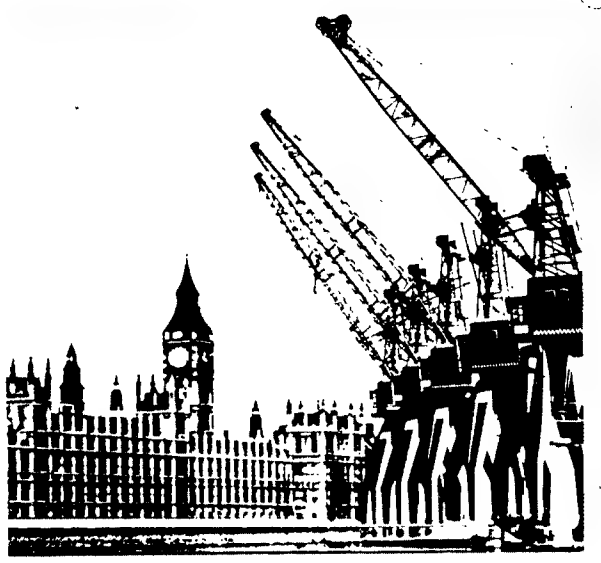
ENCERRADA

com excepção da Secção de Acessórios, na Rua Serpa Pinto, 15-B, em Lisboa, e dos piquetes dos Serviços Técnicos, que funcionarão só da parte da manhã. Todo o pessoal (cerca de 800 colaboradores) estará comemorando o 20.º

ANIVERSÁRIO

A partir de segunda-feira, pode voltar a contar com... aquela máquina!

rumo exportação crescer



missão comercial ao Reino Unido

16 de Junho

Depois de elaborada prospecção da receptividade dos nossos produtos naquele mercado decidiu-se dirigir esta missão principalmente, aos exportadores dos seguintes sectores.

· ferragens · cutelaria · artes gráficas · resinas
· ardósias · tecidos e fios · vegetais · frutas secas
· flores · marroquinaria · cerâmicas · vidros

Se a sua empresa tem uma estrutura técnico-comercial capaz de corresponder as exigências dos mercados externos, não deixe de nos contactar.

FUNDO DE FOMENTO DE EXPORTAÇÃO

Departamento de Missões Comerciais:
Avenida 5 de Outubro, 101, 2.º
Telef. 767410/767520/767573 - Lisboa 1

Delegação no Norte:
Rua Gonçalo Cristovão, 178, 1.º-Esq
Telef. 380214 - Porto

FUTEBOL

Juniores de Portugal: duas vitórias na qualificação

Um golo de Seidi, a dois minutos do fim, fechou da melhor maneira a participação da selecção portuguesa de juniores na fase eliminatória do torneio da UEFA. Os jovens futebolistas portugueses, ontem dirigidos por Peres Bandeira, venceram o seu segundo jogo, em Kriens (Suiça) por 1-0. Somada esta vitória aos 5-1 de Alvalade, a eliminação da Suiça não deixou dúvidas como dúvidas não há àcerca do valor da nossa selecção de juniores. O grupo luso alinhou com Valter, Dinis, Eurico, Roque e Tavares; Barrinha (Sousa), Lito, Isidro e Fernando Martins; Seidi e Gomes.

BARREIRENSE: DOIS JOGOS DE INTERDIÇÃO

O Barreirense não voltará a jogar no seu campo até final deste campeonato, por decisão do Conselho de Disciplina da Federação que interditou o campo D. Manuel de Melo por dois jogos e em função do **comportamento incorrecto de uma parte do público, que provocou lesão física a um elemento da equipa de arbitragem.**

Em virtude disso o Barreirense terá de procurar outro campo para jogar com o Guimarães (na 28.ª jornada, dia 5 de Maio) e com o Sporting (no último dia do campeonato).

Mais penalidades: um jogo ao brasileiro Fernandes, do Montijo, repreensão por escrito a António Jorge, da Académica e multa de mil escudos ao Vitória de Setúbal (demora na entrada em campo) e Boavista (comportamento incorrecto do público sem molestar a equipa de arbitragem).

FLÁVIO

O Fluminense pretende o concurso de Flávio, actualmente no F.C. do Porto, mas diz não ter dinheiro para comprar o passe do jogador. Por isso, o popular clube «pó de arroz», do Rio de Janeiro, tenta o empréstimo do futebolista até final do ano.

VALECAMBRENSE

O antigo e famoso jogador Rui de Araújo foi substituído na Direcção Técnica do Valecambrense pelo dito secretário-técnico sr. Armindo Matos.

BENFICA

O guarda-redes Alvaro será o suplente de Bento no jogo que os campeões nacionais vão disputar a Viana do Castelo, para a Taça de Portugal. No mais, Cabrita pensa deslocar, ao Norte, os elementos que estiveram em Alvalade para bater o Sporting.

BENFICA-BRASIL

Esta noite, na Luz, um misto de jogadores jovens do Benfica defronta a selecção de Juniores do Brasil que passa por Lisboa em viagem para o torneio de Cannes. Este jogo principia às 21 e 30.

MAGDEBURGO MAIS PRIMEIRO

O F.C. Magdeburgo, próximo adversário do Sporting Clube de Portugal nas meias-finaiss da Taça das Taças, aproximou-se mais do título de campeão da Alemanha Oriental, ao derrotar o Dymano de Dresden por 1-0 perante 35 000 espectadores. Resultados:

Chemie de Leipzig-Rot-Weiss Erfurt, 0-1; Dynamo de Dresden-F.C. de Magdeburgo, 0-1; Hansa de Rostock-Carl-Zeiss Jena, 3-1; Stahl Riesa-Dynamo de Berlim, 0-1; Wismut Aue-Energy Cottbus, 2-1.

Classificação dos primeiros: Magdeburgo, 37 pontos; Dynamo de Dresden, 35; Carl-Zeiss Jena, 34.

Eliminada a Suiça, o grupo junior de Portugal já está na Suécia. Ou, pelo menos, é para lá que jogadores e técnicos olham atentamente, programando o estágio correspondente e pensando em dois jogos-treinos, no estrangeiro, para afinação do conjunto

BASQUETEBOL

O Real Madrid conquistou o título europeu de Basquetebol ao bater na final da Taça dos Campeões, o Ignis de Varese. A gravura documenta um dos cestos dos madrilenos que venceram por 84-82 com 34-39 (favoráveis aos italianos) ao intervalo. A final realizou-se em Nantes, França

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 31 DE 7 DE ABRIL 74

Beira Baixa, 112 2x2 x22 21xx; Boa Nova, 111 211 212 2111; O Emigrante, 111 x22 21x x1x1; Cavalgada do Ritmo, 111 1x2 222 211x; Comércio de Portimão, 111 122 222 2111; Correio dos Açores, 111 222 222 x1x1; Correio de Coimbra, 111 221 2x2 x1x1; Correio do Vouga, 111 221 x22 21x1; A Defesa, 11x 22x 212 21xx; Eco de Estremoz, 11x 222 222 x1x1; Ecos do Desporto, 11x x22 112 x1x1; Eu Sei Tudo, 111 22x 111 xx1x.

Folha do Domingo, 111 222 22x x111; Imagens Piedenses, x1x x22 222 1x1x; Jornal do Barreiro, 111 x2x 222 x1xx; Jornal do Fundão, x11 x21 22x 11xx; O Jornal da Lixa, 111 x21 212 2111; Jornal de Viseu, 111 x2x 22x 21x1; O Mensageiro, 111 x22 x22 x1xx; Linhas de Elvas, 111 x22 221 1111; O Norte Desportivo, 111 x21 222 x111; Notícias de Chaves, 1x1 22x x22 x1x1; Notícias de Felgueiras, x11 22x 22x x1xx.

Notícias de Gouveia, 111 x21 222 2111; Povo Algarvio, 111 222 222 2111; Presença Coimbrã, 111 221 212 x111; A Rabeca, 111 x21 x22 x111; Rádio Altitude, 111 222 222 2111; Renovação, 111 222 212 21xx; Revista de Som, 111 222 222 x111; Açores, 111 22x 22x 21xx; Auto Rádio, 1x1 221 222 111x; O Benfica, x11 222 xx2 2111; A Comarca de Arganil, 111 22x 2x2 21x1.

O Comércio de Leixões, 111 22x 222 2111; O Comércio do Porto, 111 x2x 122 x1xx; O Concelho de Estarreja, 111 xx1 222 x1x1; Às 10 espere por nós, x1x 2xx xx2 xxxx; O Distrito de Portalegre, x12 22x 222 1xx1; Ecos de Cacia, 111 222 112 x111; Emissor Regional da Guiné, 1x1 x21 222 x11x; Estúdio 64, 111 222 222 x1x2; Dos fracos não reza a história, 21x 2x2 22x 22x2; Gazeta das Caldas, 111 x22 x22 x111; A Ilha, 111 222 2x2 x11x.

Jornal da Beira, 111 x2x 222 2111; O Jornal de Felgueiras, 111 222 x12 x111; Jornal da Graça, 111 221 112 1111; Jornal de Sintra, 111 22x 2x2 2111; Jornal do Sul, 111 12x 122 xxx1; Litoral, 111 222 212 x1xx; Maria da Fonte, 111 222 222 x11x; Notícias de Évora, 111 22x 222 x1xx; A Ordem, 111 221 221 xx11; Peça que não maça, 111 122 22x 1xxx; Placard Desportivo, 1x1 22x 222 211x; Placard Desportivo-Açores, 111 22x 222 x1x1.

Rádio Placard, 111 111 111 1111; Reconquista, 111 222 222 2111; Repórter do Dia-Angola, 111 221 2x2 x1x1; Fórmula Jota, 111 211 122 2112; Notícias do Totobola, 111 22x 222 11xx; Apostolado, 111 22x xx2 21xx; Ritmo, 11x 12x 1x2 xx21; Revista Desportiva, x11 221 212 211x; Época, 11x 221 212 11x1; Emissor Regional de Timor, 111 xx2 1x2 x1x1; Jornal de Notícias, 111 221 222 21x1; Manchete Desportiva, 111 222 222 21xx.

Mundo Desportivo, 111 22x 222 x1x1; Penalti, 111 x22 222 x111; República, 1x2 121 222 2121; O Sorriso da hora do almoço, 111 x21 xx2 xx2x; O Telégrafo, 111 22x 212 21xx; A Voz Desportiva, 111 222 122 x111; A Voz do Domingo, 111 22x 212 21x1; Voz de Lamego, 1x1 222 222 2111; A Voz de Palmela, 211 222 2x2 2x12; A Voz dos Ridículos, 111 221 122 2111; Boletim Desportivo, 21x 1x1 222 x111; Miscelânea Musical, 111 111 111 1111.

Montra do Êxito, 111 222 222 1111; Música e Desporto, 211 x1x 221 1x11; O Primeiro de Janeiro, 111 221 x22 21x1; Programa da Manhã, x1x 2x1 xxx 1x1x; Programa Sem Nome, 111 122 x22 21x1; Quadrante Desportivo, 111 x21 2x2 x1x1; Quadrante Norte, 111 222 222 x111; Rádio Sports, 111 x2x x22 2xxx; Resenha Desportiva, 111 221 212 2121; Só Rádio, 1x2 211 112 21x2; Sporting, 11x x22 xx2 x111; Diário de Lisboa, 111 222 222 2111:

Voz do Casa Pia, 111 22x 222 x111; Folha de Tondela, 111 2x1 122 2111; Bondiazinho, 1x2 22x x11 2111; Brado Africano Desporto, 111 x2x 222 1x11; Brado Africano Ronga, x11 22x 2x2 1x11; Domingo Alegre, 122 x21 11x 21x1; Jornal Desportivo, 1x1 22x 222 x1x1; Passatempo, 122 2x2 x12 2121; Roteiro Sonoro, x2x 112 112 x1xx; Terceiro Programa, 122 22x 22x 21xx; 20 G Ponto D, 111 112 11x 21x2.

Quelimane 73, 1x1 222 2xx 211x; Renovação, 1xx 12x 212 x2x1; Diário, x11 222 x12 21x1; Revista Desportiva-Moç., 1xx 2x2 1xx 21x1.

	RESUMO 1	X	2	BOLAS 1	X	2	(a)
1. SPORTING-SETÚBAL	93	11	4	10	1	1	
2. OLHANENSE-LEIXÕES	92	12	4	10	1	1	
3. BEIRA MAR-MONTIJO	86	14	8	9	2	1	
4. SALGUEIROS-ACADÉMICA	13	26	69	1	3	8	
5. FAMALICÃO-GUIMARÃES	7	10	91	1	1	10	
6. AVINTES-PORTIMONENSE	32	32	44	4	4	4	
7. NACIONAL-BARREIRENSE	19	19	70	2	2	8	
8. TEXTÁFRICA-ATLÉTICO	27	18	63	3	2	7	
9. GIJON-BARCELONA	7	14	87	1	2	9	
10. MÚRCIA-ATLÉTICO MADRID	16	45	47	2	5	5	
11. INTER-FIORENTINA	91	15	2	9	2	1	
12. NÁPOLES-LÁZIO	53	50	5	6	5	1	
13. TORINO-BOLONHA	70	32	6	8	3	1	

a) Nos termos do Artº. 10º. do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A chave lógica será:

111 222 222 2111

DL/DESPORTOS

ANTÓNIO MEDEIROS: ADEUS A LEIRIA

Vai haver mudança de treinador no União de Leiria. Porém, não será a verdadeira «chicotada» de que os clubes se servem para alterar o que pensam esteja mal numa equipa que não ganha. A saída do treinador António Medeiros, do União de Leiria, nada tem que ver com a carreira da equipa que vinha orientando. Problemas totalmente alheios ao Desporto obrigaram-no a pedir a rescisão do seu contratado. Pela voz do presidente leiriense, Varela Dias, soubemos como está a ser tratado o assunto:

— **De concreto, nada posso ainda garantir, embora Medeiros tenha proposto uma rescisão do contrato: dado que a equipa, neste momento, não tem já grandes pretensões e ele, depois do acidente de que foi vítima (o incêndio no hotel onde estava hospedado) ter ficado bastante «traumatizado». Por este motivo, ele precisa realmente de grande descanso, pelo que propôs a sua saída, ao menos até ao fim da época. De momento porém, nada está resolvido.**

Como se vê, se Medeiros sair, não tem nada que ver com a carreira do União: como técnico, até tem feito em Leiria um bom trabalho. Não teve sorte devido a uma série de factores que contribuiram para a actual posição da equipa: mas ele é totalmente alheio a esses casos. Mais, ainda: em minha opinião, Medeiros devia continuar em Leiria.

Importava ouvir António Medeiros. Eis as suas declarações:

— **As razões que me levaram a pedir a rescisão não são de ordem desportiva. Sinto-me bastante bem em Leiria, onde tenho sido muito bem tratado. sendo assim parece um paradoxo ter pedido para sair: faço-o por um problema de ordem moral, e psíquica, pois sofri um abalo tremendo e passei por um transe bastante difícil quando do incêndio no hotel onde estava hospedado. Fui acordado já com tudo a arder: e saí com bastante custo, pelo que fiquei gravemente «marcado». Isto origina que, quando regresso a Leiria, depois de passar o fim-de-semana em Lisboa, não tenha repouso, sempre a reviver os momentos aflitivos porque passei, de verdadeiro terror. Sendo assim, não tenho a mínima disposição para trabalhar, estou até (julgo), a ser prejudicial, portanto não estou a dar tudo aquilo que podia e devia. Coloquei o problema à direcção, embora não esteja totalmente de acordo (parece que queriam renovar o contrato por mais dois anos), confio na compreensão dos homens para que me deixem recuperar um pouco da paz que perdi...**

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

CONCURSO N.º 3-0051/74

Fornecimento de: Viatura ligeira c/ 4 portas e motor Diesel.

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 23 de Abril, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa (Hospital de S. José), todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 2 de Abril de 1974.

O CHEFE DO SERVIÇO
a) **Alexandre Pinheiro**

Wagons-Lits/Cook

Realiza-se, no próximo dia 5 de Abril, num Hotel do Estoril, a Conferência Anual dos Chefes das Agências Portuguesas.

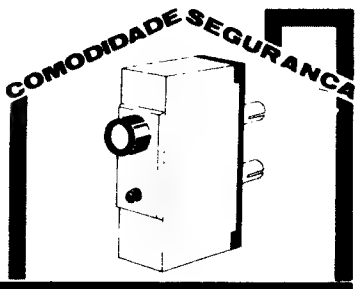
Estarão presentes, além do Senhor António de Roure Roquette, Director em Portugal, os Senhores P. Provost e G. Tareau, representando a Direcção Geral em Paris desta tão conceituada Organização Mundial de Viagens e Turismo.

BBC

utilize na sua casa ...

... OS INFUSÍVEIS STOTZ

Substituem os fusíveis comuns SEM QUALQUER ALTERAÇÃO DO QUADRO



PARA OS ADQUIRIR DIRIJA-SE ÀS BOAS CASAS DE ARTIGOS ELÉCTRICOS

Distribuidores :

Máquina de lavar louça G 230

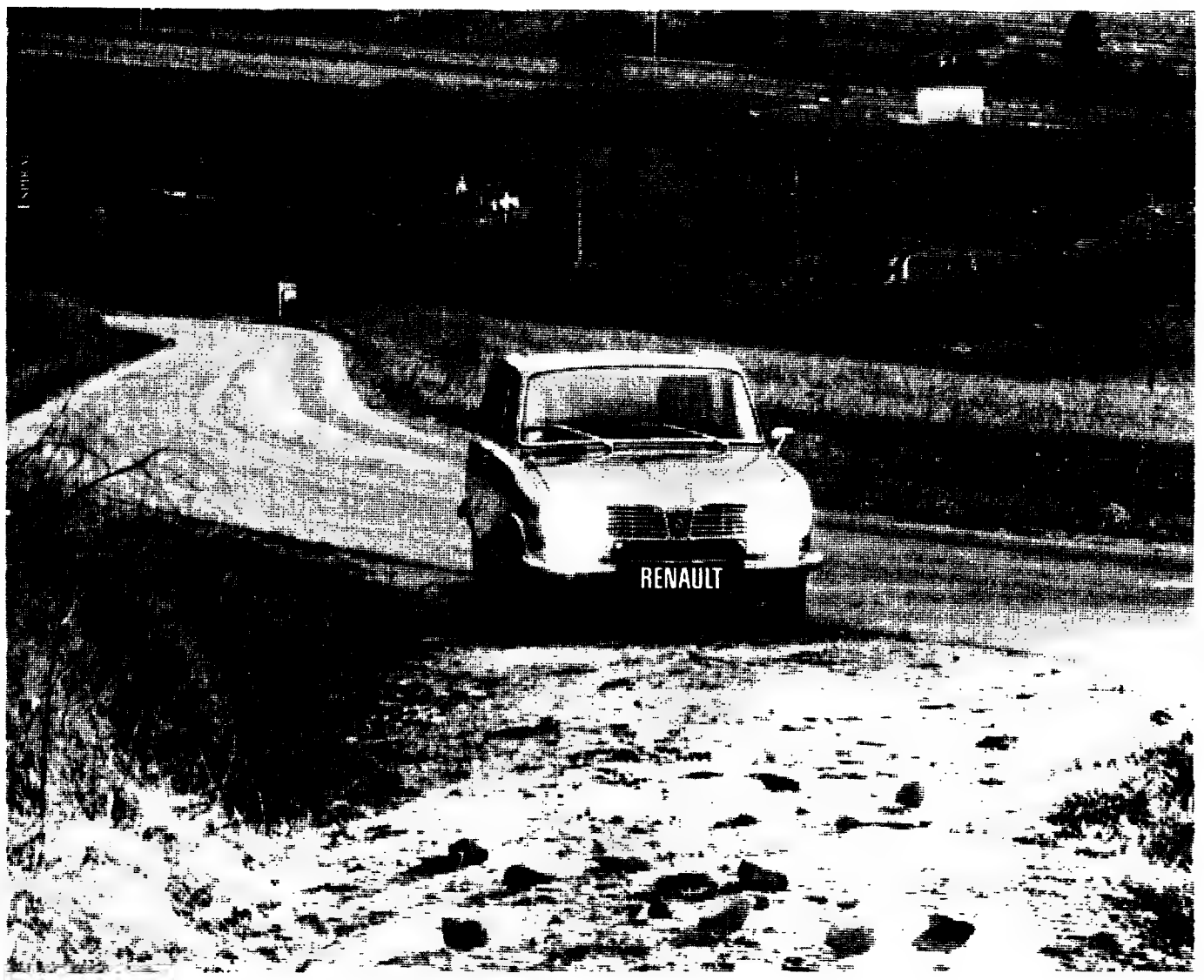
- Programas universais
- 3 braços de aspersão rotativos
- Potente bomba de circulação
- Desagregador de lixos de grandes dimensões
- Secagem a ar com aquecimento
- Interior em aço inoxidável — extremamente resistente

Miele

Agente Oficial:

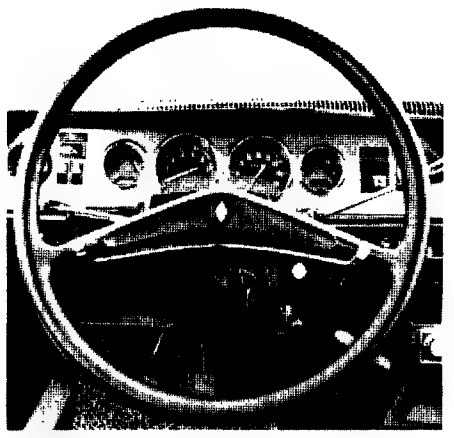
M. L. FERREIRA

Rua D. Estefânia, 48 A
Telef.: 560498 - 45019 - 58958
Av. da República, 54
Telef.: 769430
LISBOA



Para o Renault 16 todas as estradas são passadeiras!

Quem tem um Renault 16 sabe que isso é verdade. O Renault 16, todo ele é conforto (aquela maravilhosa suspensão!) Todo ele é segurança. E espaço interior. Óptimo comportamento de estrada. Conduzi-lo, é um prazer. Quando se trata de um Renault 16 TS, ou de um Renault 16 TS/TA (com transmissão e caixa automática), o prazer é ainda maior, graças à excelência dos seus equipamentos extra. Renault 16 - um carro que se exprime na mesma língua dos seus condutores com inteligência.
Motor de 4 cilindros. Cilindrada 1565 cm3, combota de 5 apoios, 4 velocidades sincronizadas, suspensão 4 rodas independentes com barras de torção, travões de disco às rodas da frente, tambores atrás, limitadores de travagem às rodas traseiras, travagem assistida por servo-freio.



O maior fabricante mundial de tracção à frente

RENAULT 16 TL
RENAULT 16 TS
RENAULT 16 TS/TA
(Transmissão e caixa automática)

RENAULT 16

Bolsa de LISBOA

COTAÇÃO DE ONTEM

FUNDOS DE ESTADO

	Efect	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %		430$	440$
Cons 3 %			450$
Cons 3 1/2 %			600$
Centenários			
Tes 5 % 57	1.004$	1.004$	
Tes 5 % 59			
Extern 1 a-s			
Extern 1 a-c			
Extern 3 a-s			720$
Extern 3 a-c			730$
Caut 3 a-s	160$		160$

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %	820$	820$	840$
C M L 5 3/4 %		995$	
C P 5 1/2 % 67		800$	
C P 5 1/2 % 68	780$	780$	
C P 5 1/2 % 69		780$	
Corr 5 3/4 %			900$
Metr 5 3/4 %			900$
Tur 5 3/4 %		995$	
C P 6 3/4 %	960$	960$	

ELECTRICAS

G 5 % 58		820$	
G 5 % 59			820$
G 5 % 62			
G 5 % 63			
G 5 % 64			
G 5 % 65			
G 6 % 67			
G 6 % 69	925$	925$	
G 7 %	990$	990$	995$
H E A A 5 %		680$	
H E C 5 %	700$	700$	
H E C 6 %			850$
H E D 5 %	700$	700$	
H E D 6 %	850$	850$	855$
H E N P 5 %			
H E S E 5 %			
H E S E 6 %		855$	860$
H E Z 5 % 57			800$
H E Zêz 6 %			855$
N Elec 5 %	700$		710$
N Elec 6 %			870$
Termoel 5 %	680$	680$	700$
U E P 5 % 60			700$
U E P 5 % 63		800$	
U E P 6 %			870$
U E P 7 %			960$

DIVERSAS

A P T 5 % 56			
A P T 5 % 58			
Lisnave 6 %	840$	840$	845$
Nitratos 60			
Pet 2 a e 3 a	900$	900$	
Sacor 7 %	1.000$	995$	1.000$
Sacor 5 % 54		980$	
Sacor 5 % 60		840$	860$
Sid 5 % 2 a	700$		700$
Sid 5 % 3 a			700$
Sid 5 % 4 a			720$
Socel 5 %		895$	
R Fabril 67	855$	850$	855$
R Fabril 68	855$	850$	855$

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %			
Rev 5 % 57		620$	
Rev 5 % 59-60		620$	
Moçambique 5 %	620$	620$	
Sonefe 5 %	800$		800$

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	6.400$	6.350$	6.400$
Algarve	4.500$	4.450$	4.500$
Alentejo	3.240$	3.200$	3.250$
Angola	6.000$	6.000$	6.020$
Borges & Irmão	10.600$	10.550$	10.600$
Crédito Predial	6.100$	6.100$	6.200$
Espírito Santo	12.900$	15.500$	12.900$
Fomento	5.800$	5.750$	5.800$
F & Burnay			110.000$
Intercontinental Português	11.000$	11.000$	
N Ultramarino - m	7.000$	6.900$	7.000$
N. Ultramarino - c.	10.100$	10.100$	10.200$
Pinto & Sotto Mayor	18.000$	17.800$	18.000$
Portugal - n.	7.600$	7.600$	8.000$
Portugal - p	9.000$	9.000$	
P Atlântico	18.400$	18.300$	18.500$
Totta & Açores	10.500$	10.500$	10.600$
Pinto Magalhães	10.100$	10.000$	10.500$
Fernandes de Magalhães	7.400$	7.350$	7.400$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

Indice de cotação das acções (Base Dez 65=100)

	27-3-74	1-4-74	3-4-74
GERAL	339,1	334,9	336,1
METROPOL	357,8	353,0	354,3
ULTRAM	202,3	201,9	202,2

	Efect.	Compra	Venda
De Seguros			
Alentejo		600$	600$ 650$
Bonança		18.200$	18.000$ 18.500$
Império			51.000$ 58.000$
Mundial		5.050$	5.050$ 5.100$
Soberana			6.300$ 6.600$
Tranquilidade			13.500$ 13.600$
Eléctricas			
C P E - p			
C P E - n			
E Beiras			
G Electricidade - c			
H E A A			
H E N P			
H E S E			
U E P			
Ultramarinas			
Ag Cassequel		955$	950$ 1.000$
Ag Incomáti			1.600$ 1.700$
Ag S T e P		245$	240$
Aç Angola			1.750$
Alg Angola		290$	280$ 300$
Ang Agricultura			700$
Boror			390$
Boror Com		120$	115$ 120$
Buzi		135$	130$ 140$
Cabinda			200$
Com Lobito		405$	400$ 405$
D A T 100			
H E Revué			500$ 540$
I tio Principe			600$
Moçambique		590$	600$
Sonefe - n			450$ 470$
Sonefe - p		495$	490$ 500$
Zambézia		100$	95$ 100$
Diversas			
Ag Lx - ant			
Ag Lx 34			
Ag Lx 36			
Cel Guadiana			
C Leiria - p			
C Tejo - p			
F Ramada			
Fornos Eléctricos			
P Celulose			
Siderurgia - p			
Siderurgia - n			
Socel			
Cidla		4.450$	4.400$ 4.500$
C U F			
Intar		800$	795$ 800$
Nitratos			1.500$ 1.580$
Petroquímica		1.750$	1.750$ 1.800$
Sacor		6.450$	6.450$
Tab Portugal		2.290$	2.300$
Tabaqueira		13.600$	13.500$ 13.800$
U F Azoto		1.050$	1.050$ 1.080$
Empor			500$ 550$
Ind Aliança			1.200$
I P Colónias		2.110$	2.110$
Nacional Navegação			2.750$ 3.000$
Navegação (Col)			
P Pesca			850$ 950$
Matur			
R Marconi			
T A P			
Compal		1.050$	1.000$ 1.060$
Salvor		2.950$	3.000$
Penina		7.500$	7.500$ 7.600$
Grão-Pará		3.900$	3.900$
Lisnave		13.650$	13.600$ 13.700$
Vidago, M & P. Salgadas			

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico	502$9	518$
F I D E S	319$4	329$

COTAÇÕES

PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul Rands	31$00	34$00
Alemanha Marco	9$75	10$00
América		
Dollars de 1 e 2	24$00	25$00
Dollars de 5 a 20	24$50	25$50
Dollars de 50 a 1000	24$70	25$70
Austria Schilling	1$34	1$40
Bélgica Franco	$62	$65
Brasil Cruzeiro	3$40	4$20
Canadá		
Dollars de 1 e 2	24$60	25$60
Dollars de 5 a 1000	25$30	26$30
Dinamarca Coroa	3$90	4$20
Espanha Peseta	$43	$46
França Franco	5$10	5$50
Holanda Florim	9$10	9$35
Inglaterra Libra	59$00	62$00
Itália Lira	$03,5	$04
Japão Yene	$07	$095
Marrocos Dirham	—$—	—$—
Noruega Coroa	4$35	4$65
Suécia Coroa	5$40	5$75
Suiça Franco	8$30	8$65
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	1.450$00	1.600$00
Inglaterra 1/2 libra	1.100$00	1.250$00
Ouro fino grama	140$00	155$00

BANCO DO ALENTEJO
GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS
Praça D. João da Câmara 18 Telef. 328045
Rua do Ouro 52 Telef. 30309

televisão

HOJE

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau»
13.00 Da saúde e da vida
13.15 «A Rapariga que sabia demais»
14.00 Um dia com
14.20 Logo à noite.
14.25 Fecho

2.º Período
19.00 TV Educativa Educação Musical-Crianças)
19.30 Telejornal 2ª edição
19.45 Eurovisão Basquetebol Final da Taça dos Campeões Europeus
21.30 Telejornal 3ª edição
22.05 Noite de Teatro «Cara de Doze Libras»
23.45 Telejornal 4.ª Edição
23.55 Meditação e fecho.

2.º Programa
20.30 Abertura e desenhos animados «Pica-Pau»
20.40 Um dia com .
21.00 «A Rapariga que sabia demais»
21.30 Telejornal 3.ª edição.
22.00 Tempo internacional.
22.30 «Os Primeiros Churchill»
23.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados «TV Funnes»
13.00 Saber não faz mal.
13.15 George.
13.45 Telejornal 1ª edição.
14.00 Fim de semana
14.20 Logo à noite
14.25 Fecho

2.º Período
19.00 TV Educativa Física Moderna.
19.25 «O Diário das Fábulas».
19.30 Telejornal 2.ª edição.
19.45 TV Infantil O Golfinho Branco.
20.15 Cartaz TV
20.30 A Marcha do Mundo
21.00 Inventário musical.
21.30 Telejornal 3ª edição.
2w.00 «Minha Mulher mora a meu lado».
22.35 Portugal no Seculo XX
23.30 Telejornal 4.ª edição.
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa
20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Saber não faz mal.
21.00 George
21.30 Telejornal 3ª edição.
22.00 Museu do cinema
22.50 Canta giro.
23.30 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	88 0131	C.R.G.E.	53 7021
H de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

radio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário
16.05 Ao encontro da melodia
16.30 Convívio
18.05 Musica popular portuguesa
18.30 Espectáculo
19.05 Selecção da opereta Amor Cigano, de Franz Lehar
20.00 Jornal da noite
20.30 7.º episódio do folhetim O Jogral de Deus
20.50 Melodias
21.00 Momento 74
21.20 Musica portuguesa
22.00 O Homem e a Natureza, pelo dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.20 Fados, por Saudade Maria
22.40 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.00 Junção (entrada do MF 1 de Lisboa) sinal horário

Programa em MF 1 de Lisboa
23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa
16.00 Que quer ouvir programa elaborado por Margarida Brandão
18.28 Música portuguesa
19.00 O canto e os seus intérpretes
20.00 Jornal da noite
20.30 Musica de Câmara
20.45 Temas sociológicos, pelo dr. Carlos Cunha
21.00 Modinhas do século XVIII harmonizadas por Frederico de Freitas
21.30 A palavra e a forma
22.00 Musica de bailado: Spartacus (Khachaturian)
22.45 A harmonia das horas, pelo rev. Padre dr. Videira Pires
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média
16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa Movimento
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.15 Mensagem do Centro Social
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário Rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência
16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbita-1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gô-Gô
23.00 Noticiário; clube à Gô-Gô (continuação)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar
16.00 Noticiário
16.04/17.56 Programa CDC
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02/24.00 Genérico
21.05 Só rádio
21.33 Canções que foram êxito
21.45 Arauto da verdade
22.02 Uma vedeta na noite
22.15 Impacto evangelístico
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.05 Radiorama
18.00 Emissão 14
18.25 Terço e benção
19.00 Jornal de noticiários e reportagens
19.30 Página 1
21.05 Meditando
21.15 Poente
21.30 Curso de língua alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

C. Radiofónico de Portugal
06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Rádio Voz de Lisboa
10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular
12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA
14.30 às 19.30

Outros

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era moderado do quadrante Norte e caiam aguaceiros.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	10º
P. DOURADAS	1º
COIMBRA	7º
PORTALEGRE	3º
LISBOA	10º
FARO	11º
FUNCHAL	14º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade
Máxima **14,0º**

Penhas da Saúde
Mínima **3,0º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Agua do mar 13,7º
Atmosfera 10,2

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.55	3,9 m	7.52	0,8 m
14.26	3,8 m	20.09	0,8 m
DIA 5			
2.47	4,0 m	8.38	0,6 m
15.14	4,0 m	20.55	0,7 m
DIA 6			
3.34	4,1 m	9.20	0,5 m
15.58	4,1 m	21.37	0,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

O céu por vezes muito nublado; vento moderado de Norte; aguaceiros mais frequentes nas regiões do Norte.

AMANHÃ
NASCER ÁS 7.17
OCASO ÁS 20.05

DIA 6 | DIA 14 | DIA 22 | DIA 29

Farmácias de Turno

LISBOA

TURNO D-1

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel 638256) **Tapada**, Calçada da Tapada, 83-A (Tel 634721)
ALMIRANTE REIS
Luso, Av Almirante Reis, 199-A (Tel 41269)
ALTO S. JOÃO
Dalton, Mouzinho de Albuquerque, 7-A (Tel 843571)
ALVALADE
Nova Iorque, Av Est Unidos da América, 140-B (a Entrecampos) (Tel 760653). **Marbel**, Avenida de Roma 131-A (Tel 776235)
AREEIRO
Chiadre, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel 710331)
AVENIDAS NOVAS
Sá da Bandeira, Rua Marques Sá da Bandeira, 36-42 (Tel 41961-54672)
BAIRRO DA LIBERDADE
Zanel, R A 182 (Tel 651840)
BAIXA
Simões Pres, Rua da Prata, 115 (Tel 362350)
BENFICA
Benfiluz, Est de Benfica, 444 A (Tel 782608)
CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua D Maria Pia 514 (Tel 687949)
CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel 869831)
CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Tel 664238)
ESTEFÂNIA
Romeno Baptista, Rua Passos Manuel 6-10, (Tel 50593)
ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Est A-da-Maia, 64-C (Tel 702228)
LAPA
Alb, Rua Santana a Lapa 158 (Tel 663562)
LUMIAR
Douro, Alam Linhas de Torres 83-A/B (Tel 791131)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem 15-B (ao Barrio Grilo), (Tel 382470)
OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda 16-A (junto a Piscinas) (Tel 310581)
PENHA DE FRANÇA
Zema, R General Justiniano Madre 21 (a Calç Barbadinhos (Tel 832580
PICHELEIRA
Mar luz, Calçada da Pichelaria 110 B C (Tel 720703-726395)

TURNO D-2

(TODA A NOITE)

ALCANTARA
Nogueira, Rua de Alcantara 5-A (Tel 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro 36 (Tel 866126)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Águas Livres 8-D (Tel 681515)
ALVALADE
Líbia, Avenida da Igreja, 4 B/C (Tel 711681) **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel 710621)
ANJOS
Magalhães, Av Almirante Reis 4-D e 4-F (Tel 49479)
ARCO DO CEGO
Providência, Rua D Filipa Lhena 9-C (ao Bairro Social)
AREEIRO
Lusitana, Avenida de Roma 18-A (Tel 725443)
BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel 323446-370685)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zea, Praça das Casas Novas, lote 68 (Tel 300172)
BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38-40 (Tel 638132)
BENFICA
Macedo, Est Poço do Chão, 69-C (Tel 703697)
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297-C, (Tel 687475). **Ronil**, R Rodrigo da Fonseca, 153, (Tel 683438)
CAMPO DE OURIQUE
Linalda, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel 660955)
ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo D Estefânia, 4-5 (Tel 54808)
GRAÇA
Almeida Dias, Largo da Graça, 38-A-39 (Tel 862909); **Higiénica**, Rua Heliodoro Sangado, 20-A (Tel 844361)
LAPA
S. A. E. Silva, Filhos, Rua S João Mata, 74 (Tel 661010)
LUMIAR
Patuleia Herdeiros, Rua do Lumiar 122-124 (Tel 790332)
MOURARIA
Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (Tel 860464)
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços 50-52 (Tel 610280)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, Rua Viriato, 29-A (Tel 48966-533601)
SETE RIOS
Canto, Est das Laranjeiras, 202-B (Tel 780841)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av dos Comb G Guerra, 166 (Telef. 213953)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av Engº Bonneville Franco (Telef 2435147)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho-Bº das Caixas de Previdência (Telelef 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Telef 261186)
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008)
CASCAIS
Marginal, Av Marginal (Telef. 280078)
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telelf 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, A Marquês de Pombal, lote 9 (telef. 934589)
Campos, R. Elias Garcia, 185 (telef. 930072)
Clabel, R. António Sardinha, 23-D (Telelef 938551)
DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Telef 9710231)
VENDA NOVA
Girassol, R Elias Garcia, 17-C (Telef 974161)
QUELUZ
Gil, Av Miguel Bombarda, 28 (Telef 950117)
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Garcia, Av dos Missionários, 2 (Telef 2942181)
MEM MARTINS
Química, Est de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. Dr Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391)
COLARES
Abreja (Telef 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Telef. 270271)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef 224141)
BARREIRO
Mascarenhas Neto, R. Almeida Garrett (Telef 2072141)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telef. 270356)
MOITA
União Moitense, Av Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Higiene, R. Jose Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Lopes, , R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Rodado Pinto, P. do Bocage (Telef. 22484)
Nova, R General Gomes Freire (Telef 22052)
SEIXAL
Soromenho, R Paiva Coelho, 38 (Telef 2218560)

PORTO

5.º TURNO

SUB TURNO A

Almeida Cunha, Ld.ª, Rua Formosa, 327. **Contumil**, Rua de Contumil, 540: **Pereiró (de)**, Rua da Preciosa, 35. Sampaio, Rua de Cedofeita, 636. **Vaz Teixeira, Sucra**, Rua do Heroismo, 56

SUB TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125: **Costa Lima**, Av da Boavista, 855. **Marques de Mendonça**, Rua do Ameal, 251: **Monte Cativo**, Rua do Monte Cativo, 444. **São Jerónimo**, Rua Santos Pousada, 622

COIMBRA

TURNO H

Montes Claros, R Dr António J de Almeida, 69 (T 25904). **Viegas e Coelho**, R da Sofia, 19-21 (Tel 22089)

cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Colorido
O FILME DO ANO
O MAGNÍFICO (LE MAGNIFIQUE)
O filme de Philippe de Broca com Jean-Paul Belmondo e Jacqueline Bisset

MUNDIAL (T. 538743)
18.30 e 21.45
Grupo D (18 anoy)
Colorido
Barbra Streisand e Robert Redford
O NOSSO AMOR DE ONTEM

BERNA (Tel 776098)
15.15-18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos. 16.ª Semana!
Technicolor
TODD ao 35 o filme de Norman Jewison «JESUS CRISTO SUPER STAR»

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Colorido
Jean-Paul Belmondo e Jacqueline Bisset. O filme do ano! O MAGNÍFICO (LE MAGNIFIQUE). O filme de Philippe de Broca

CASINO ESTORIL (T. 26241)
17.00 e 21.30
Grupo B (10 anos)
Colorido
AS AVENTURAS DE RABI JACOB com Louis de Funés e Claude Giraud.

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª semana
Technicolor
Um dos 10 melhores filmes do ano! AMERICAN GRAFFITI (NOVA GERAÇÃO) de Georg Lucas.
HOJE
24.00
Grupo D (18 anos)
Clássico à meia-noite
A obra de Jean Vigo ATLSNTE de Jean Vigo com Michel Simon e Dita Parlo, e ZERO EM COMPORTAMENTO de Jean Vigo, com Jean Daste.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo C-14 anos)
Eastmancolor «CANTINFLAS «AS ORDENS DE VOSSELÊNCIA»

ALVALADE (Tel 717480)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D 18 anos
5.ª Semana! Colorido.
O ultimo grande filme de Dino Risi «FIM DE SEMANA ILEGITIMO» Marcello Mastroianni, Oliver Reed e Carol ANDRE

IMPÉRIO (T. 555134)
21.30
Estreia
Grupo D (18 anos)
Eurico Maria Salermo e Senta Berger
ESCÂNDALO DE BATA BRANCA
Realização de Luigi Zampa
15.15 e 18.30
Grupo C (14 anos)
ALMAS A NU «Os bons velhos tempos»
Amanhã
18.30
Um filme de Hitchcock PSICO com Anthony Perkins e Janet Leigh
Grupo D (18 anos)
(Metro-Alameda)

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30-18.30 e 21.45
Grupo D 18 anos
25.ª Semana! Eastmancolor.
«O PORTEIRO» com Bernard Le Coq, Maureen Karwin e Michel Calabru
Amanhã e Sábado
00.30
Grupo D (18 anos)
«Cinema fora de horas» VEM AI OS CABELUDOS

LONDRES (Tel. 731313)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
6.ª Semana! Colorido
Grupo D 18 anos
Uma festa fabulosa. Grande Premio do Juri do Festival de Cannes 1973 «O CONVITE» (L'INVITATION) O filme de Claude Goretta.

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D-18 anos) 4.ª Semana! Eastmancolor
Françoise Fabian, Jean Luc Bideau, Jane Birkin «PROJECÇÃO PRIVADA».

ROMA (T. 727778)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Barbra Streisand, Robert Redford
O NOSSO AMOR DE ONTEM
5.ª e 6.ª feira
18.30
Grupo A (6 anos)
PIPPI DAS MEIAS ALTAS

POLITEAMA (Tel 326305)
15.15-18.15 e 21.45
Grupo B 10 anos 2.ª Semana
Eastmancolor Lee Van Cleef, Peter O'Brien «O GRANDE DUELO».
00.30
Grupo D (18 anos)
Ciclo TERROR À MEIA NOITE
AMANHÃ
O O ESTRANGULADOR DE VIENA
Colorido
Sábado
O CAIXEIRO (colorido)

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo C (14 anos)
A CASA DA BARAFUNDA em complemento «O Caso Ipcress»

MONUMENTAL (T 555131)
15.15 e 21.30
2.ª Semana
Grupo B (10 anos)
Charlie Chaplin LUZES DA RIBALTA
Claire Bloom, Sydney Chaplin. Nós também somos italianos
Amanhã
18.30
Um filme de Mauro Bolognini O BELO ANTONIO, com Marcello Mastroianni e Claudia Cardinale.

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
15.15 - 18.15 - 21.30 Grupo B (10 anos)
Espectacular êxito em 4.ª semana! Ele aí está! Terence Hill! E AGORA CHAMAM-ME MAGNÍFICO

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.30 e 21.30
(Grupo B-10 anos)
Ria à farta com Alfredo Landa e o atrevido miúdo Ahui «O DELICADINHO NA MARINHA» em pequeno de 6 anos sabia mais de amar de que as mulheres sábias e os homens de génio.

ESTÚDIO (T. 555134/5)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor
Peter Sellers e Charles Aznavour
O FORTIM
Amanhã e Sábado
00.15
(Grupo D (18 anos)
O FORTIM
(Metro-Alameda)

CINEARTE (Tel. 660446)
15.30 e 21.30
(Grupo C (14 anos)
Eastmancolor. Lino Ventura, Lea Massari «O SILENCIOSO»

VOX (T. 720808)
21.45
ESTREIA
Grupo D (18 anos)
Technicolor
Paragem das Fronteiras do Fantástico
TERROR DE LOBISOMEM com Kerwin Mathews e Elaine Devry
HOJE
15.15 e 18.30
Grupo B 10 anos
Ultimas exibições do filme ASSALTO AO CARRO BLINDADO com John Wayne e Kirk Douglas

SATÉLITE (Tel 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
Grupo D 18 anos
Color. 3.ª Semana!
Grupo D 18 anos
A obra prima de Nagisa Oshima «CERIMONIA SOLENE»
Amanhã e Sábado
00.15
Grupo D - 18 anos)
CERIMONIA SOLENE

TIVOLI (Tel 50595)
15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 3.ª Semana
Eastmancolor Michel Piccoli Stephane Audran NUPCIAS VERMELHAS um filme de Claude Chabrol

PATHÉ (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Uma admirável história de amor! AMO-TE ROSA (I LOVE YOU ROSA
Prémio Fémina-Bélgica Realização de Moshe Mizraht Com Gabi Otterman e Michel Bat-Adan
Metro Arroios

AVIZ (T. 47163)
15.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
Cantinflas ÀS ORDENS DE VOSSELÊNCIA

EDEN (T 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor
Cantinflas ÀS ORDENS DE VOSSELÊNCIA

RESTELO (T 610275)
21.30
Grupo D (18 anos)
Panavision - Technicolor
FERRO EM BRASA com Walter Matthau e Joe Don Baker

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Os Porquinhos da India»

A.B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Com parra nova»

MARIA VITÓRIA
20.45 (18 anos)
«Ver, Ouvir e.. Calar»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Doroteia»

TEATRO DA CORNUCÓPIA
21.30 (14 anos)
«A Ilha dos Escravos» e «A Herança»

MARIA MATOS
21.45 (14 anos)
«A Morte de um Caixeiro Viajante»

VARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Uma Rosa ao Pequeno Almoço»

TRINDADE
21.45 (14 anos)
«Sábado, Domingo e Segunda»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19.00 (10 anos).
«Tarzan e as Amazonas»

PARIS
21.30 (14 anos)
«A Balado do Soldado»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Casei-me por engano»

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«Os profissionais»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«O DIVORCIO»

SACAVÉM
S. José
21.00 (14 anos)
«Kit o Vingador»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos(
«Heróis por conta própria»

PAREDE
Royal
21.15 (18 anos)
«O Segredo»

ESTORIL
Casino
17 e 21.30 (10 anos)
«As Aventuras de Rabi Jacob»

ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Sexta-feira Sangrenta»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D.João V
21.30 (10 anos)
Quem dispara primeiro

QUELUZ
Queluz cinema
21.15 (18 anos)
Despertar para a vida

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
A Ponte do Rio Kwai

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«Trinitá e Sartana contra todos»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Coisas da vida»

PORTO/Teatros

S. JOÃO
21.45 (18 anos)
«O ovo»

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Simplesmente Revista»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Jesus Cristo Superstar»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (14 anos)
«O Duelo»

ESTÚDIO
21.30 (14 anos)
«O Ultimo Comboio»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Godspell»

JÚLIO DINIS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Quando passam as cegonhas»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Paixão cigana»

CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«Os Seis Pistoleiros para um massacre» e «O Fachado Amoroso»

RIVOLI
21.30 (10 anos)
«Uma odisseia submarina»

OLIMPIA
21.30 (14 anos)
«O afilhado e o padrinho»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«O Boxeur chinês».

BATALHA
21.00 (18 anos)
«Cleopatra Jones»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«Chamam-me Aleluia»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Um Amor Simples»

AVENIDA
21.30 (10 anos)
«A Grande Bronca»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«O Porteiro»

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE Trabalhos de A. Pascual e Jaime Sampaio (das 10 às 22 h).

BELAS ARTES Pinturas de Artur Vareia José Ribeiro. Salão de Março (das 14 às 20 h.).

CASINO ESTORIL — Pintura de Júlio de Barros (das 15 às 3 h.).

COTA D'ARMAS — Pinturas de Maria de las Mercedes Paredes.

DINASTIA — Trabalhos de Augusto Barros (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

DIPROVE Pinturas de Regina Alexandre (das 15 às 21 h, excepto aos domingos).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — «100 desenhos europeus» e obras de Gabriel Fauré (das 10 às 20 h.).

FUTURA — Mostra de trabalhos de Isabel Gândara (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GALERIA 111 — Pinturas de Lindstrom (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

S. MAMEDE Pintura e escultura de Charters de Almeida (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

GALERIA CASTILHO Obras de Eduardo Rosa Mendes.

GRAFIL — Objectos e guaches de Vítor Belém (Terças e quintas-feiras, das 15 às 24 h; restantes dias, das 10 às 13 e das 15 às 29 h).

JUDITE DA CRUZ — Gravuras britânicas (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.).

OPINIÃO — Obras de Lynden Keit Johnson (das 10 às 20 h.).

PRISMA 73 — Trabalhos de Vitor Palla (das 15 às 20 h. excepto domingos, e às quartas-feiras das 15 às 24 h.).

PALÁCIO FOZ Trabalhos de Albano Portocarrero e Janine de la Roche (das 15 às 20 h).

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) — Aguarelas de Mário Salvador (das 14 às 20 h.)

QUADRANTE Trabalhos de Natividade Corrêa (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

QUADRUM — Obras de Victor Vasarely.

S. FRANCISCO Pintura desenho de Isabel Laginhas (das 19 às 13 e das 15 às 19 h.).

S. MAMEDE — Pintura de Patrick Swift (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

BARS BOITES

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34859/365167.

CASINO ESTORIL Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 26461/264526/264586/264621/264946.

ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. Largo Trindade Coelho, n.º 10-11. Encerra aos domingos. T. 320164.

TAMILA Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.

DL/GERAL

DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIO DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654531/2/3/4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END. TEL. DIBOA TELEX 2363
LISBOA - PORTUGAL

Transportes públicos: apoio à concentração

A concessão de benefícios fiscais às sociedades exploradoras da indústria de transportes públicos rodoviários, que se constituam ou ampliem em resultado de operações de concentração, é autorizada por um decreto-lei dimanado dos Ministérios das Finanças e da Coordenação Económica e das Comunicações e publicado na folha oficial de hoje.

Logo no preâmbulo do diploma se diz que «a promoção da concentração das empresas exploradoras de transportes públicos rodoviários constitui objectivo de política sectorial claramente afirmado pelo Governo», porque, neste campo, «o livre desenvolvimento da concorrência não apresenta todas as vantagens que teoricamente se lhe atribuem, impondo-se uma intervenção correctiva e saneadora do Estado, dentro dos limites da política geral definida».

A justificação é dupla: por um lado, obtêm-se «economias de escala que permitirão às empresas enfrentar com maior vigor os encargos resultantes da prdstação de um serviço público que se deseja capaz de corresponder às necessidades colectivas»; e, por outro, a intervenção do Estado «visa optimizar a coordenação entre os vários modos e empresas de transporte, fazendo actuar o sistema como um todo».

Os benefícios fiscais a conceder cifram-se na isenção ou redução de várias taxas (de sisa, da contribuição industrial, do imposto complementar, etc) e em outras facilidades, nas condições que se pormenorizam. Para os efeitos do diploma, consideram-se operações de concentração a fusão de sociedades; a constituição de outras (anónimas ou por quotas) que resultam da integração da totalidade ou de parte dos activos de empresas em nome individual a cisão de sociedades, desde que a operação dê lugar a uma concentração; e a incorporação, por uma sociedade, da totalidade ou de parte do activo de outra ou outras sociedades e empresas em nome individual

Saldo positivo em 1973 na conta provisória do tesouro

Continuação da pág. 1

de serviços e bens duradouros (17,6 por cento), impostos indirectos (15,8 por cento) e rendimentos da propriedade (3 por cento). O total das receitas cobradas elevou-se a 43.356,5 milhares de contos, ou seja, um aumento de 19,7 por cento em relação a 1972. No que se refere às receitas extraordinárias cobradas, o total cifrou-se em 6681,6 milhares de contos, representando um aumento de 13,5 por cento.

AS DESPESAS

A despesa ordinária registou o total de 27.496,9 milhares de contos, correspondendo a uma percentagem de aumento de 19,6 por cento em relação a 1972. Os aumentos parcelares mais altos verificaram-se nas despesas com os Ministérios do Interior (39,7 por cento, incluindo os subsídios a municípios), da Educação Nacional (30,8 por cento), Saúde (28,1 por cento), Finanças (17,7 por cento), Justiça e «Encargos Gerais da Nação» (15,7 por cento). Todavia, a verba mais alta gasta foi a do Ministério da Educação, com 5 838,1 milhares de contos.

No que se refere às despesas extraordinárias, a verba mais alta registada foi de 12 648,9 milhares de contos na rubrica «Encargos gerais da Nação». Em percentagem, o aumento mais substancial em relação a 1972 verificou-se no Ministério das Corporações e Segurança Social (491,7 por cento), seguido dos Minstérios do Interior (200 por cento), Educação Nacional (141,8 por cento), Ultramar (72,5 por cento), Comunicações (60,6 por cento), Finanças (47,6 por cento) e Marinha (40,6 por cento). O total das despesas pagas montou a 48.895,8 milhares de contos, correspondendo essa verba a um aumento de 1,6 por cento em relação a 1972.

Técnico espanhol da administração em Portugal

A convite do Secretariado da Administração Pública e no âmbito do programa de assistência técnica da O.C.D.E. para o corrente ano, encontra-se no nosso País o prof. Andrés de la Oliva de Castro, director da Escola Nacional de Administração Pública de Espanha.

A sua estadia entre nos visa principalmente apoiar a administração pública portuguesa no estudo de problemas relacionados com a formação e o aperfeiçoamento dos funcionários.

Além de reuniões restritas de carácter técnico, o prof. Oliva de Castro dirigiu um colóquio com dirigentes superiores da nossa administração no qual foi debatido o papel da formação como factor fundamental de modernização administrativa.

Aquele alto funcionário do país vizinho proferiu ainda, no Instituto Português de Ciências Administrativas, a convite deste organismo, uma conferência sobre «Os sistemas colegiais de apoio à decisão administrativa».

Missão comercial a Finlândia

Chefiada pelo vice-presidente do Fundo de Fomento de Exportação, dr. Heitor Castanheira, partiu para a Finlândia uma missão comercial de exportadores portugueses. Com a duração de uma semana, esta missão, que integra firmas dos sectores de cortiças e seus derivados, confecções, ourivesaria e mobiliário de estilo, contactará em Helsínquia, zona de iradiação de toda a economia finlandesa, os importadores interessados nos nossos produtos.

A missão, organizada pelo Departamento de Missões Comerciais do F.F.E., de colaboração com a delegação em Helsínquia, insere-se nos objectivos globais do Fundo de Fomento de Exportação de diversificar os mercados tradicionais da exportação portuguesa.

Folha oficial

Um decreto-lei estabelece o calendário de reduções para os direitos de importação sobre certas mercadorias classificáveis na Pauta de Importações, com direito a beneficiar do regime pautal previsto na Convenção que instituiu a Associação Europeia do Comércio Livre.

///

Outro diploma autoriza o ministro das Finanças a conceder às províncias ultramarinas, em cada um dos anos de execução do IV Plano de Fomento, empréstimos ou subsídios reembolsáveis até aos montantes fixados nos programas anuais de financiamento aprovados pelo Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

///

Uma portaria do Ministério do Ultramar autoriza o Gabinete do Plano do Cunene a celebrar contrato com a firma Cetec — Construções e Estudos Técnicos de Engenharia Civil, Ld.ª, para a execução do projecto de ordenamento e de abastecimento rural de água do Calueque (margem direita).

///

Um decreto-lei cria em Viena uma missão permanente a que caberá a representação de Portugal no grupo de trabalho ocidental da Conferência para a Redução Mútua e Equilibrada de Forças na Europa Central.

NOTAS VÁRIAS

NOMEAÇÃO DO SUCESSOR DE TIERNO BAGULHO

Vai ser enviada, para publicação no «Diário do Governo», uma portaria do ministro da Defesa Nacional que nomeia para as funções de secretário-adjunto da Defesa Nacional o contra-almirante Luciano Ferreira Bastos da Costa e Silva. Este oficial general sucede, no desempenho das suas funções, ao contra-almirante António Tierno Bagulho.

NOVO SEGUNDO COMANDANTE DA PSP DE LISBOA

Foi nomeado segundo comandante da Polícia de Segurança Pública de Lisboa o tenente-coronel Luis Eduardo da Costa Rombert. A sua folha de serviços acentua, com louvor, a sua acção «nas várias comissões de soberania prestadas nas províncias ultramarinas». Possui várias condecorações. O tenente-coronel Rombert pertence à Arma de Artilharia.

O SECRETÁRIO DA AGRICULTURA NO NORTE

Amanhã, o secretário de Estado da Agricultura inícia uma visita de trabalho ao Norte do País, visita essa que começará pelo perímetro de regadio de Cabanelas. Terá contacto com responsáveis agrícolas dos concelhos de Amares e Vila Verde. No sábado, aquele membro do Governo estará em Viana do Castelo, Ponte de Lima, Ponte da Barca e Arcos de Valdevez.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Sob a presidência do ministro Clemente Rogeiro, voltou a reunir-se o Conselho dos Directores-Gerais do Ministério da Saúde, que apreciou o relatório das actividades do ano findo e o plano de trabalhos do Ministério para 1974.

CONVENÇÕES DE TRABALHO

O dr. Pinto Cardoso, subsecretário de Estado do Trabalho, homologou as decisões requeridas pelo Sindicato Nacional dos Telefonistas do Distrito do Porto e também se realizou na Corporação do Comércio, com êxito, a tentativa de conciliação respeitante ao Acordo Colectivo de Trabalho entre Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito do Funchal e dezasseis empresas da Ilha da Madeira.

Militares mortos em combate

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate os seguintes militares: no Estado de Angola, o furriel miliciano, n.º 176078/71, Jorge Lopes Baptista, natural de S. João do Peso, concelho de Vila do Rei, filho de José Fernandes Baptista e de Maria Lopes Baptista; o soldado, n.º 006550/72, Manuel Machado Afonso, natural de Santa Ana, concelho de Mértola, filho de Manuel José Afonso e de Bárbara Ruivo Machado; e o soldado R.E., n.º 605595/73, Luciano Sepirinho, natural de Santa Ana, concelho de Quilengues, filho de Chapitinho e de Saparada; na Província da Guiné, o soldado, n.º 158400/72, Vítor Manuel de Jesus Paiva, natural de Castelo Branco, filho de Virgílio Martins de Paiva e de Maria Rosa Prata Jesus; soldado milícia, 036465, António Mamadu Bailo Sila, natural de Nossa Senhora de Fátima, concelho de Catió, filho de Mandi Silva e de Cumba Câmara; no Estado de Moçambique, o soldado do R.E. n.º 758004/70, António Valente Sambro, natural de Muchopes, filho de Valente Samo e de Mate.

SUPLEMENTO LITERÁRIO

MEYERHOLD : 100 ANOS
O MAGO, O MÁGICO DO TEATRO, EISENSTEIN

TEATRO RUSSO: A GRANDE VIRAGEM

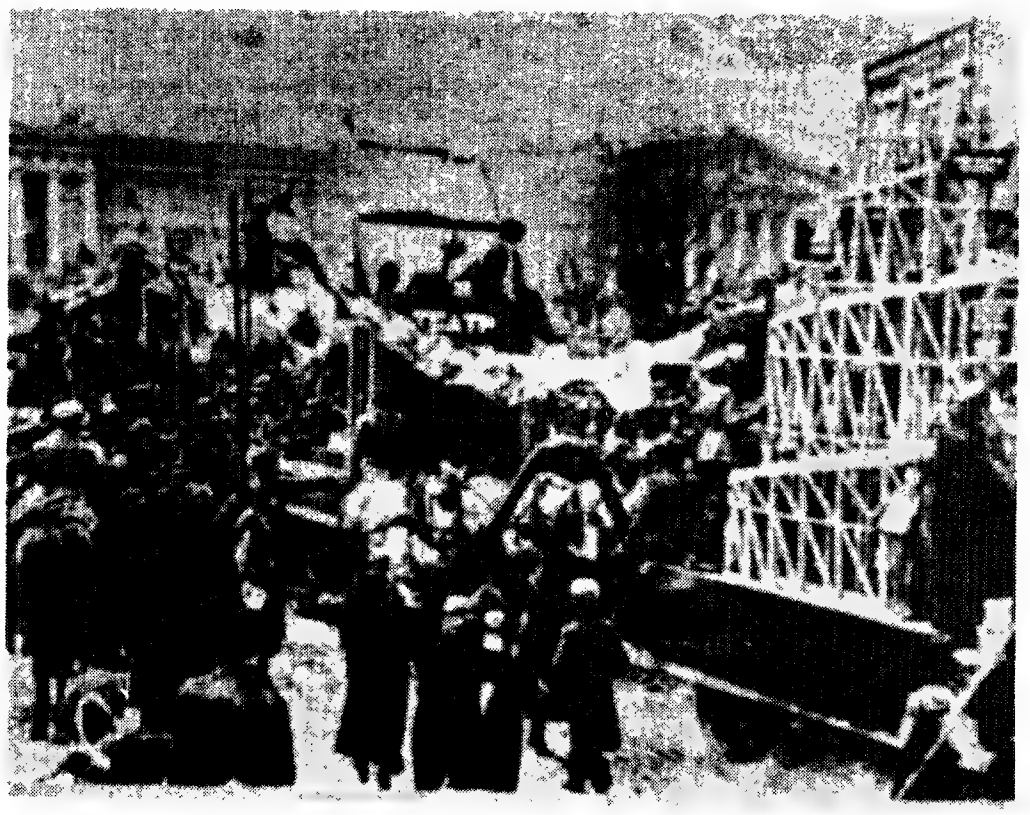
Dizem os historiadores (1) que a Igreja ortodoxa russa se opôs intransigentemente à actividade teatral, que considerava satânica, o que terá contribuído para o tardio aparecimento de um teatro institucionalizado, cuja oficialização foi estabelecida através de um decreto da Imperatriz Elisabete, de 30 de Agosto de 1756.

Foi, aliás, um estrangeiro, Gregori, pastor alemão, que organizou as primeiras manifestações teatrais de acordo com os cânones clássicos. Isto, em 1672. Foi também ele que o Tzar Alexis encarregou de fazer um curso de teatro, do qual sairam os primeiros artistas «oficiais» do teatro russo (anteriormente havia apenas o chamado teatro de feira). O teatro académico e o teatro de Corte — constituíram posteriormente as principais manifestações daquele teatro. Além do alemão Gregori, outros homens de teatro estrangeiros contribuíram fortemente para a constituição do teatro russo, em especial actores franceses (como se sabe, a Rússia foi muito permeável à cultura francesa).

Em 1750, começa a registar-se um movimento embrionário de teatro amador que viria a ter certa importância na evolução do teatro russo. Segundo Moussinac, **no fim do século XVIII, os proprietários de terras, formando com as suas gentes companhias teatrais, estavam a preparar para breve a criação de um autêntico teatro russo. Foi a este movimento que se chamou o Teatro dos Servos, que existiu até 1861, ano da abolição da escravatura.** Do Teatro dos Servos nasceram grandes actores, como Motchlov e, sobretudo, Miguel Chtchpkine. O Teatro dos Servos (qualquer coisa como 173 grupos) efectuou numerosos espectáculos, por vezes com centenas de actores (pelo que poderemos considerá-lo como precursor do teatro de massas que surgiria nos anos seguintes à Revolução de 1917).

Até que surge um homem cuja actuação adquiriu grande importância na evolução do teatro russo: Fedor Volkov. Filho de um comerciante da província, Volkov estuda em Moscovo onde assiste a espectáculos de amadores e de companhias estrangeiras. O seu interesse pelo teatro, leva-o a estudar não só o trabalho do actor como todas as infra-estruturas técnicas em que o teatro assenta. Além de poeta e tradutor, Volkov foi actor e encenador. Tendo formado um grupo amador, transformou-o numa companhia profissional em que brilhou o talento do actor Iakov Chumski, que se especializou na interpretação de personagens de Molière. Foi da companhia dirigida por Volkov que nasceu a já assinalada oficialização do teatro russo. Volkov foi encarregado por Catarina II de organizar o cortejo com que aquela festejou a sua coroação, em Janeiro de 1763. Essa festa que durou três dias e três noites, foi marcada por manifestações que Nina Gourfinkel diz de **tendência democrática** que lhe foram introduzidas por Volkov cuja capacidade de organizar ficou claramente demonstrada, embora lhe tivesse custado a vida devido ao frio que apanhou. Com 35 anos, desaparece assim o primeiro grande homem do teatro russo.

Em 1824, foi construído em Moscovo o Teatro Maly (Pequeno) que se transformou num dos principais e mais decisivos centros do teatro russo. Lá se representaram as primeiras peças dos primeiros grandes dramaturgos russos: Griboiedeve, Gogol, Ostrovski, precedidos pelo poeta nacional Pushkin. Surgem os primeiros títulos: «A Infelicidade de ser Inteligente» (que Meyerhold viria a apresentar), de Grioboiedov, obra decisiva na história do teatro russo; a obra-prima de Gogol, «O Inspector-Geral», crítica implacável do funcionalismo russo, «A Tempestade», de Ostrovski, peças igualmente montadas por Meyerhold; e ainda «O Czar Fedor», de Alexis Tolstoi. Citemos também: Ivan Turgueniev, de quem ainde se representa «Um Mês no Campo», e Leão Tolstoi com «O Cadáver Vivo» e «O Poder das Trevas».



Um teatro de massas

As principais personagens do teatro russo são nessa altura o actor e o dramaturgo. Em meados do século XIX, uma outra personagem adquire força: o cenógrafo. Citam-se nomes: Bakst, Golovine, Gontcharova, Benois. Na música, surgem nomes como os de Borodine, Mussorgski, Rimski-Korsakov, Tchaikovski.

E em 1825 que surge pela primeira vez na Rússia o termo de encenador. Os primeiros encenadores foram naturalmente os principais actores de cada companhia.

Chegamos a um momento fundamental da história do teatro russo. Entre os grupos amadores de Moscovo, salienta-se o grupo Mamontovo que é dinamizado pelos filhos . rapaz e rapariga de um rico industrial: Alexeiev. Interessaram-se pelo teatro desde a infância, representando e estudando não só o teatro nacional como o estrangeiro. Dos dois irmãos, o nome de Constantin Stanislavski ficará não só na História do teatro russo como na História do teatro de todo o mundo.

Não tendo recebido nenhuma formação profissional, Stanislavski veio a ser um homem de teatro completo, um actor e um encenador genial, um pedagogo e um teórico cujas obras vieram a correr mundo e a ser atentamente estudadas por homens de teatro de todo o mundo, e as suas teorias tiveram uma influência decisiva na evolução do teatro ocidental. Ele próprio explica nestes termos um período vazio (1880-1890) do teatro russo: **O estado de então não era favorável aos impulsos revolucionários. Mas algures, sob a terra, no subsolo, preparava-se, acumulavam-se forças para as futuras revoluções. O trabalho dos precursores reduzia-se nessa altura a preparar os espíritos, a sugerir novas ideias, a denunciar a mediocridade do ambiente.**

Mas estamos a entrar no grande período do teatro russo que é também o último período de teatro dos senhores. Em 1898, Constantin Stanislavski e Vladimir Nemirovitch-Dantchenko fundam, à custa do mecenato de um industrial, Morozov, o Teatro de Arte de Moscovo. Em 1902, o Teatro de Arte tem um novo edifício dotado do mais moderno equipamento cénico.

De acordo com as indicações de Stanislavski, o primeiro período do Teatro de Arte decorre da fundação à Revolução de 1905; o segundo, de 1905 à Revolução de Outubro de 1917; o terceiro, daí a 1925. O primeiro período é marcado pela apresentação de clássicos como Shakespeare, Hauztmann, Tolstoi e Maeterminck. Todavia, o momento fulcral da história do Teatro de Arte é aquele em que surge o teatro de Tchekhov. «A Gaivota», que fora um fracasso na estreia em S. Petersburgo, estreia-se no Teatro de Arte, logo a seguir à sua fundação, permanecendo seis anos no seu reportório Foi tal o êxito da peça de Tchekhov, que acabou por dar o seu nome ao Teatro de Arte que adoptou, também, uma gaivota como emblema. Outros textos marcaram este período fecundo: «O Tio Vânia», «O Cerejal», «As Três Irmãs», de Tchekhov, «Os Pequenos Burgueses» e «Albergue Nocturno», de Gorki. Após a Revolução falhada de 1905, o Teatro de Arte continuou a apresentar textos de grandes autores, entre os quais Ibsen, Molière, Goldoni, Sólocles, Shakespeare, além dos autores nacionais. Um outro autor russo foi levantado por Stanislavski: Leonid Andreiev. Em 1911, Stanislavski e Nemirovitch-Dantchenko abrem o «Estúdio do Teatro de Arte» onde Meyerhold trabalhou durante algum tempo; criam ainda um outro Estúdio que revela outro grande homem de teatro: Vaghtanghov.

Stanislavski, entretanto, convidara Gordon Craig que produziu em Moscovo a sua célebre encenação de «Hamlet» que marcou tão profundamente grande parte do teatro que se lhe seguiu. Devemos ainda evocar a passagem da bailarina Isadora Ducan que contribuiu para a revolução do teatro russo. Entre as experiências opostas de Stanislavski e de Meyerhold, situam-se as de Eugénio Vakhtangov que procurou fazer uma síntese entre o «psicológico» stanislavskiano e o «teatral» meyerholdiano. Citam-se dois espectáculos de Vakhtangov como momentos importantes do teatro da época: «A Princesa Turandot», de

Continua na página seguinte

Decor de teatro «Hamlet» Teatro Artístico de Moscovo 1912

LITERATURA
«Cão velho entre as flores», de Baptista Bastos.
por Fernando Luso Soares.
Pags 4 e 5
«Jean Malone», de Michel D'Ard.
por Alcides de Campos.
Pag 7
«Soror Mariana em perigosa demenda de Beja»
por Jorge Listopad.
Pag 6
TEATRO
«Meyerhold: 100 anos»
por Carlos Porto.
Pag 1 e 2
CINEMA
«A obra de Werener Herzog, de «Sinais de vida» a «Fata Morgana».
por Lauro António.
Pag 3
ARTES PLÁSTICAS
«Folhetim artístico»
por Augusto França.
Pag 4 e 5
«Salão de Março — feira ou experiência?»
por José Luís Porfírio.
Pag 8

Carlos Porto

TEATRO RUSSO: A GRANDE VIRAGEM

Continuação da pagina anterior

Gozzi, e «O Dibbuk», de An-Ski. Alexandre Tairov fundou o seu próprio teatro, o Kamerny (Teatro de Câmara) que teve origem no «Teatro Livre» de Moscovo, fundado por Mardjanov, em 1913, o qual apresentava espectáculos de todo o género: ópera, opereta, teatro declamado, pantomima.

Tairov rejeitou as teorias de Stanislavski e de Meyerhold, procurando basear as suas encenações no trabalho do actor, embora não se desinteressasse da participação do cenógrafo (trabalhou com grandes pintores de vanguarda). O seu reportório era escolhido em função do sublinhamento do trabalho do actor: de preferência melodramas, operetas, pantomimas, transformando os textos tradicionais de forma a valorizar essa participação do actor. Para Tairov, o trabalho do intérprete participava ao mesmo tempo da expressão corporal e da expressão vocal, no que foi, possivelmente, um precursor de importantes experiências posteriores. Outros nomes do teatro russo da época: Evreinoff. Komisarievski e Miguel Tchekhov, também grande actor, além de encenador.

Para Evreinoff, o teatro era a própria vida; todos os actos dos homens, todos os ritos, todas as artes eram dominados pelo «instinto da teatralidade». O poeta simbolista Viatcheslav Ivanov proclamava o «espírito de comunhão» que definia para ele o teatro, propunha que desaparecesse a separação entre o actor e o espectador, que pretendia unir num acto colectivo de inspiração religiosa.

(Entre parêntesis, proponho um tema para discussão: todo o teatro ocidental, todas as teorias, todas as práticas do teatro ocidental, nasceram nos primeiros 20 anos deste século na Rússia (aliás, por sua vez lá influenciado por experiências que recebeu e trabalhou Appia, Reinhardt, Craig).

3.º Regularização da vida artística e profissional no campo do teatro. Acrescentava-se ainda: **O Teatro da revolução deve ser totalmente diferente do teatro burguês, pois o proletariado não quer ser idiotizado pelo mundo ilusório do teatro antigo.**

Meyerhold é nomeado orientador da reforma do teatro soviético que, em colaboração com homens como Eisenstein, Smychlaiev e Forreger, pretende levar ao teatro a revolução. Fazer um teatro para a Revolução. Esta equipa pretendia dessacralizar o teatro, fazer um teatro de massas, um teatro directo em que comunicação entre o actor e o espectador fosse imediata. No entanto, outros dirigentes não concordaram com essa cocepção o que veio a provocar o confronto entre os princípios de Meyerhold e os de um teatro realista, de tipo documental.

Em 1920, mais de mil grupos profissionais trabalham no exército soviético. Nos primeiros seis meses desse ano, quase cento e cinquenta mil espectadores assistiram a mais de 250 representações só numa das secções da frente ocidental. Nesse mesmo ano, dois espectáculos concitam as atenções: «A Conquista do Palácio de Inverno», apresentado em Leninegrado, com a participação do exército e da marinha, para cento e cinquenta mil espectadores; e «O Mistério do Trabalho Libertado» em que intervieram duas mil pessoas além de trinta e cinco mil espectadores. Antes disso, porém, em 1918, já o Proletkult, clubes operários de teatro, representava, entre outras peças, «A Tomada da Bastilha», de Romain Rolland.

Em 1922, o Proletkult de Moscovo passou a ser dirigido por Sérgio Eisenstein que encena, no ano seguinte, uma peça de Ostrovski transformada pelo encenador num espectáculo circense, integrando nele cenas filmadas e personagens políticas contemporâneas. E chegámos a 1917.

No meu teatro escrevia Stanislavski **representava-se «O Cerejal», quer dizer, uma obra em que se reflectia precisamente o género de vida dos homens contra os quais se levantava a revolução. Na sala respirava-se uma tensão angustiosa; apesar disso, o espectáculo terminava por entre ovações estrondosas. A seguir, a assistência dispersou-se no maior silêncio, e entre eles muitos foram arriscar a vida por um mundo novo, pois logo a seguir, os tiros rebentavam nas ruas, e só com grande dificuldade e escapando por pouco à morte, conseguimos chegar a casa.**

O teatro foi vítima, mas também herói, do caos inevitavelmente provocado pela Revolução e pela guerra que se lhe seguiu, contando-se, até, casos sintomáticos como o de uma poetisa, Maria Schaginiam, que abandonou a literatura e se transformou em professora de operárias texteis da região do Don, enquanto, na frente, os soldados representavam uma peça escrita pela cozinheira da respectiva companhia. Como disse no artigo anterior, grande número de actores viram a Revolução com maus olhos e entraram em greve, convictos de que o teatro **actividade refinada e aristocrática** não podia cair nas mãos de **operários e camponeses** (sem comentários). Muitos deles emigraram e outros tentaram aproveitar a confusão do momento para sabotar a actividade teatral. Em 26 de Agosto de 1919, um decereto assinado por Lenine nacionalizava não só o teatro como também o cinema: **O cinema e o teatro devem ser um alimento do espírito... O povo tem direito a uma arte cuja verdadeira essência seja a procura constante da verdade e da beleza...**

O decreto propunha a realização das seguintes iniciativas:

1.º — Criação de uma direcção-geral para todo o país apoiada numa série de gabinetes técnicos organizados hieraticamente.

2.º — Criação de um teatro novo de acordo com a transformação política e social do país.

Devemos recordar que em 1911. o célebre encenador alemão Reinhardt fez uma «tournée» pela Rússia, facto que veio a reflectir-se mais tarde nas experiências do teatro de massas.

Teatro de massas, feito sobretudo para festejar acontecimentos importantes assumindo uma função de festa colectiva; teatro de agitação política, ou «jornal vivo», representado pelo «Teatro da Sátira revolucionária» e por grupos amadores — foram as linhas essenciais do teatro soviético nos seus primeiros anos de existência. Ficará para uma outra vez, a discussão dos conflitos que se levantaram a propósito destas realizações que tentaram criar as bases de um teatro revolucionário mas cujas bases estéticas (futurismo) foram mal vistas pelas forças políticas, incluindo Lenine.

Devo ainda citar alguns dramaturgos que marcaram esta época: A. Ivanov («O Trem Blindado»); Kataieve («Vanguarda»); Bulkanov («Dias Tumultuosos»); Boris Laureniev («A Ruptura»); Treniov («Liubov Yacoraia»); Boris Romashov («O Pastel»); o outro Kataiev, Valentin («A Quadradatura do Círculo», peça actualmente em cena em Paris). E o maior de todos eles: Vladimir Maiakovski, autor de «O Percevejo», «Os Banhos», «Mistério-Bufo», o autor predilecto e o companheiro de Vsevolod Meyerhold. Não podemos terminar estas notas, mais do que incompletas, sobre este período do teatro da União Soviética, sem evocar o nome de Anatólio Vassilievitch Lunatcharski — Comissário do Povo para a Instrução Pública —, escritor e organizador, a quem o teatro soviético ficou a dever parte da sua pujança. Emile Copfermann resumiu a política teatral de Lunatcharski em dois pontos:

— apoio aos profissionais, integrados na revolução, de que Meyerhold representa o exemplo frisante, e aos inovadores, como Tairov e Vaktangov, mesmo se as suas pesquisas formais não coincidam com a dramaturgia nova exigida pela Revolução;

apoio aos grupos amadores, proletários ou não, tanto nas suas experiências teatrais como para-teatrais (teatro de agitação, festas revolucionárias).

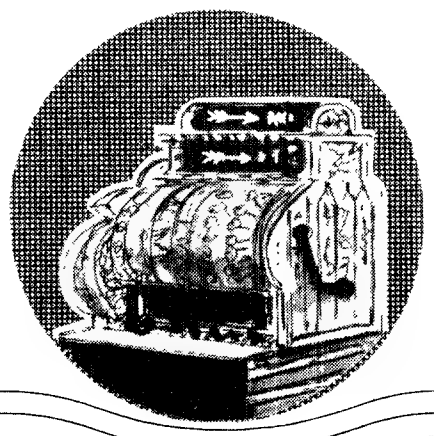
Próximo artigo: A contribuição de Meyerhold.

(1) Ver Bibliografia no final desta série.

CARLOS PORTO

PROTEJA O SEU NEGÓCIO
DE ALTO A BAIXO
SEGURO DE LOJA

Novo seguro da Comércio-Indústria estudado especialmente para comerciantes. Bastante económico em função dos riscos que cobre:



incêndio, assalto, quebra de vidros, inundações, tremores de terra, lucros cessantes, responsabilidade civil e outros riscos.
Garantia dos valores de substituição.

CONSULTE A
COMÉRCIO · INDÚSTRIA
CI segura, realmente!

PLANO

OFERECEMOS-LHE

- testes e inscrições grátis
- um ambiente moderno, acolhedor
- eficiência, sentido da responsabilidade e RESULTADOS

Inscrições agora para cursos rápidos de
INGLÊS, FRANCÊS, ALEMÃO e PORTUGUÊS

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS
Praça Luís de Camões, 36-3.º, Esq.
LISBOA — Chiado Tel.: 3 49 88

ALUGAM-SE
APARTAMENTOS
GRANDE LUXO — MOBILADOS — NÃO MOBILADOS
AV. COLUMBANO BORDALO PINHEIRO, 89

Lauro António

A OBRA DE WERNER HERZOG DE "SINAIS DE VIDA" A "FATA MORGANA"

Werner Herzog esteve em Lisboa a convite do Instituto Alemão, por ocasião da estreia comercial do seu filme «Aguire, o Aventureiro», altura que o citado Instituto aproveitou para organizar uma retrospectiva integral das obras de fundo deste importante cineasta pertencente ao movimento do «novo cinema alemão»

Nascido em Munique, em 5 de Setembro de 1942, Werner Herzog Stipetic frequentou o liceu até 1961, tendo-se tornado produtor e realizador de cinema a partir de 1963, após variadas tentativas abortadas. Antes estudara História, Literatura e teatro, tanto em Munique como em Pittsburgh (EUA). Em 1966 trabalha para uma cadeia de televisão americana, depois para a NASA, documentando estudos de novos sistemas de propulsão para foguetões.

Caminhante infatigável, Herzog viaja aos 18 anos até ao Sudão, seguindo-se-lhe depois estadas em Inglaterra, EUA, Grécia, Africa, México, Canárias, Peru, etc.. Tendo dirigido até 1974 cinco longas metragens, unicamente uma foi rodada na Alemanha **Na Terra do Silêncio e da Escuridão.** As restantes têm por cenários a Grécia **Sinais de Vida,** Africa **Fata Morgana**, uma ilha das Canárias **Também os Anões começam por Baixo** e Peru **Aguirre, o Aventureiro.**

Entretanto a sua filmografia completa estabelece-se da seguinte forma:

1962 .. **Herakles** (Curta-metragem)
1964 .. **Spiel im Sand** (C-m)
1966 .. **Die Beispiellose Verteidigung der Festung Deutsckreutz** (C-m)
1967 .. **Letzte Worte** (C-m)
1967 .. **Lebenszeichen** Sinais de Vida (Longa-metragem)
1969 .. **Massnahmen Gegen Fanatiker** (C-m)
1969 .. **Die Fliegenden Arzte Von ost Ostafrika** (Média-metragem)
1970 **Auch Zwerge Haden Klein Angefangen** (Também os Anões Começam por Baixo) (L-m)
1970 .. **Behinderte Zukunft** (M-m)
1971 .. **Land des Schweigens und der Dunkelheit** (Terra do Silêncio e da Escuridão) (L-m)
1972 .. **Aguirre, der Zorn Gottes** (Aguirre, o Aventureiro) (L-m)

Todas as longas metragens foram projectadas no Instituto Alemão, com excepção de **Aguirre,** exibido comercialmente.

OS FILMES

SINAIS DE VIDA **(Lebenszeichen); realização e argumento: Werner Herzog; Fotografia; Thomas Mauch; Montagem: Beate Mainka e Maxi Mainka; Som: Herbert Prasch; Música: Stravos Xarchakos; Produção: Werner Herzog; Filmproduktion, Munique; 90 minutos. Intérpretes: Peter Brogle (Stroszek); Wolfang Reichmann (Meinhard); Athina Zacharopoulou (Nora); Wolfgang V. U. Sternberg (Decker); Wolfgang Stumpf (capitão); Júlio Pinheiro (cigano) Florian Fricke (pianista), etc.**

Creta, já nos últimos tempos da II Guerra Mundial, o soldado Stroszek é ferido numa emboscada e internado durante alguns dias num hospital, no qual conhece uma grega, Nora com quem acaba por casar. Já em período de convalescença é enviado para uma ilha, Kos, no Dodecaneso, ilha aparentemente afastada dos conflitos bélicos. Acompanhado pela mulher e ainda por dois camaradas, Meinhard e Decker, igualmente saídos do hospital, Stroszek é incumbido de guardar um depósito de munições abandonado que se encontra num velho castelo veneziano, junto ao porto de Kos.

Isolados no castelo, os seus quatro habitantes procuram tornar a existência o mais cómoda possível, desfrutando uma inactividade quase total, intercortada por pequenos afazeres que mais parecem passatempos: pintar portas, depenar galinhas, construção de imaginosas geringonças para capturar baratas, decifração de velhas inscrições latinas, etc. Um pequeno paraíso, uma ilha de paz, onde nunca se combateu, conforme somos informados pelo comentador do filme.

A calma é, porém, ilusória; a inactividade paralisadora. Passam-se duas semanas sem que nada aconteça. A monotonia é quebrada pela aparição de um cigano, com quem é impossível comunicar. Também com as crianças do porto é difícil estabelecer diálogo, nas raras descidas dos quatro habitantes do castelo à vila.

Entretanto, Meinhard sobretudo interessa-se vivamente pela fabricação de foguetes, numa aparente luta contra a apatia circundante. É também ele quem mais vezes desce até à vila ou até à costa, em procura de peixe, num mar onde a pesca é quase nula.

O isolamento vai trazendo os seus frutos. Stroszek anda cada vez mais perturbado. Desce mais uma vez à vila, onde encontra um inquietante pianista, cuja música não o acalma. O seu superior hierárquico, apercebendo-se do evoluir dos acontecimentos, envia-o numa missão de reconhecimento, cuja finalidade é unicamente distraí-lo. Durante a missão encontra uma casa, onde para beber e onde ouve uma criança tentar cantar uma ária que o pai lhe pede para entoar. Mas também a criança não consegue articular os sons certos. O caso de Stroszek agrava-se incontroversos sintomas de loucura.

Finalmente expulsa os companheiros do castelo e tenta destruir a povoação com os foguetes que ele próprio havia construído. Na primeira vaga de ataques consegue apenas matar um burro, além de espalhar o pânico entre a população e alertar a reduzida guarnição militar do porto que, a princípio, julga tratar-se de um ataque de patriotas gregos. Mas o ataque de foguetes que parte do castelo em posse de Stroszek prossegue, agora com resultados ainda mais insignificantes: uma cadeira queimada.

Stroszek resiste durante dois dias na sua posição entrincheirada, mantendo a distância os elementos que o rodeiam com a ameaça de fazer explodir o depósito de munições, caso alguém se aproximasse do castelo. Mas o cansaço vence-o, acabando dominado pelos seus camaradas e de novo enviado para o hospital.

A solidão .. uma das constantes do cinema de Herzog. Numa terra que não é a sua, Stroszek e os companheiros descobrem a total incapacidade para a comunicação. A língua que se desconhece, a aridez inóspita da paisagem grega, a mulher com quem se casa e com quem se não pode falar, a disponibilidade de um tempo inútil, tudo isto conduzido a um acto aparentemente de loucura, mas na realidade de esquizofrénico suicídio e, sobretudo, de revolta: o bombarbear da aldeia com os foguetes.

Sinais de vida de Herzog

Longos planos com a câmara fixa uma forma inquietante de abordar a solidão. A negro e branco, os traços inóspito da presença do homem num universo estranho. Um filme desequilibrado, seguramente, mas interessante, revelador de uma personalidade sumamente curiosa, no panorama da moderna cinematografia germânica.

FATA MORGANA

Realização e argumento: Werner Herzog; Fotografia (cor); Jorg Schmidt Reitwein; Montagem: Beate Mainka-Jellinghaus; Produção: Werner Herzog Filmproduktion; 78 minutos. Rodado no sul do Sahara, África Ocidental e Oriental, entre Novembro de 1968 e Dezembro de 1969.

Fata Morgana não é um filme tradicional, na medida em que recusa qualquer tipo de ficção e se entrega inteiramente à elaboração cerrada de imagens e cores, de sons e ritmos que mais se associam à criação do «poema», do que à elaboração do «romance». **Um filme sobre a criação do mundo, o paraíso e a idade do ouro**, assim o define rapidamente Herzog. Um comentário, dito por Lotte Eisner (a maior autoridade sobre o cinema expressionista alemão), que começa: **Aqui se conta como o mundo jazia num silêncio completo, e flutuando numa calma profunda, balouçava, ermo e solitário. E esta é a primeira informação, o primeiro testemunho: não havia homens nem animais, aves, peixes ou répteis; nem árvores, pedras, cavernas ou abismos, ervas ou arbustos unicamente o céu.**

E o texto continua: **Por baixo da abóboda celeste, invísivel era a face da Terra; só o mar se comprimia sossegado e era tudo. E não havia nenhum objecto que se tivesse podido formar, ou se notasse, movesse, corresse ou soasse no céu, pois era nada absoluto. Só a água, um mar imenso e tranquilo; não havia nada que não tivesse existido. Tudo era silêncio e calma na escuridão da noite.** Diz Herzog que as imagens de **Fata Morgana** acompanham a narração dos mitos da criação do mundo dos índios guatemaltecos do século XVI e se apoiam em comentários dispersos dos vanguardistas alemães de 1970.

Quais as imagens de **Fata Morgana?** O filme encontra-se dividido em três partes: **A Criação, O Paraíso** e **A Idade do Ouro.** Socorrendo-nos dos programas do Instituto Alemão (que aliás nos servirão de base segura ao longo deste estudo), inicia-se a descrição do primeiro tempo, **A Criação**: O filme começa com uma longa chegada. Um avião que aterra na poeira do deserto. Aterragem que se repete oito vezes, enquanto a voz da narradora inicia a descrição dos primeiros momentos da criação, numa linguagem que nos relembra outros mitos, nomeadamente o da «Criação» cristã. Palmeiras cinzentas, despojos no meio do deserto, fuselagem de um avião, carcaças de animais, ressequidas, insistentemente focadas. Depois o deserto, os contornos das dunas, o céu, a areia de um cinzento pardo, a cor da noite, o sol, a imensidão das distâncias sem fim. A proximidade de um grupo de barracas. Crianças negras subnutridas, velhos, tudo cercado, abafado pela presença constante do deserto. A narradora fala-nos do criador e da criadora. A estrada serpenteia por entre dunas. Os subúrbios da cidade, as barracas. Uma criança segura uma raposa do deserto, branca, diante da câmara. A música, de coro litúrgico, transforma-se num «beat» ritmado. A narração continua **Deus faz uma nova tentativa de criação.** Segundo tempo: **O Paraíso**. Do interior de uma caverna, sai um árabe. De um rádio transistorizado, música de tango. **No Paraíso o prazer é obrigatório.** Como banda musical canções de Leonard Cohen: **I love you in the Morning... Many loved before us....** Um lagarto, preso nas mãos de um cientista alemão, que se lamenta: **Disponho apenas de 14 anos para saber como este lagarto pode sobreviver sob o sol ardente do deserto e encontrar sustento.** Um sol que sobe até aos 50 graus. No comentário: **No Paraíso as pessoas nascem já mortas.**

Um grupo humano: uma mulher branca ensina meia-dúzia de crianças negras a repetir: **A guerra relâmpago é uma loucura.** Longas panorâmicas sobre excrementos de uma indústria petrolífera que suja a paisagem. Campos de concentração de material.

Na margem de um lago, um homem-rã explica que **a tartaruga tem barbatanas para se movimentar, uma boca para se alimentar e um ânus por onde tudo volta a sair.** Depois de observar atentamente o animal, o mergulhador volta a atirá-lo à água e lança-se ele próprio de novo em sua perseguição. O mito prometaico. A narradora: **Enquanto tu dormes, Deus passeia docemente pela Terra com Maria.**

Finalmente, o terceiro tempo: **A Idade do Ouro.** Numa tenda de feira, uma pianista e um baterista tocam automaticamente melodias espanholas. recomeçadas incessantemente. **Na idade do ouro, homem e mulher vivem harmoniosamente entre si.** Grinaldas de flores mortiças e um ambiente de festa moribunda. Junto ao mar, palmeiras. Num deserto de terra negra, como um cenário de Beckett, grupos humanos tentando sair de covas onde se instalam. A «trágica visão» não tem fim. Homens que riem, outros que gesticulam. De novo o homem-rã: **A tartaruga tem uma cabeça para pensar.**

A viagem de **Fata Morgana** (miragem longínqua de um passado, pesadelo que relembra a presença angustiante do homem sobre a Terra) termina com vários planos da crosta da Terra, ressequida, gretada, rasgada.

Estruturando-se entre o pesadelo e o poema, **Fata Morgana** é uma sucessão de imagens guiadas por uma narração que as imagens por vezes ilustram, quase sempre comentam, ora dramaticamente (por oposição à descrição utópica das palavras) ou sarcasticamente (por desvio do seu significado). De novo a insistência quase provocadora na utilização de planos de longa duração, ou repetidos inúmeras vezes. De novo a impotência do homem perante a paisagem agressiva que é, simultaneamente, desafio e derrota. E novo desafio. Uma nova constante que iremos encontrar, acentuando-se, em filmes posteriores: a presença do animal. Em **Sinais de Vida** são as baratas, as galinhas depenadas, é um burro morto durante um tiroteio de foguetes. Em **Fata Morgana**, filme rodado no Sul do Sahara, surgem as raposas do deserto, os camelos, a tartaruga, todos eles assegurando um importante papel no peso simbólico e metafórico do significado final das obras. A perversidade, o horror, a crueldade, na boa tradição dos surrealistas, de um Buñuel, por exemplo. Cuja influência Herzog não renega...

Intervençao crítica

Fern

CÃO VELHO ENTRE AS FLORES de Baptista Bastos

Todo o discurso crítico supõe um ponto de partida. Por conseguinte, se queremos examinar de perto um texto organizado mais ou menos complexivamente em discursos de ficção, não parece mal que procuremos em primeiro lugar esse ponto de partida. Se assim fizermos, como diria alguém, começaremos mesmo pelo começo. «Cão Velho entre Flores», afirmo então de início, aparece-me (nas suas chaves determinantes) com uma sobredeterminante fundamental: trata-se de um livro (de um romance) sobre o Amor. Isso o distingue, por exemplo, de «O Secreto Adeus», que há tempos foi objecto de uma apreciação por minha parte.

Recordo, efectivamente, que nessa anterior crítica eu anotava que **O Secreto Adeus** continha em si próprio a sua definição (como livro) no próprio texto narrativo (do livro). Recordo assim que a personagem principal desse romance, Alvaro Moreira, concebia a sua narrativa como um texto sobre amizade: «Agora recomecei a escrever afirmava-nos aquela personagem. E uma novela sobre a amisade, sobre o valor da amisade». Ao contrário, repito, **Cão velho entre Flores** é um romance sobre o Amor. o amor das coisas. O amor do movimento. O amor dos mortos. Designadamente o amor dos mortos este último revelado como a redescoberta das raízes que nos prendem a uma existência social irrecusável.

O «amor das coisas» mostra-o Baptista Bastos na forma singela como na sua prosa de ficção se fundem os seres humanos com os outros de outros reinos. Manuel a personagem central de **Cão Velho entre Flores** é como é não só por contraste com as outras pessoas da sua convivência mais ou menos distanciada, mas ainda pelo modo como ingenuamente (como ternamente, diria mesmo) se comporta diante de um pássaro, de uma árvore, da chuva, do sol, dos dias que se distinguem dos dias. Por outro lado, o «amor do movimento» subjaz a toda a existência da personagem, ela ciente, talvez sem dar por isso, de que o movimento significa a verdadeira afirmação da própria espontaneidade. E neste sentido bem curioso é ver como Baptista Bastos «coloca» a força desse movimento natural de todos os seres no centro e no recorte de tantas e tantas figuras (constantes, sempre constantes) do seu texto aliás como de todos os seus textos anteriores. O sol é breve (págs. 14). O pai de Manuel vive num vaivém de repetidas desaparições e regressos (págs. 19). As formigas devoram apressadamente o cadáver de um gato esmagado no trânsito da rua (págs. 34). A avó é lesta e aplicada (págs. 54). Os pássaros, esses «sabem que cada movimento conta, que se o movimento for mal executado o pássaro é caçado» (págs. 63). O primo mudo caminha velozmente (págs. 67). As pessoas cruzam-se apressadas e misteriosas (págs. 113). E em certas alturas, de alguma tranquilidade, os movimentos são suaves e dominicais (págs. 134). Em Baptista Bastos, diria enfim, pelo adjectivo e pelo advérbio as coisas, mais do que se qualificam – insinuam-se. Daí, e em cada instante, resulta o facto de elas ilustrarem esta ideia querida do autor, a do amor do movimento.

Eis, portanto, algumas das chaves determinantes deste singular romance. Todavia, o «amor dos mortos» (naquilo que ele tem de significado indeclinavelmente positivo para os vivos) sobreleva em **Cão Velho entre Flores**.

Ainda que no seu ponto de vista de crente, que poderá certamente não ser o nosso, Kierkegaard interrogava-se em **Vie et Règne de l'amour** sobre o que devemos pensar relativamente ao amor dos mortos. A vida, seja por onde for, «va trouver les morts auxquels tous les chemins mènent» ... Mas acaso a reflexão deste caminho pode servir a nossa consciência? Em verdade, se nos quisermos assegurar daquilo em que consiste o amor em nós, ou num outro homem, não é empresa inútil repensarmos o nosso comportamento a respeito de um morto. Eis um acto desinteressado. E é precisamente aquele que se institui neste romance de Baptista Bastos enquanto o novelista elege, como símbolo da nobreza de alma que nao se verga aos factores alienantes da sociedade dos seus dias (aqui e agora), o seu velho avô, o cão velho entre flores aquele que morre na solidão digna, mas preocupada, do verdadeiro homem.

Repare-se nestas duas frases de diálogo que recolho de páginas 64 de **Cão Velho entre Flores**:

— «Mas um homem deixa de ser homem quando

RECTIFICANDO UMA INTERVENÇÃO CRÍTICA NÃO RECTIFICOU CARLOS PORTO AS CONCLUSÕES DA MESMA

1 — «Vítima» de uma crítica não muito favorável ao 2.º volume do seu livro **Em Busca do Teatro Perdido,** procurou Carlos Porto atenuar perante o público leitor, com uma breve nota intitulada **Rectificando uma «Intervenção Crítica»**, as conclusões nesta contidas. Para o efeito o prestigiado comentarista teatral do «Diário de Lisboa» escreveu as palavras que vieram publicadas no Suplemento Literário de 14 de Março último, que eu passo a reproduzir.

2 — São estas as referidas palavras:

«Fernando Luso Soares terminava a sua crítica ao 2.º volume de «Em Busca do Teatro Perdido», publicada no último n.º do SL, com os seguintes parágrafos: «Diz Carlos Porto, na portada deste seu segundo livro **Em Busca do Teatro Perdido,** que tal como Burity — seu antepassado nas lides críticas — nem que lhe espetem uma faca, há-de dizer a verdade, há-de dizer a verdade, há-de dizer a verdade. Quanto a mim respeito-lhe evidentemente a posição corajosa, quixotesca até, sem dúvida própria de toda uma teoria dos «sás de miranda» da crítica, uma teoria de todos os intrépidos de um só parecer e do antes quebrar que torcer. Atrevo-me, no entanto, a perguntar, como aliás já se fazia num texto conhecido e antigo: — mas o que é a verdade?... Não quereria Carlos Porto antes afirmar que, com facas ou sem facas, só há-de dizer sempre aquilo que pensa (bem ou mal)?»

Depois continuava Carlos Porto na sua breve nota:

«Devo esclarecer que a frase de Braz Burity, que serve de epígrafe ao artigo «O crítico não é um fantasma» com que abre o referido volume e no qual tento explicar os objectivos da minha actividade, é textualmente a seguinte: «Ainda que me espetem uma faca, até morrer hei-de dizer o que penso, hei-de dizer o que penso, hei-de dizer o que penso».

«Se rectifico o lapso de memória do meu ilustre crítico, cujas conclusões perdem por isso a sua razão de ser (o que, aliás não tem grande importância), faço-o não por mim, mas pela memória de Braz Burity, cujas intervenções críticas no teatro português tiveram uma certa eficácia, tanto quanto me parece».

3 — O «processo» de Carlos Porto fala por si próprio. Através de um jogo literal — que se mostra desentendido (ou omissivo) das verdadeiras **conclusões** existentes na minha crítica, e do manejo irónico que eu pretendera operar — ele faz um reparo — que Braz Burity não aludira exactamente à «verdade» mas sim ao seu «pensamento». Isto assim tal e qual, como se acaso para o verdadeiro crítico o seu pensamento não fosse efectivamente a sua verdade. Gravíssima e portanto repugnante truncagem fora, com efeito, a minha!

4 — Então Carlos Porto, impante ou talvez até pontificante no remate, pretendeu insinuar que **as minhas conclusões** (repare-se no plural da própria palavra «conclusões») **teriam perdido, por isso mesmo, a sua razão de ser.**

5 — Todavia confesso que não entendo a eficácia deste reparo linear. As minhas conclusões, aliás bem expressas na crítica de 7 de Março, eram e continuam hoje a ser as seguintes: — **a**) que os textos de Carlos Porto, publicados no livro em causa, estão pejados de efemérides insignificantes, prejudicando os termos de uma perspectiva que queira valer a recuperação, para o futuro, de um teatro perdido nos tempos anteriores das suas representações; — **b**) que o espectadorismo activo de Carlos Porto, não obstante a sua declarada rejeição de uma crítica judicativa, se encontra a cada passo prejudicado por uma tendência irrefreável para o impressionismo (a forma mais gratuita de julgar); **c**) e que o pensamento de Carlos Porto se encontra (mais no 1.º que no 2.º volume da sua obra) inquinado de barbarismos filosofoides tais como revelam certas frases: «a autocoisificação através da fetichização do objecto» — «uma obra em que significantes e significados se fundem definitivamente»; — frases às quais eu poderia acrescentar muitas outras, como por exemplo «uma totalidade una e indivisível» (onde é que eu já ouvi isto?...), «a autocrítica materializada no seu caso», e «também uma infra-estrutura literária, artística», etc.

6 — Talvez a cultura portuguesa beneficiasse mais com o facto de Carlos Porto, em vez de rectificar aquilo que pretende constituir os meus lapsos de memória, procurasse antes explicar aos beócios (como eu) estas suas curiosíssimas teorias da autocoisificação através da fetichização do objecto, da fusão definitiva dos significantes e significados, das autocríticas materializadas nos casos pessoais (salvo o devido respeito, todos os «la-palices» diriam o mesmo) e da natureza infra-estrutural da literatura e da arte (o que constituirá decerto uma das mais espaventosas novidades de um novo pensamento dialéctico).

7 — Mas como Carlos Porto só fez, afinal, a rectificação do meu **lapso de memória** em prol da **memória de Braz Burity**, decerto também que a família deste lhe agradecerá com o maior reconhecimento e preito.

FERNANDO LUSO SOARES

Folhetim-artístic

...rnando Luso Soares

morre?» E a resposta: — «Não deixa de ser homem quando morre, não senhor; lembras-te do nosso avô?, o nosso avô era um cão velho entre flores ... » Porque o resumo deste caminho que define o drama de Manuel, personagem em busca das raízes que o explicam na dialética dos elementos, temo-lo assim claramente expresso na síntese de todo o romance, com que deparamos a págs. 96: — « ... amar é um acto de estar presente em si mesmo».

Dizia-nos Baptista Bastos que o seu romance **O Secreto Adeus** exprimia uma rebelião de forma anárquica. Por outras palavras, ele significava sem dúvida a nostalgia (em acto) da antiga fé unitária que fora apanágio dos anos do apogeu neo-realista. Agora — por exemplo, na ideia de José Rodrigues Migueis — vejo que se entende este **Cão Velho entre Flores** como um neo-realismo transfigurado no estilo, na técnica, na generosidade, na arte, da brevidade flagrante. E isso está certo. Simplesmente permito-me acrescentar que tal transfiguração resulta, a meu ver, de que a narrativa eposodística desta nova ficção de Baptista Bastos assim se nos apresenta porque, à linearidade por vezes esquematizada de mais, o escritor logrou substituí-la pela tradução particularmente dramática do vórtice da memória. «Os rostos e os nomes — lemos a págs. 147 deste romance — possuiam significações próprias e no vórtice da memória volteavam, folhas mortas, os gestos, as palavras da minha gente do outro bairro, distanciados e turvos».

A forma de Manuel nos contar esta distância, e o turvo que mais ainda a faz longínqua,éopersosamente adequada. As substâncias e as qualidades solucionam-se em metáforas sempre belas. O texto possui assim uma estrutura básica de surpreendente associativismo de linguagem. Em todos os momentos as palavras de Manuel (a novela do escritor) se desdobra em dois tempos presentes — aquilo de que ela fala e aquilo que compara ou contrapõe ás coisas de que nos fala. Tudo isto elaborado com um halo poético que por vezes atinge a plenitude do lírico e do dramático (estou a pensar, por exemplo, no episódio da morte do avô, que constitui o capítulo 7.º do romance, a págs. 47 e segs). E o que mais importa assinalar parece-me dever ser este relevo: — o «ego» poético, que Manuel nos mostra a cada passo, é profundamente social talvez até na medida em que o é pelo contraste com o corpo social a que se opõe.

Disse para trás que a evocação dos mortos pode constituír uma forma de estar presente — e de activamente viver. Pelo sentimento de solidão que provoca (pela «dialética da solidão» a que algures se referia Teodoro Adorno) ela consegue ajudar-nos à consciência crítica. Neste sentido, **Cão Velho entre Flores** pode ser classificado (deve sê-lo) como o romance crítico de uma família. De uma família que se dissolve e gera a solidão, mas que ao mesmo tempo dialecticamente suscita o sentimento de comunhão do homem com o mundo.

Transcrevo do capítulo 18 deste romance (págs. 103-104) esta passagem: — «Comecei a postergar-me do que sobrava da família: deixei de participar nas questões domésticas para ser distante espectador. Brutal como mutilação surgia um dissídio, cada vez mais evidente: a minha solidão afastava-me das coisas que presumia amar ainda não há muitos anos. A família, o abrigo, a noção de tecto e de lar desmantelavam-se. Eles dirimiam questões entre si, eram odiosos, venais, mas justos na manutenção de antigos tabus, porque conheciam a plenitude dos actos consentidos. Consentiam-se família, consentiam-se maridos e mulheres e também avós: espécie de carreira ou de profissão estabelecida na igualdade com diferença».

Esta família que se desmantela membro a membro no decurso de **Cão Velho entre Flores** — onde só a memória do avô já morto preserva as qualidades que podem redimir e recuperar — dá-nos por isso mesmo a tendência histórica de uma época. Mas tal como para Lukacs, a arte é realista enquanto nos mostra precisamente a tendência histórica de uma determinada época, ao mesmo tempo que nos mostra também o horizonte de uma longa, mas fatal, aproximação.

Na portada do seu livro, Baptista Bastos transcreve estas palavras de Raul Brandão: — «E preciso matar segunda vez os mortos». Em corolário, Manuel (verdadeiramente um daqueles homens-narrativa a que aludia Tzvetan Todorov em **Poétique de la Prose**) diz-nos a págs. 106: — «Um homem quando escreve desfaz-se de remotos fantasmas que insistem em persegui-lo». Trata-se assim, por um lado, de um escrever como purificação, como catarse. Mas este romance é também um escrever como mensagem. Lemos a págs. 111: — « ... eu hei-de escrever isso tudo, forçando a memória, até depois da morte dela (Manuel refere-se aqui à morte da avó), forçando a memória, até depois da morte dela, da morte dos outros; escrevendo para a seguir à minha própria morte».

Só no seio de uma humanidade pacificada a arte cessará de viver.

...CO de José-Augusto França

HORAS ANTES DO LEILÃO DO ALBUM DO PALÁCIO DE ARROIO DE SEQUEIRA

É leiloado na noite de hoje, em Lisboa o «Album do Palácio de Arroios» de Domingos António de Sequeira.

O palácio (que figura na célebre obra de Sequeira a «Sopa de Arroios») era a casa dos Sousa Coutinhos que D. Rodrigo, futuro conde de Linhares, veio habitar, no seu regresso da longa embaixada havida em Turim, em 1795. O diplomata sucedeu então no Ministério da Marinha e Ultramar a Martinho de Melo e Castro e trouxe para a directa acção política princípios algo pombalinos, aplicados à difícil conjuntura nacional, em conturbados tempos europeus, animados por ventos revolucionários na história. Entre a sua opção «inglesa» e a orientação «francesa» do conde da Barca se resolvem mal a política portuguesa da época, terminada com as decisivas invasões francesas.

O papel de D. Rodrigo de Sousa Coutinho no quadro das artes plásticas portuguesas é, por outro lado, extremamente importante e deveram-lhe protecção Sequeira e Vieira Palmense ((e Bartolozzi, que fez vir para Portugal) — autores de retratos da condessa D. Gabriella di San Marzano, que segundo é tradição na família, recebeu lições de Sequeira. Facto é que os dois artistas a retrataram pintando, ou a figura do marido ou de uma amiga. O retrato de Sequeira existe na posse do actual conde de Linhares, o de Vieira Portuense, tive ocasião de o indentificar o ano passado quando foi leiloado também.

O álbum que agora é posto à venda consiste numa colecção de desenhos que, entre 1796 e 1802, foram (provavelmente) oferecidos a D. Rodrigo pelo pintor, que o conhecera em Turim, à beira do regresso de ambos. Do palácio de Arroios porque ali se encontravam, e álbum porque como tal foram reunidos e encadernados entre 1874 e 1895 datas que correspondem ao gosto da encadernação. Na primeira delas, o marquês de Sousa-Holstein, filho do primeiro duque de Palmela e por isso parente dos Linhares, referiu-se aos «bastantes desenhos» que viu em casa de uma neta de D. Rodrigo, D. Gabriela também; na segunda data existe uma referência em acto notório que fala de «álbum».

Como tal aliás foram estudados os desenhos por Francisco Cordeiro Blanco numa edição do Instituto de Alta Cultura em 1956, e já em 1947, num artigo de revista. Trabalho consciencioso que traz, por exemplo, achegas importantes para a determinação das datas do períodomonacal de Sequeira na Cartuxa de Laveiras — e dados úteis para o estudo da obra do artista..

São cinquenta e um desenhos, 27 à pena e 24 a lápis, assinados (10 ou não, mas bem garantidos filologicamente por um «pedigrel» indiscutível, na sua passagem, através de heranças, ao longo da Familia Sousa Coutinho, nos ramos Linhares ou Funchal.

Dessa família vai sair agora a posse do album — ou dos desenhos. Uma herança atribuiu-o a quem resolveu desfazer-se do precioso conjunto. Consultado a propósito, sugeriu que a venda fosse feita globalmente e isso pretende fazer agora o proprietário depois de, como me dizem terem sido conduzidas junto do Estado e de um coleccionador privado, discretas e malogradas diligências. Oxalá apareça, esta noite um comprador idoneo que não faça arrepender o proprietário de não ter desfeito o álbum, vendendo um a um, e talvez mais proveitosamente, os desenhos que o constituem. Ameça que aliás não deixará de ficar pendendo sobre a colecção, se agora não for vendida.

Desfeito ele, perder-se-ia, porém, uma ocasião única de estudar um período da obra de Sequeira, com acumulação de dados preciosos, na variedade dos temas e dos tratamentos apresentados. É restrito este período marcado por obras datadas de 1796 a 1798, e uma de 1802, supondo-se que as outras cabem dentro dele. Retratos (como os da primeira condessa de Linhares) do segundo conde, em criança, do célebre Princípe Sousa, irmão do conde D. Rodrigo), paisagens (raras na obra de Sequeira e que mostram um gosto de fim de século, com alguma sensibilização «romântica»), composições alegóricas ou religiosas, figuras e estudos de pormenores (árvores e folhas, anatomias, cabeleiras em madeixa), colados a esmo no álbum, constituem um largo leque de produção que importa analisar e catalogar tipologicamente tanto quanto tematicamente.

Conjunto incoerente e aleatório, decerto, que nenhum critério de colecção ordena, a sua reunião é, porém, garantida por o que poderíamos chamar uma «personalidade cultural», atendendo à sua origem, e ao facto de ter sido objecto de um estudo e de uma publicação. Como tal importa considerá-la e estimá-la. E compará-la quem puder.

E se for particular desinteressado a fazê-lo, mesmo movido por naturais intenções de aplicação de capitais, porque não sugerir-lhe desde já um comportamento cultural?

Imaginemos que, neste caso, é um banco a adquirir o álbum, compreendendo que mais vale comprar desenhos de Sequeira verdadeiros (mesmo por assinar) que desenhos modernos falsos (mesmo assinados); ou uma fundação de origem bancária, como a de Cupertino de Miranda, ou a de Ricardo Espírito Santo (aliás especializada na época) o que seria aliás, reunir o financeiro ao cultural, ou seja o agradável ao útil.

Bem andaria o então o comprador se fizesse o contrário do que é costume entre coleccionadores interesseiros: isto é, em vez de esconder a compra no banco que já ele próprio é, de a fazer expor, ou tornar pública, num museu, de preferência o de Arte Antiga. Assim o seu usofruto seria da sociedade, reservando-se a propriedade (que sem dúvida irá aumentando de valor e beneficiando da própria celebridade pública) para o aplicador de capital; e assim ninguém seria prejudicado e todos beneficiados...

Não havendo quem assim faça (e não se verificando possibilidade de aquisição ao nível público ou oficial), que acontecerá a este conjunto de desenhos, importantes todos eles, pelo «acabamento» ou pela liberdade da concepção, ou pela informação que fornecem ao nível do estudo? Dispersos, mais dia menos dias por portas e gavetas desconhecidas ou inabordáveis, quando chegar a altura de fazer sobre Domingos António de Sequeira o estudo em profundidade que tarda, como se haverá o futuro historiador? E o que será da cultura portuguesa se os seus bens assim se perdem?

Jorge Listopad

SOROR MARIANA EM PERIGOSA DEMANDA DE BEJA

Será preciso ler o «Ulisses» de Joyce em Dublin? Compreende-se melhor? Penetra-se mais nos dédalos dos Dédalos? E Homero? Será mais mágico quando o decifrarmos, banhando os corpos no mar domesticado e transparente de Delos? Talvez, talvez ... Enfim, os argumentos dos que têm pouca fé na arte e na sua própria geografia.

Porém, talvez o maior disparate tenha sido o ir com as «Cartas de Soror Mariana» a Beja. Acredito que o disparate não tenha sido desagradável; não sei, não fui. Não me move, em todo o caso, qualquer pensamento reservado contra os cultores dos prazeres: o tal prazer, hoje ainda associal, quiçá, prepara-se para o futuro com todos. E não esqueço, voltando ao termo «disparate», que alguns entre eles, por vezes, numa determinada conjuntura, podem puxar o mundo para a frente ou, pelo menos, alegrar as vidas tristes que são as nossas. Já não é nada mal. E se o Grémio Literário quis fazer uma excursão, com algumas turmas antes das férias da Páscoa foram à Serra da Estrela, ninguém tem nada a dizer além de desejar boa viagem e feliz regresso. **Mas porquê a Beja, meus amigos?** O Grémio, que se chama com justo orgulho **Literário**, não precisa da minha informação para saber que as Cartas de Mariana Alcoforado não são nem cartas, nem chamados documentos humanos, nem elementos de qualquer geografia literária, mas sim pura **literatura**; portanto, a freira de Beja tem pouco ou nada a ver com Beja, sendo neste caso Beja a Polónia do Mestre Ubu e o Elsinor do Hamlet, perdão, de Shakespeare. Identificar e autentificar a Beja real, de hoje, de ontem (em contraste com uma Beja simbólica, literária, inventada, aliás única possível) é um acto imprudente. Provaria várias coisas perigosas, a saber:

— se então a Beja de Mariana existe, uma das peças mais fortes das letras portuguesas foi escrita em idioma estrangeiro e, para ingressar na literatura pátria, teve de ser (re)traduzida; se não fosse assim, o último tradutor português das Cartas, Eugénio de Andrade, seria o autor delas. E continuando:

— se então a Beja de Mariana existe, será admitir que as Cartas foram escritas num Convento, por uma verdadeira religiosa quase sem instrução, nunca tendo conhecido o mundo; será acreditar que a espontaneidade, a paixão imediata, inspiraram uma mulher a fazer uma obra superior às que os melhores espíritos da grande época da literatura francesa poderiam oferecer ao seu público.

As almas românticas que ficam algo tristes — mas não é verdade que gostam desse estado de alma? — com o facto de não ter sido a freirinha com o diabo no corpo a autora involuntária da obra-prima em 5 actos (cinco cartas que correspondem a cinco actos clássicos (!) no seu desenvolvimento), que se consolem! Não se perde, pela mudança de autoria, nada da beleza, mesmo se o verdadeiro autor era um escritor profissional ou um poeta-amador trabalhando com um re-writer experimentado, talvez um certo «Sieur Guilleragues», tanto faz agora para o caso. Por detrás das Cartas, existe certamente um homem de letras francês, provavelmente estranho à efeméride factológica. Naturalmente do sexo masculino: pela objectividade psicológica de análise do **outro**, pela identificação-distanciação à vontade, pelo impudor sem histeria, pela naturalidade que pode ser apenas o outro lado do artificial. Já Rousseau afirmava numa carta: «Aposto tudo no mundo em como as Cartas de Soror Mariana foram escritas por um homem». «Histoire de O» de Pauline Réage não será afinal também uma obra de homem?

Pelo contrário, caros românticos! A beleza e a força das Cartas, como as conhecemos, abonam em louvor da arte, glorificam a literatura que soube sublimar um facto banal de ponto de partida remoto (se até esse não foi inventado); glória à arte que sabe inventar tantas Bejas quantas precisa, tantas vidas quantas necessita, tantas tragédias libertinas para ensino das gerações vindouras, e que sabe cantar o amor onde só reinava a chateza assexuada ou o eros espartilhado e titubeante.

Se Micheline Uzan, seu marido-encenador e o Grémio Literário mediram as Cartas pela autenticidade de Beja e Beja pela autenticidade das Cartas e não pelo jogo das formas livres da arte, enganaram-se e enganaram, reduzindo o real mais do que real, a arte, em flor de plástico — para sobreviver aos séculos; flor de plástico que não pode ser cortada verticalmente, pelo meio, como nesta gravura de magnólia, bela, sexuada, desenhada, não real, e que só assim existe.

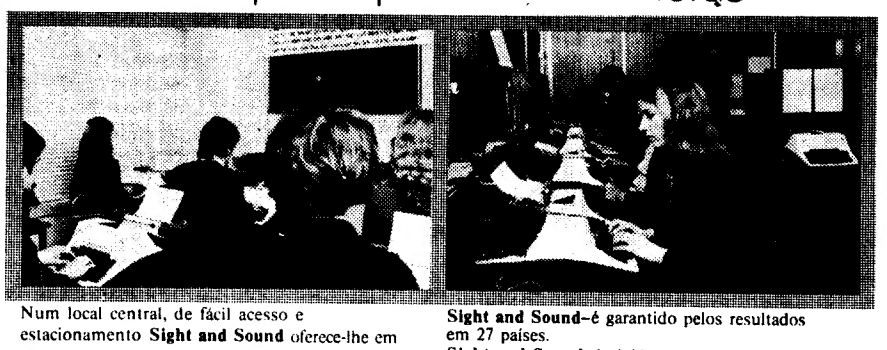
20 anos
1954·1974

Já tem vinte anos a
REGISCONTA
...aquela máquina!

Vinte anos, para um Homem,
é juventude e dinamismo.
Para uma Empresa,
é maturidade e experiência.
Nós temos 20 anos.
Oferecemos-lhe
a maturidade da nossa experiência
e a juventude e dinamismo
do Homem da Regisconta.

LISBOA / PORTO / COIMBRA / FARO / LEIRIA

NOVO MÉTODO
Sight and Sound
Agora V. pode aprender a escrever à máquina apenas em 14 horas



Num local central, de fácil acesso e estacionamento **Sight and Sound** oferece-lhe em instalações modernas e funcionais, com o mais recente equipamento e um grupo de monitores especializados, o primeiro método audiovisual inteiramente programado, para aprendizagem e aperfeiçoamento de dactilografia e outras técnicas para a utilização de teclados:

Sight and Sound–é garantido pelos resultados em 27 países.
Sight and Sound–é rápido–em cerca de 14 horas obtêm uma formação básica.
Sight and Sound–tem um horário de grande elasticidade que vai desde as 9 às 22 horas.
Sight and Sound–faculta um regime de inscrições permanentes.
Sight and Sound–é adequado a qualquer idade e nível de instrução.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NO:
Centro Sight and Sound
Rua Filipe Folque, 46-4.º
Tel. 53 65 29 LISBOA - 1
SEA–Sistemas Educativos Audiovisuais, S.A.R.L.

JUAN MALDONNE DE MICHEL D'ARD PRÉMIO FÉMINA 1973

Por ALCIDES DE CAMPOS

Sucessivamente jornalista, professor, adido cultural, Michel Dard, sessenta e cinco anos de idade, estreou-se tarde na carreira literária, nomeadamente no romance. Assinalado pela crítica, primeiro com *Mélusine*, que obteve o Prémio Valéry Larbaud em 1967, depois com *Les annés profondes*, Michel Dard foi considerado pelo Sindicato dos Críticos Literários como o autor de um dos três melhores romances publicados em 1968.

Grande viajante, Michel Dard oferece-nos neste terceiro e último romance **Juan Maldonne** (1), um panorama dos seus profundos conhecimentos dos «mundos estrangeiros» que visitou: neste caso a Turquia, uma Turquia uma vez mais envolvida de mistério nos estranhos labirintos de um país fiel aos seus costumes milenários. Uma Istambul que não esquece que foi Constantinopla e um povo para quem as tradições (culturais e religiosas) são sinónimo de sobrevivência face às influências estrangeiras.

O estilo de Michel Dard é elegante, clássico, sem surpresas. O júri do *Fémina* bateu-se (e debateu) a frio, acabando por coroar **Juan Maldonne** contra *Ici commence*, de Natacha Michel (2),3 graças à preponderância da dupla intervenção (voto) da presidente do júri. Decisão *arbitrária* que deixa pressupor a urgência de uma revisão dos estatutos da *academia* feminina, uma vez que o livro de Natacha Michel, uma estreante, nos revela os cuidados de uma estilo e a novidade de uma prosa que o romance de Michel Dard está longe de oferecer-nos.

Juan Maldonne, 428 páginas, é a *história* de um jovem investigador científico que corre (da Polónia à Turquia) ao socorro de Inge Blessé, sua amiga de infância e francesa radicada em Istambul, onde se converteu ao Islamismo, implicada numa tentativa de «subversão religiosa» contra o regime político turco em vigor em 1939, com a guerra prestes a explodir sobre a Europa e o Mundo.

Juan Maldonne, nome do herói do livro de Michel Dard, é uma personagem quase mística para os seus familiares e amigos mais próximos: inúmeráveis elementos de um romance excessivamente longo em que se fala de tudo um pouco sem que a análise penetre realmente o fundo do sujeito. O Bósforo é uma encruzilhada de sombras, Bizâncio uma nostalgia de estrangeiros definitivamente instalados nas facilidades de uma «vida à turca»: diplomatas, burgueses, profissões liberais aconchegados num conforto burguês que, situada para além dos Dardanelos, tresanda a erotismo, a tapetes do Oriente, a chaminés bem aquecidas apesar das mornas conversas que à sua volta se proclamam.

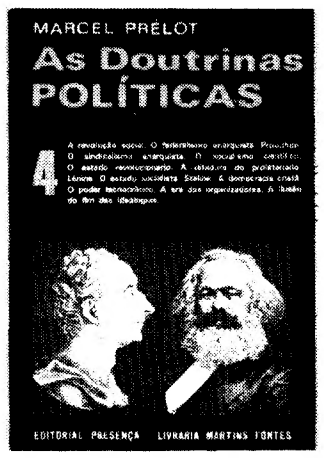
Tapetes, conforto, fatuidade, simbologia fácil, palavras multiplicadas em diálogos sem fim... Etc. E gentes que vão e vêm, surgem e desaparecem como numa feira popular exclusivamente aberta a «gentes de nobre e elevada condição social». Romance de personagens perdidas nos corredores de uma intriga sem interesse, *cocktail* de «europeus» refastelados e «inteligentes» a par de indígenas voltados quase exclusivamente para a vida mística (mistificadores dos *nobres europeus?*), *Juan Maldonne* pretende encarnar uma realidade surpreendida em flagrante delito de verdade quotidiana através de um herói de borracha lavável, semideus na imaginação do seu autor e das dezenas de «actores» não menos artificiais (laváveis) que com ele se cruzam neste estreito caminho literário em que aconfusão (do autor e dos *seres* a que procura dar vida) do enrêdo (?) se confunde com a triste personalidade de Juan Maldonne. Apesar da atracção que este é suposto exercer (na mitologia de Michel Dard) sobre o vasto leque humano que gira em torno da sua auto-suficiência.

As «velhas senhoras» do *Fémina* coroaram, desta feita, um vulgar livro de aventuras, um cenário de filme para os sempre igualmente chatos, vulgares e insípidos Lino Ventura e outros Alain Delon há muito sacrificados ao ofício de canastrão sem recursos. Como diria o outro: dá Deus os prémios... e os banhos turcos frios... Etc. Ou: no reino do folclore para turistas americanos... e da «literatura» para quiosque de estação dos caminhos-de-ferro. Lamentável.

1) Editions du Seuil, Paris-1973
2) Editions Gallimard, Paris-1973.

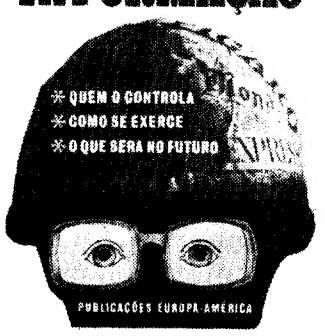
Movimento editorial

● Ensaio

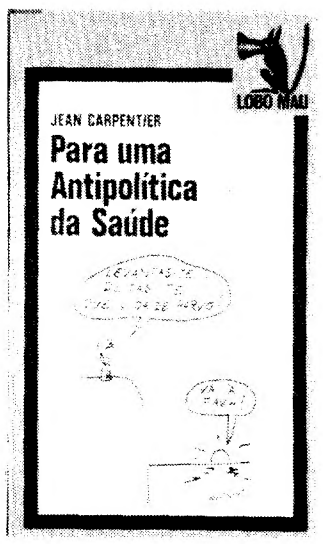


Com a publicação do 4.º volume, a editorial Presença terminou a edição, em língua portuguesa, de «As doutrinas políticas» de Marcel Prélot, em tradução de Natália Couto. Temas do último volume: **a revolução social, o federalismo anarquista, o socialismo científico, o estado revolucionário, a ditadura do proletariado, Lenine, o estado socialista, a democracia cristã, o poder tecnocrático, a era dos organizadores, a ilusão do fim das ideologias.**

A última edição das «Publicações Europa-América» é o discutido «Le pouvoir d'informer», de Jean-Louis Servan Schreiber, editado em França em 1972 (Robert Lafont) e, agora, entre nós, com o título de «O poder da informação». Neste livro, Servan Schreiber examina a evolução da informação desde o seu início, focando alguns dos problemas que actualmente enfrenta face à concorrência da televisão, da rádio, mas o que mais o preocupa é o problema da posição dos meios de informação dia-a-dia mais dependentes da publicidade. O autor encara os problemas a que dedica a sua atenção dum ponto de vista puramente tecnocrático sem considerar, por outras palavras, a função desempenhada pelos meios de informação no evoluir social e sem atender aos interesses que ela serve em relação a esse mesmo evoluir. Este comentário não anula nem diminui, porém, o interesse deste livro inteligente e repleto de informações.

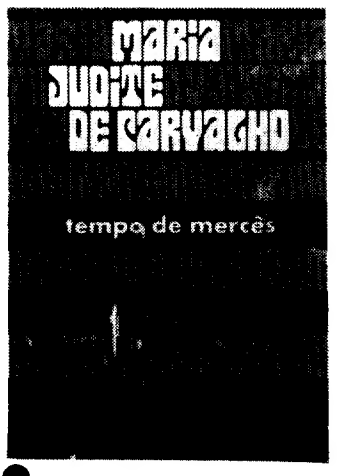


«Para uma antipolítica da saúde», de Jean Carpentier, lança uma editorial nova — «Teorema» — que parece ter escolhido bem a sua obra de apresentação, já que o volume de textos do discutido médico francês se esgotou em três dias. Autor do «Apprenons à faire l'Amour», Jean Carpentier estuda, nos textos agora apresentados em tradução de Maria Ponce, a relação entre a sanidade física e mental.



● Ficção

«Angustia para o jantar», de Luis de Sttau Monteiro, acaba de ser lançado numa edição de Bolso dos Editores Associados (Unibolso). Trata-se da 7.ª edição, em língua portuguesa, deste romance editado pela Ática.

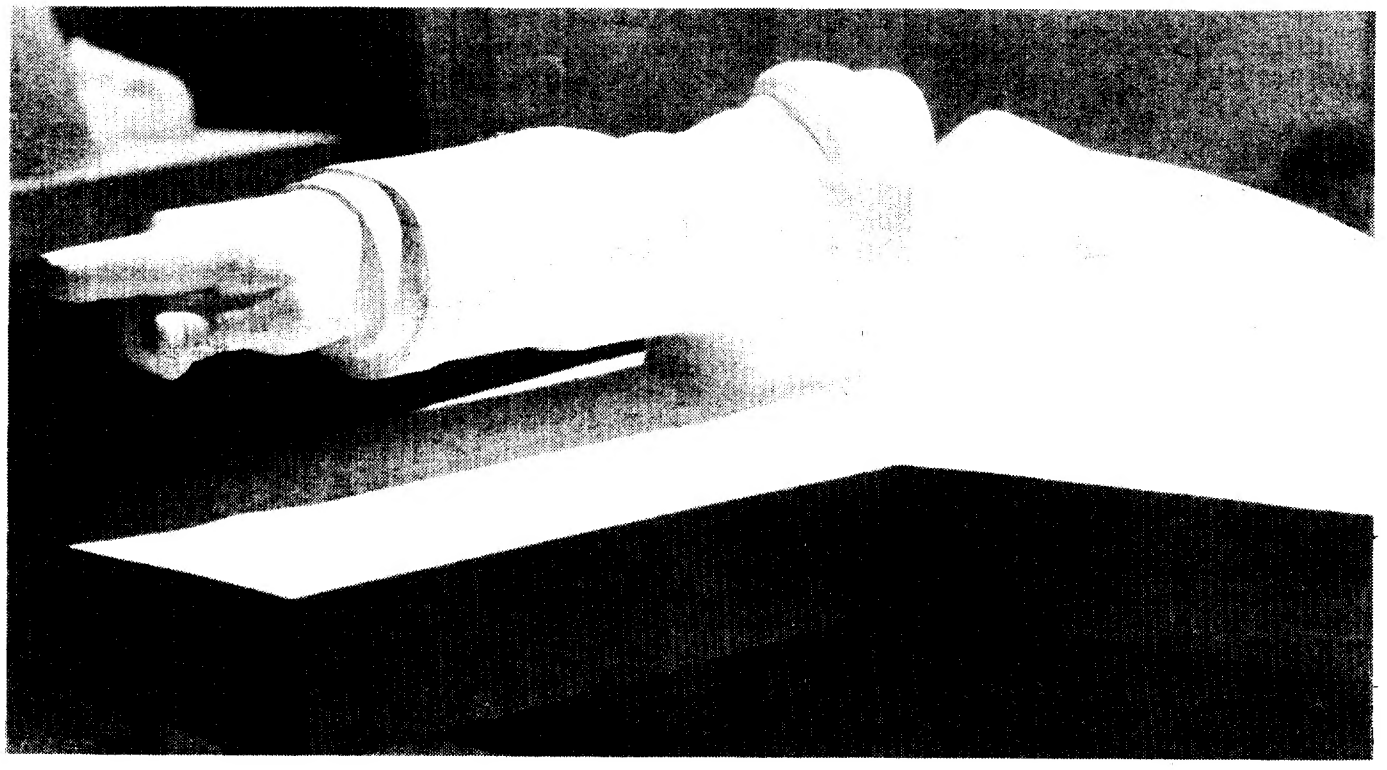


De novo, neste período de traduções e reedições, há a assinalar o «Tempo de Mercês» de Maria Judith de Carvalho, autora que não precisa de apresentações. O seu novo livro.

«As aves da madrugada», de Urbano Tavares Rodrigues», entrou na 4.ª edição. Tal como as anteriores, esta edição é da Bertrand e contém um estudo de Óscar Lopes publicado pela primeira vez na segunda edição da mesma obra (1966).

SALÃO DE MARÇO: FEIRA OU EXPERIÊNCIA?

O Salão grande da SNBA a abarrotar de obras de tal modo que, da primeira vez que lá fui, saí com os olhos a doer de tanta variedade de objectos olhados (que não vistos, era impossível!), ao todo 215 trabalhos com 74 nomes a assiná-los, muito, pouco, ou nada conhecidos. Aí vão eles por ordem de inscrição (que é a que preside às folhas-catálogo):



— Ivone Belette, Joaquim Barata, Maria Dine Sardinha, Sérgio Pinhão, Julião Sarmento, Henrique Manuel, José Manuel Guerreiro, Vergílio Domingues, Marília Viegas, Eduardo Teixeira, Artur Bual, Maria Gabriel, Maria de Lourdes Rodrigues, Aida Miguel Barata, Augusto Pinheiro, Victor Belém, Rodrigo, Justino Alves, Fernando Cruz, Sérgio Pombo, Pires Vieira, António Pires, Eduardo Nery, Criner y Dintel, Arnaldo Serra, Guilherme Parente, Pedro Sobreiro, Assunção Venâncio, Lisa Chaves Ferreira, Silva Moura, Teresa Magalhães, Arnaldo Figueiredo, José Augusto, Maria Regina Alexandre Pires, Fausto Boavida, Man, Maria Noémia Fernandes, Matilde Marçal, Gil Teixeira Lopes, Nikias Skapinakis, Rui Filipe, Luís Gonçalves Monteiro Gil, António Ramos, José Cândido, António Amaro, Lud, Nuno de Siqueira, Fernando de Oliveira, Aldina Costa, Emília Nadal, Clara Semide, Lima Carvalho, Pedro Chorão, Dorita de Castel-Branco, Malangatana, Álvaro Lapa, Joaquim Bravo, Helena Cunha, Teresa Cortez, Ilda Reis, Fernando Grade, Elisabeth Pires, Maria José Aguiar, António Quadros, Alice Jorge, Ângelo de Sousa, Eurico, Rocha de Sousa, Júlio Pereira, Quintino Sebastião, Augusto Barros, Palolo e Helena Almeida.

... Mas afinal, os nomes são o que interessa menos numa exposição como esta (por isso vão referidos de entrada e ficam assim despachados) aliás, tão interessante como esta lista de presenças seria uma lista de ausências, esta agora restrita a nomes conhecidos e prestigiados; no entanto, o que fundamentalmente interessa é mostrar uns quantos aspectos em que o presente Salão pode revelar-se mais interessante do que todas as grandes exposições colectivas que o antecederam, vejamos...

1 — NÃO-SELECÇÃO

«Este salão foi organizado em muito pouco tempo, experimentando convidar directamente os artistas que mais se têm aproximado ultimamente da SNBA» tal a informação, quanto ao critério, que nos dá Rui Mário Gonçalves num artigo esclarecedor (Expresso 23-3-74), assim esta exposição destinava-se a participantes em exposições individuais e colectivas, gente amiga contactada por carta ou mesmo pessoalmente, um vasto naipe de sócios e de amigos que, como «profissionais» ou como amadores, praticassem artes plásticas fora dos esquemas oitocentistas, que enformaram tantos e tantos salões passados, já dentro, e bem, da segunda metade do século XX. Critério que procurou quase anular-se, na sua própria ausência, a deixar que os trabalhos expostos e o olho dos visitantes façam o resto, o que é bastante salutar.

De tudo isto resulta uma enorme variedade de tentativas que vão das «vanguardas» possíveis aos academismos abstractos, e ao neo-«trompe-l'oeil» por vezes de grande qualidade, passando por uma série de manifestações de «surrealismo» ingénuo especialmente interessantes porque tendem a tornar-se colectivas e que mostra ao nível de uma prática da pintura como «hobie» de horas vagas e domingos, uma curiosa evolução dos modelos a seguir e que vão deixando de ser académicos como eram tradicionalmente.

Sem júris de admissão, mostrando às pessoas o que lhes deu na gana mostrar, sentir-se-á o público ainda mais à vontade para escolher, comparar e, eventualmente, para comprar já que estava...

2 TUDO À VENDA

Este o simpático aspecto de feira que toma a exposição, tentativa para beneficiar e auxiliar uma sociedade que não tem quaisquer fins lucrativos e que está feita para servir os artistas portugueses (e onde os 20 por cento pedidos sobre qualquer venda não têm comum medida com os 40 por cento ou mesmo 60 por cento praticados por certas galerias comerciais). Aliás este aspecto foi outra das condições impostas pela própria Sociedade «pois estava a acontecer cada vez mais aparecerem obras negociadas à parte» (R.M.G. no artigo já citado) tornando-se assim a Sociedade numa montra para certos artistas que se diziam, ou que estavam, presos a contratos com galerias ou outros compromissos de ordem comercial.

Assim veio quem quis, ou quem pôde, e todos os trabalhos foram postos à venda. Um estudo das curvas dos preços através da folha-catálogo continua a ser extremamente significativo do valor que as pessoas a si próprias se atribuem, da atribuição de um papel de promoção aos preços altos (ou vice-versa) tudo isso são curiosos materiais para um estudo da mentalidade portuguesa do nosso tempo.

Um dos problemas que se punha a este aspecto de feira que assumiu o Salão era o de saber se ele seria ou não correspondido por um público comprador.

3 COMPRADORES

A questão não era tanto a de transformar esta iniciativa num êxito económico para a instituição que a promovia, e que bem precisava dele, mas de ver em que medida a S.N.B.A. poderia constituir um mercado independente e paralelo à parte do das galerias comerciais. Com efeito, era voz corrente à história de um artista, qualquer artista, ser incapaz de vender por dez na SNBA a mesma peça que uma galeria comercial venderia por cem numa exposição por ela organizada. O que aconteceu não infirma talvez esta história, pelo menos quanto à segunda parte dela, mas, quanto à primeira, vem provar a existência de um público comprador de «arte moderna» ligado à SNBA. Dezenas e dezenas de trabalhos vendidos, não às catadupas mas a um constante ritmo diário, vem provar a existência desse público que, a pouco e pouco, parece ir perdendo a timidez. Significativamente o aspecto promocional dos preços altos parece não funcionar aqui, antes pelo contrário.

O sucedido vem corroborar a outro nível o que já acontecia ao da grande burguesia: significativas mudanças no gosto em Portugal (sem nos esquecermos contudo do aspecto especulativo que sempre há no comprar barato uma peça o que lhe dá, aparentemente pelo menos, muitas mais possibilidades de triplicar ou quadruplicar o seu preço com a desejável rapidez). Significativamente para a história do gosto esta exposição é-o também para a história da arte: porque mostra a base económica que já pode ter uma produção moderna em Portugal em termos de consumo, isto em primeiro lugar e, em segundo lugar, porque ajuda a estabelecer uma base, um conjunto, ou um «corpus» de trabalhos sobre o qual e necessariamente **contra** o qual terá que se construir a história da arte no nosso País... e não só. Isto vem levantar como problemas alguns...

4 EQUÍVOCOS

que esta exposição não deixa de levantar. Quanto a mim são dois os fundamentais:

a) Os nomes. Numa sociedade em que contam predominantemente a afirmação individual competitiva imediatamente ligada a uma cotação mercantil ambas contribuindo para uma inútil mitificação do artista e do seu papel, que pode ser muito útil como destruidor ou até como simples ilustrador de mitos, muito mais do que como mito-ele-próprio, a tendência nunca será para o profissional se tornar amador, até porque não pode (i.e. não o deixam) mas para o amador se tornar profissional, tornando em obrigação o que antes seria puro prazer. O largo e salutar convívio deste Salão, só será uma coisa e outra, se não conduzir a mais mistificações, se for um encontro de homens que gostam de pintar e não uma sondagem de mercado e uma comparação de cotações, será isto possível? Será o contrário evitável? Tal não depende de vontades ou tomadas de consciência individuais, bem como não depende de artigos num jornal, mas sim de uma lenta e difícil tomada de consciência colectiva.

b) Uma larga aceitação social traz sempre consigo os perigos inerentes do conformismo e do academismo, muito embora a variedade de formas e de fórmulas inventadas no século XX possa servir como antídoto. Um academismo para o nosso tempo é perfeitamente possível, digo mais, ele já vive, mais ou menos oculto entre nós e não só em Portugal, daí que os reais êxitos obtidos por este Salão-Feira não podem ser considerados suficientes «os promotores verificam o que acertou e o que falhou, e saberão fazer melhor» disse também Rui Mário Gonçalves que foi, creio, um dos promotores, este Salão pode representar o início de um trabalho comum, extremamente difícil ou uma moderna versão dos antigos Salões de Primavera, ou uma versão portuguesa de dos Surendépendants parisienses, feira e forja de novos valores para um velho sistema comercial. Estas opções também não se podem tomar ou definir ao nível de uma consciência individual ou de uma determinação pessoal, é por isso que as sucessivas vanguardas do século XX têm sido sempre desviadas do seu sentido inicial, é urgente que todos comecemos também a tomar consciência disto.